

delas. A mais medonha cobra pintada , agrada : as coizas mais ordinarias , quando sam bem explicadas , nam podem dezagradar. Deve o discurso ter primeiramente , clareza nas expreçoens , para poder insinuar-se no animo ; harmonia , e facil pronuncia. Estes sam os naturais. Entre os artificiais , põem-se as Figuras todas , os Tropos , as magnificas expreçoens , as aluzoens , alguma ingenhoza applicasam &c. as quais sam às vezes tambem recebidas , conio a meisma verdade : e elevam a alma com o encanto oculto da-grandeza , para a qual ela tem propensam natural. Nestes é em que se-deve empregar o juizo , distribuindo-os com muita parcimonia , e boa eleisam. Nenhuma coiza orna , que nam seja racional : quando os ornamentos sam repetidos , ou estam muito juntos , sam importunos , e dezagradam muito : confundem a vista , e cobrem toda a beleza do-sujeito. Ja nisto falámos larguissimamente. Finalmente quando o ornamento , nam se-funda em verdade , aindaque um pouco encarecida ; é uma afetásam ridicula , que mostra nacer , de um ingenho mui trivial. Os ignorantes sam , os que procuram com cuidado , estas ridicularias , para aquistar fama de doutos por-esta via , visto que a-nam-podem por-outra.

Outro defeito ainda acho , em que comumente caem , e vem a ser , encher o discurso de alegaçoens importunas , de paços Latinos , de versinhos , e outra coizas que incontram. Podem as aluzoens , e alegaçoens &c. ter lugar , quando á necessidade de ouvir as palavras , na mesma lingua original ; ou para mostrar a sinceridade , de-quem as-cita ; ou a elegancia , de quem as-escreveo : o que raras vezes succede : tudo o mais é tempo perdido , e trabalho mui escuzado. Este dezejo de parecer erudito , com a repetisam de mil paços de autores , tem alucinado infinita gente. Conheci um , que nam abria a boca , que nam repetise um verso de Marcial , de Juvenal &c. Examine V. P. este ponto , e achará , que o defeito é mais geral , doque nam parece. Conheço pouquissimos estudantes desta Universidade , talo principalmente dos-Opozitores , e dos-que tem prezunsam de literatura ; cuja conversasam seja toleravel. Para dizerem , que agora é dia ; sairam com um , e talvez muitos textos do-Digesto , ou Codigo &c. Nam deixam passar coiza , que nam ornem com algum versinho moderno : e quem sabe mais disto , é mais ciente. Aquele , *Erubescimus sine lege loqui* , intendem-no tam nû e crû , que é uma piedade. Tambem entre os Religiozos , nam falta desta fazenda : aquele , *tandem , item , a parte rei , cum hoc quod , hoc unum est* ; e outras destas palavras , sam mui frequentes nos-seus discursos : e tambem seus textos da-Escritura , e seus versinhos Latinos. Isto entra em todas as conversaçoes , aindaque sejam de idiotas , e molheres : antes nese cazo melhor , porque se-grangeia fama sem embaraso.

Este mau modo de pensar , e discorrer , pasou ja da-conversaçoes , para as composicoens : e por-iso V. P. ve tantos discursos , ou sermoens , ou orasoes , que se-nam-podem soffrer. Tenho lido mil orasoes moder-

nas *** e rarissima achei, em que nam intráse Plinio o moso, claro ou oculto: mas pola maior parte entra claro: e às vezes a orasam tem mais palavras de Plinio, doque de quem a-compoz. Ouviram dizer, que o Panegirico de Plinio, é o mais suportavel, que nos-deixou a Antiguidade: e sem mais exame, enchem tudo de Plinio. Outros pasam do-Panegirico às Cartas: um destes é o P. ** que no-elogio funebre de Julio de Melo, faz uma istória, em que introduz muitos periodos, tirados de varias cartas de Plinio, que dizem o mesmo, que ele repete. Este modo de elogiar, é totalmente novo, e ignoto à Antiguidade: mas nem por-ser novo cuida que agradará, aos que intendem a materia. Nestes Panegiricos achará V. P. duas coizas comumente: uma, é Plinio, e algum autor semelhante: a segunda, é o Sol, com as Estrelas. Mais vara menos vara, aqui vem dar todos. Seria porem melhor, que estes autores puzesem de parte, Plinio; e disesem alguma coiza de sua caza: e nam dezenquietasem as Estrelas, trazendo-as para uma coiza, para aqual nam callam bem. Nam é este o modo de elogiar. disto se-rim todos os omens que sabem.

Até as aprovaçoens dos-livros, andam cheias destes textos, às vezes arrastadifimos, e talvez tirados da-Escritura, para provar uma frioleira. Os que nam trazem textos, introduzem razoens bem desnecessarias, e difundem-se em elogios, tam excessivamente encarecidos, que ninguem os pode ler sem nauzea. Aindaque disesem a verdade, e bem; sempre era um grande defeito, e impropriedade. Vi á annos a vida do-Infante D. Luiz, em 4. escrita polo Conde de Vimiozo; da-qual as aprovaçoens, sem encarecimento algum, compoem metade do-volume. E nam só fazem isto nos-livros; mas em papeis avulsos, e breves. Vi uma Egloga, escrita por um certo Felipe Jozé da Gama, no-nascimento de um neto de Joam Alvares da-Costa; cujas aprovaçoens eram maiores, que a obra. O pior é, que tinha uma aprovaçam do Conde da-Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, que caía na mesma simplicidade. Com effeito, este era o carater do-dito Conde: que, para mostrar que sabia muito, carregava as suas pinturas, com tantos ornamentos, e doutrina, que pareciam ridiculas. Ele era um omem erudito: mas ignorava totalmente aquilo, a que chamam modo, metodo, e criterio. com tanto que faláse muito, nam lhe-importava se dizia bem. E naverdade na dita aprovaçam da-Egloga, tem coizas indignas. Deixa logo o argumento, e pasa a descobrir entre Joam Alvares da-Costa e Asinio Pollio, grande uniformidade. despois, difunde-se sobre os louvores da-Poezia. finalmente faz uma selada tal, que nam vi coiza mais confuzza. Eu nam disputo agora, se a dita Egloga merece estes louvores: concedo tudo de grafa: o que digo é, que se-explicava em duas palavras: e é grande impropriedade fazer uma censura eterna istoriada, para uma brevissima Egloga. Certamente o P. Estacio de Almeida, que em materia de Poezia Latina, cuida que sabe alguma coiza mais, que o dito Conde; mostrou

trou o seu juizo na approvasam, contentandc-se com dizer, que era digna de s' imprimir. E isto deviam tambem fazer os outros: deixando de fazer Panegiricos, a coizas que nam merecem, menos: e fazelos de um modo, que merece mais rizo a erudisam que trazem, que a que lhe-falta. O P. D. Manoel Caietano de Souza, tambem seguia esta opiniam. Compoz o Sargentomor Manoel Coelho, uma Explicasam das oito partes da-orasam: mas tam pequenina, que nem menos so-lhe-deve chamar livro, mas caderninho. (foi impresa em Lisboa, no-ano 1726.) Succede que D. Manoel aprova esta obra: e aqui, tomando as coizas desde o principio, faz uma longuissima censura, e um catalogo dos Gramaticos do-Reino &c. Tudo coizas desnecessarias! E sei eu, que, se ouvese de imprimir-se em outro Reino, se-contentariam com escrever, *Imprimatur*. Com esta advertencia observe V. P., as approvasoens dos-livros, e vera, que ainda nam digo metade, do-que devia. Neste particular de approvasoens, nam vi omem em Portugal mais moderado, que Fr. Manoel Guilherme: fugia quanto podia de mentiras e afetasoens; e claramente dizia, o seu parecer. Mas oje succede o contrario: porque às vezes fazem-se empenhos, para determinar os censores: e estes tais, nam censuram o livro, mas agradecem a eleisam. E sei eu tambem, que quando o P. *** premio a sua obra ** tendo feito um Teologo, a sentura difuza; foramlhe pedir novamente, que se-dilatase mais, e louvasse a obra com maior extensam. E nam podendo livrar-se do-empenho, que era forte; acrecentou alguns sinonimos, para satisfazer às partes; o que sei da-meima boca do-censor. Onde com estes exemplos, nam devemos admirar-nos, se incontramos os elogios tam frequentemente ***

Mas, tornando à dita erudisam afetada, digo, que a este modo de ornar e discorrer, chamam os Retoricos, *ornamentos falsos*. Porque os outros, podem ter lugar no-discurso, e so se-procura a parcimonia: estes, de nenhum modo devem intrar nele. Ja gran tempo é, que os omens de juizo clamaram: contra este abuzo: principalmente porque, bem examinada a coiza, é uma solenissima impostura, e azilo de ignorancia: sendo certo, que estes tais nunca tem menos erudisam, que quando mostram ter tanta. Quem ouve aquela machina de textos, persuade-se que é um omem, de erudisam infinita: mas nada menos: e eu posso jurar de muitos, que nam abriram os livros que citam, aindaque sejam bem uzuais. Remedeiam-se com o *Theatrum Vitae Humanae*, *Polyantea de Langio*, e outros destes armazens, em que polo A.B.C. acham-se as materias, dispostas. De que vem, que os omens inteligentes nam podem menos, que rirse de tais composisoens. Lembro-me, que um leitor de certa Religiam, querendo persuadir-me, que um seu amigo sabia latim perfeitamente; dizia-me, que lia sempre por-*Plutarco*: e carregava muito em *Plutarco*. Ouvi esta muzica algum tempo; e nam podendo soffrer mais, perguntei-lhe, se

se *Plutarco* era bom Latino. Aqui o oniem: *Poisque, isto tem duvida? na Antiguidade nam acha V. P. um Latino, como Plutarco.* O que daqui se seguiu foi, ficar eu formando mui mau conceito, dele, e do-seu amigo. De um, por-dizer o que nam sabia: pois se tivesse aberto *Plutarco*, ou acharia o texto Grego com a versam Latina; ou tendo fomento a versam, acharia no-frontispicio, o nome do-tradutor. Do-outro, por-que ainda que a tradusam, nam seja barbara, contudo nam é livro para se-imitar: falo da versam de *Curserio*, e *Xilandro*: &c.

Tambem nam é pequeno defeito, a grande repetisam de sentenças, sem necessidade. Persuadem-se muitos, que, falando por sentenças, ficam graduados como futilissimos, e fundadissimos letrados. Leram em *Seneca* Filozofa, ou *Lucano*, ou *Tacito*, ou algum semelhante, uma quantidade destas sentenças; e sem mais exame, nem advertencia, adotam aquele estilo; e deitam mais sentenças pola boca fóra, que uma carranca de xafariz nam deita agua. Verdadeiramente é um divertimento, bem digno de se-procurar em oras ociozas, ter uma conversasam com um destes. Eu gozei esta felicidade algumas vezes: e nam me-podia satisfazer de observar, aquella circunspeccam magistral, com que proferem as palavras, em tom decizivo, e com toda a magistralidade, de um Padre de Concilio. Ja eu lhe-perdoára a materia: o que nam posso sofrer é, o modo com que se-explicam. Se eles tivessem observado e intendido, que aquele mesmo *Seneca* foi o primeiro, que comecou a perverter, o bom gosto da-Latinidade, com tam enfadonhas sentenças: com as quais perdeo entre os seus, e entre todos os que se-seguiram de alguma estimasam; aquele conceito, que poderia aquistar, se fosse mais parco de ornamentos: saberiam entam, com que olhos se-devem ler, certos autores. Mas eu falo em um suposto, que me-parece fallô, e vem a ser; que estes tais profiram, verdadeiras sentenças: falam como se fosse por-sentenças; mas nam sei se o que dizem, merece este nome. Porque a Sentença deve, em poucas palavras, dizer muito, e dizelo com modo singular: o que raras vezem se-acha neles.

Note tambem V. P: outro defeito de eloquencia, no-mesmo frontispicio dos-livros. Estam estes seus autores, tam preocupados polas esquipassoens, que nam se-contentam, de pôr o titulo do-livro claro: mas ou inventam um estrambotico, ou acrescentam algum epiteto, que obscurece o negocio. v. g. *Cristais, d' alma, fraze do-carasam: Fenix renacida: Alivio de tristes, consolasam de queixozos*: e outras coizas destas, que quando eu as-leio, me-vem á memoria, o *Belorofonte literario*, *Clypeus Mundi*, e outros titulos ridiculos, que só estavam bem, na boca de *D. Quixote de la Mancha*. E isto nam só achará V. P. entre os Antigos, mas entre estes Modernos. Traduz um Bacharel os Epigramas do-P. Reis, em verso Portuguez, e dá-lhe este titulo: *Imagens conceituozas*. Ora falemos

sem paixam, intende V. P. que, lendo-se estes titulos, poderá um omem advinhar, o que contem estes livros? Eu nam tenho difficuldade em apostar, que nam: e digo mais, que este autor nam intendo, o que quer dizer aquele titulo: pois a falar verdade, nam á maior despropozito, que a uniam daquelas duas palavras, para explicar a dita versam. E ponho agora de parte a loucura, de traduzir em Portuguez, epigramas destes Latinos, cuja galantaria nam consiste, em um conceito nobre; mas em palavrinhas, ou equivoccos, que perdem o pico, na tradusam. Mas nam pára nisto o abuzo: antes chegou a termos, de se-nam chamarem ascoizas, com os seus nomes, porem com outros muito diferentes. Vi concluzoens de Logica, que se-intitulavam: *Regnum Algarbiense in quatuor vicos distinctum: Vicus primus, de Signis: secundus, de Enunciatione &c.* que se podia intender, ser uma carta geographica. Outras de Filozofia intitulavam-se: *Pigmenta Philosophica.* Finalmente chamavam-lhe como queriam. E isto é mui frequente, nas escolas da-Companhia: e nam faltou ja quem medisese, que eram titulos ingenhozos. Estes titulos, *Conclusiones, Propositiones, Theses,* nam prestam ja para nada: sam coizas dos-antigos, e nomes mui ordinarios. E que chama V. P. a isto, senam jurar, de nam dizer as coizas direitas, mas de falar em Persiano, ou Clinez?

E se V. P. examinar este defeito, achará, que sam poucos os autores, que nam caiem nele. Outros acrescentam epitetos afetados. v. g. *Regras da-lingua Portngueza, Espelho da-lingua Latina:* deixando agora muitos outros, que podia acrescentar. Contudo eu intendo, que era mais natural, e nobre dizer: *Regras da-Gramatica Portugueza, para introduzir os rapazes, na Gramatica Latina:* ou ainda mais breve, e melhor: *Introdusam para a Gramatica Latina:* e falando assim, todos o entenderiam. Que fizeseem isto nos-dois ultimos seculos, paciencia: mas agora, que o mundo abriu os olhos, e todos procuram explicar-se bem; nam se pode sofrer: e vale o mesmo que mostrar, que nam intendem em que consiste, a elegancia da-lingua, e a forsa da-eloquencia. Os *seicentistas* sam os que caíram, nesta ridicularia: os antigos doutos todos a-evitaram: e se algum se-desviou dela, nam teve sequazes, e deve ser reprovado. Os titulos dos-Antigos, todos sam simplezes: *Cornelius Celsus, de Re Medica: Caii Julii Caesaris, de Bello Gallico &c. Ciceronis Orationes: Epistola, de Finibus bonorum &c.* e outros a estes semelhantes. Estas palavras mostram bem, o de que se-trata: e aquela nobre simplicidade encanta mais, que todas as afetaçoens, a quem intende, que coiza é Eloquencia. Os Modernos doutos, quando nam sam anonimos, que querem brincar; servem-se de titulos sezudos, breves, e claros: e nisto é em que oje se-cuida. Com effeito nos-titulos se-mostra, o juizo do-autor. Eles sam os que apontam a materia: e devem nam dizer mentiras, e falar em lingua, que todos intendam.

Pertencem a esta classe, os que nas conclusões publicas, poem por-questam principal uma coiza, que nam significa nada, e nam pertence à materia. Confesso a V. P. que quando a primeira vez, vi neste Reino estas conclusões, fiquei pasmado: e quando vi, que a dita questam nam se-disputa, nem serve de nada, ainda me-admirei mais. Um destes imprime umas Conclusões de Logica: dedica-as a Cristo Crucificado: (porque estes moços tem tanta devosam, que em nenhum lugar a-podem encubrir) e poem por-questam principal: *Se ficou mais glorioso Cristo na cruz, que no-Labor.* Outro faz umas conclusões de Materia Primeira, e poem por-questam: *Utrum in Luna concavo degant homines?* Finalmente é bem raro aquele, que poem questam principal, tirada das-conclusões: mas ou da-dedicatoria, ou de outra coiza, que nam significa nada. E estarão às vezes semanas inteiras, lambicando o ingenho, para excogitar uma questam futilissima, que calse bem à dedicatoria. E que chama V. P. a isto? senam dizer mentiras: servir-se de palavras que nam significam nada: improprias ao argumento: só para mostrar, que tem ingenho. Saiem eles logo dizendo, que é um costume antigo: E eu respondo, que é mau costume: e que se-deve emendar. Na minha Italia poem-se as conclusões simplesmente, sem estes rodeios. Se as conclusões são dedicadas a Cardiaes, ou Bispos, ou outras pessoas grandes; estes vam assistir em publico, asentados defronte do-Defendente: o qual porem está na cadeira: e ali faz ao principio um comprimento Latino, à pessoa a quem dedica, breve, e claro: e procura falar em lingua, que todos entendam, e mostrar a sua doutrina sem futilidades, nem coizas que mereçam rizadas.

Nem intenda V. P. que estes defeitos que aqui aponto, são de um ou dois autores: nam senhor, são gerais. Leia V. P. estas obras Portuguezas modernas, principalmente orações Academicas, em que fazem ostentação, de toda a erudição e advertencia; e confirmará o que digo. *** Entre os modernos, o Conde da-Ericeira tem muito disto, como já dissemos. Começa as suas coizas com uns rodeios, e umas obscuridades, que sem comentarios nam se-intendem. Daqui passa a acarretar, tudo quanto leo: e comumente dezempara o assunto, para dizer o que lhe-ocorre. v. g. No-elogio Funebre de Francisco Dionizio de Almeida diz, que toniava por-empenho, deferever o elogio de Tito Pomponio Atico, que morrerá no-dito dia. Mas sem falar em Atico, mete outras noticias estrangeiras, e diz mui pouco do-defunto. Promete encarecer a perda do defunto: mas nada disto faz. O mesmo Conde no-elogio do-Papa Inocencio XIII. declara logo, que nam seguirá os preceitos da-Retorica, mas da-Istoria: e com effeito faz um catalogo difuzissimo e insuportavel, da-geração do-dito Papa: e deste nam diz nada. Devendo porem saber, que a obrigação sua era, exaltar as virtudes do-seu eroe, e nam as dos-pasados. Pois assimcomo nenhuma mulher seissima merece ser louvada, porque é filha, de uma mulher

lher mui bonita : antes polo contrario , a fermozura da-maen dá ocaziam ; paraque nos-admiremos da-filha : asim tambem as virtudes dos-pasados , nam ferveem de panegirico aos presentes : é necesario mostrar , que estes excedem os seus maiores , nas mesmas afoens. Do-que fica claro , que o dito Conde sabia pouco , elogiar. E nam se-podia esperar menos , de um omem que protesta , de nam seguir a Retorica. E quantos parentes , quero dizer , apaixonados , nam vemos deste fidalgo ! Mas sem nomiar mais ninguem , provarei tudo com outra orasam , feita na morte , de D. Manoel Caietano de Souza : da-qual porem nam sei quem é o autor , nem onde foi impresa ; porque uma que achei em certa parte , e ainda confervo , nam tem as primeiras folhas , e começa na folha 7. Mas ieja quem for , é moderno : vistoque o Souza morreo á pouco tempo : e se V. P. a-tem lido , achará uma grande prova do-que digo.

Este omem faz uma orasam , que é um groso volume. Primeiro defeito do-panegirico. Confeso , que asitti a muitas e diferentes exequias , de Pontifices , Imperadores , Reis , Principes soberanos , Cardiais , e Senhores grandes : e nunca vi alguma , que chegasse à metade desta. Mas isto é nada. tudo o que ele diz do-tal Souza , podia-se reduzir à quarta parte , e ainda seria longa. Consiste pois este grande volume , emque o tal Panegirista , para mostrar que era erudito , verteo nele , quanta erudisam tinha. Explicarmeeci se diser , que ali se-acha o *Teatro de los Dioses* , e *Theatrum Vitæ Humanae* , em corpo e alma. Nam diz coiza alguma , para que nam traga um bocado da antiguidade , comumente arrastada v.g. Para dizer , que o Souza unia a piedade com a ciencia (1) ; introduz a parentezis de uma página , em que entra Alexandre , Cezar , Cipiam &c. Para dizer , que o dito nam quizera mostrar a sua ciencia , senam em Lisboa (2) ; nomeia Universidades sem tom nem som : faltando de Bolonha oas Paizes Baixos : de Pariz outra vez a Padua : de Espanha a Germania &c. e a cada passo mete fabulas , sem pés nem cabesa. E este justamente é o defeito , que eu asima condenava. Sobre o que me-lembro das-graças , de um omem mui douto , que foi Monsenhor Sergardi : Este quando se-achava em alguma parte , em que algum destes , que tinham lido alguma fabula , ou istoria , a-queriam introduzir ou bem ou mal ; dizia-lhe galantemente : *Diga , meu senhor , diga tudo o que tem estudado , esta noite.*

Nam falo já em alguns erros de istoria : como dizer , Que a barca de S. Pedro navegou polo Tibre : Que por-ele tambem intraram , as Troianas galés de Eneas : e outros semelhantes (3). Um bocadinho que estudasse mais de Istoria , e Geografia , lhe mostraria , como as coizas ou foram , ou nam foram : e lhe-enfinaria , que o lugar em que desembarcou Eneas , nam foi o Tibre , polo qual nunca navegou. Chama aos Romanos,

T ii

de-

(1) Pag. 27.

(2) Tag. 46.

(3) Pag. 55.

decendentes de Eneas , e Ascanio. como se Eneas fosse o Noé dos-Lavinios , Albanos , e Romanos ! Mas a isto chamo eu venialidades : o que nam posso sofrer , são outras falsidades , que diz naquele panegirico ; principalmente quando quer sair de Portugal. Neste caso o homem transforma tudo. Um comprimento feito a D. Manoel Caietano , uma carta eicrita mais cortezmente , são autenticas provas , da sua ineniã literatura. Que pouco informado é , da politica dos-outros Reinos , este Panegirista ! e quam pouco sabe distinguir , o encarecer uma coiza , e o inventala ! Pode o Reticorico dilatar , e exagerar muito um argumento : mas sempre dentro dos-limites da-verosimilidade. Ora é uma parvoice manifesta dizer , Que o Souza foi a Roma , para espantar todo o orbe literario : Que em todo o mundo se-ouviam , os brados da-sua fama : Que a Europa suspensa e admirada confesou , que excedia a sua mesma fama &c. (1) : Que a Europa confesou , que a sua erudisam era maior , que todos os encarecimentos , com que o-celebravam no-mundo , as mesmas cem bocas da-Fama (2). Isto são mentiras mui manifestas : e a isto chama-se satirizar , e nam , elogiar. Nam para aqui a galhofa : diz , Que nam se-sabe em Portugal , que os Reinos estrangeiros delem , nestes ultimos tempos , um homem , que se-posa comparar ao Souza (3). Que o-nam-saiba ele , concedo : vistoque pola sua orasam , mostra saber mui pouco : mas que o-ignorem outros Portuguezes , nego redondamente. Conheio eu omens , que sabem distinguir muito bem D. Manoel Caietano , de infinitos omens , muito mais doutos que ele.

Eu creio que D. Manoel Caietano foi douto , e soube mais , do que o comum dos-Portuguezes : aindaque eu nam posso julgar por-experencia , porque nunca o-tratei : mas pelas suas obras odiscorro : mas nam são elas tais , que ponham um homem , na primeira esfera dos-doutos. E sei eu muito bem , que a sua *Expeditio Hispanica* , é mui pouco estimada em muitas partes : e que nam pode obrigar , os omens mais doutos , e de uma critica purgada ; a que mudasem de opiniam , sobre a vinda de Santiago : e eu sou um daqueles , que ainda nam se pode persuadir , das-suas razoens. Mas querelo comparar , com outros grandes omens da-Europa , é mostrar , que nam intende este officio. Que semelhansa tem o P. Souza , com Petavio , Simondo , Launoi , Arnaud d^o Andilly , Valois , Morin , Huet , Bossuet , Tomassin , Noris , Calmet , Mabillon , e outros muitos Catholicos ? ou com algum dos-Erejes , como Grotio , Scaligero , Ufferio , Selden , J. Gerardo Vossio , Daniel Heinsio , Dallé , Samuel Petit , Saumaize , Bochart , Lightfoot , Hottinger , Joam Gronovi , Luiz de Dicu , e outros muitos que deixo ? os quais todos viveram no-seculo pasado , e muitos deles alcançaram D. Manoel Caietano , e morreram neste seculo ? Que semelhansa , torno adizer , em vastidam de noticias , em antiguidades ,

lin-

(1) Pag. 57.

(2) Pag. 66.

(3) Pag. 53.

línguas orientais, Teologia &c. : tanta como o dia com a noite. Estes é que foram conhecidos, em todo o mundo douto, e foram eternamente venerados. Bem mostra este Panegirista que nam sabe que coiza é erudisam, quando fala desta forte. Nam falo na Filozofia, pois todos sabem, que omens floreceram, no-fim do-seculo pasado, e no-prezente: dos-quais a D. Manoel Caietano, (que dizem era Peripatetico, ou aindaque o-nam-fosse) á bem legoas de distancia. Em tudo ic mostra o Panegirista, pouco informado do-mundo: e polo que vejo, cuido que era algum pobre Religiozo, que nunca saíra de Portugal: e assim vivia mui satisfeito da-lua terra: pois chega a dizer, que as Universidades de Portugal, até no-edificio, excedem muito, as dos-outros Reinos (1). No-que mostra intender tanto de Architectura, como de erudisam. Mui diferentemente me-falou um Portuguez, que estivera em Roma, e tinha outros conhecimentos: o qual confesou limpamente, que em materia de bom gosto valia mais uma só janela da-Sapiencia, ou universidade Romana, ou do-Colegio Romano dos-Jezuitas, que todas as Universidades, e Colegios de Portugal: e nam era encarecida a propozisam. Este é o motivo, mou amigo e lenhor, porque os Estrangeiros nam crem, em nenhum destes panegiricos: porque dizem, que os Portuguez, nam obstante que comumente sejam invejosos, e digam mal uns dos-outros; quando porem tomam o empenho de elogiar, mentem dezencaixadamente, e tudo trasformam: e até dizem mal do-outros todos, para elogiar o seu eroe. Se louvam um Santo, nam só nam á Santo igual ao seu; mas quazi chegam a dizer mal, dos-outros todos. O mesmo faz o noso Panegirista.

Que um omem fasa uma orasam mui mal: que se-explique infelizmente: que introduza na-orasam, quantas coizas leo: que ignore o estílo de elogiar, e amplificar os argumentos: que seja languido e ten grafa na composisam; que nam saiba manejar a sua lingua: que ignore a collocasam das-palavras, e armonia dos-periodos: como faz este Panegirista; nam seria grande coiza: o que nam poiso sofrer é, que tenha prezuasam desmedida, e que diga mal dos-outros, e d' aquilloque nam intende. O que se-faz nestas orasoens, e com especialidade o autor desta. Para dizer, que o Souza estudou em Portugal, e nam fora dele; emprega quatro boas paginas (2), dizendo mal, dos-que vam estudar fóra de Portugal: porquanto cá em Portugal, segundo ele diz, tudo se-acha, e muito melhor, que nos-outros Reinos. Os mesmos livros: omens mais doutos: Universidades melhores, e mais florentes da-Europa: Portugal é Reino da-Sabedoria; do-qual os Estrangeiros podiam praticar com mais razam, doque os Portuguezes deles: e outras semelhantes. E que diz V. P. a esta propozisam? á coiza mais estúpida! E concedem-se licenças, a semelhantes escritos! Senhor Panegirista, responderia eu, nam basta ter os livros, é ne-

ceia-

(1) Pag. 49.

(2) Pag. 47. 48. 49. 50. 51.

cesario intendêlos: e isto é o que os praguentos dizem, que muitos cá nam sabem. Todos os Latinos nas escolas lem Cicero; e poucos o entendem; muito menos o-imitam. Mas, suponhamos que o-sabem alguns; Porventura, sabem-no ou ensinam-no nessas Univerfidades? nam senhor, que eu prezenciei tudo o contrario. Alem disto, aqui nam á exercicio de linguas, Filozofia boa, Matematicas, Teologias Pozitivas &c. Istoria, Medicina verdadeira, e outras faculdades: se me-nacer alguma duvida, aquem o-ei-de proguntar? Alem disto, eá falta de exercicio é cauza, de que se-ignorem muitos livros: pois é certo, que em Portugal, nam se-conhecem livros bons, que sam bem vulgares em outros Reinos: e o Panegirista é um deles; que por-nam conhecer os autores, diz muita falsidade, no-seu Panegirico. Depois que se-fundou a Academia da-Istoria, quantos livros nam se-conhecem, que antigamente se-ignoravam? Concedo, que se em Portugal se-introduzilêm outros estudos, com o andar do-tempo fariam o mesmo, que nos-outros paizes: mas como ainda estamos mui longe d'esa epoca, nam é maravilha, que muitos vam estudar fóra, o que cá se-nam-sabe. Prouvera a Deus, que fosse muitos mais: e que estudasem bem: e viessem introducir esse bom gosto, em Portugal.

Quanto ao que diz o Panegirista, que os Estrangeiros podiam aprender, dos-Portuguezes: tem muita razam: mas deixo a V. P. o-determinar, se á-de ser em armas, ou letras. Se ele soubese o conceito, que aqueles tem dos-Portuguezes, ficaria mui admirado. E para nam buscar exemplos remotos, direi a V. P. que eu falei em certa Cidade, com um Religiozo, que viera instruir em Rilhafoles, os ordinandos: e me-dise, que ficara pasmado, de ver a ignorancia destes paizes, principalmente dos-Clerigos: muitos dos-quais, nam obstante terem fama de doutos, necessitavam aprender, os primeiros rudimentos da-Fé. Este falava por-experien-cia; pois estivera dois anos em Portugal: era alem disto um omem de vir-tude, e mui moderado no-falar. Veja V. P. que conceito eles tem disto. Pode-se notar no-mesmo Panegirista, a incoerencia: Quando lhe-tem conta, para avultar a ciencia do-Souza; Roma é uma Cidade cheia de omens doutos: a Arcadia é uma coiza famosissima: é um congreso de Virgílios, e Oracios. Quando nam lhe-tem conta, os Estrangeiros nam sabem nada: e tudo podem aprender, dos-Portuguezes, quem intenderá tal omem! Em uma palavra, este omem cuidou nam fez coiza pior, na sua vida. Todas as comparaçoens que faz, sam arrastadas, e inverosimeis: as exclamaçoens, que frequentemente introduz, fóra do-propozito, e do-lugar: as parente-zis longuissimas, superfluas, e insopportaveis: a fraze afetada, mas sem ele-vasam ou nobreza; repetindo em cada regra a *Ilustrissima*, a um Religio-zo, e a um morto. Finalmente nam sabe dar forá, aos argumentos que traz, dilatando-os com artificio retorico.

Mas nam quero falar mais nesta materia, porque parece que falo gran-

grande cazo, de uma coiza que o-nam-merêce. é fazer grande favor ao autor, criticar-lhe os defeitos, que sam infinitos. Antes devo pedir a V. P. perdam, de o-ter demorado, com semelhante orasam: o que fiz por-duas razocns: Primeira, paraque V. P. visê, a infinita distancia que poem, entre fermam funebre na igreja, e orasam funebre na academia: como se os preceitos da-Retorica foem diferentes! Segunda paraque visê pintados em uma só orasam, todos os defeitos que lhe-tenho apontado, reinarem nestes paizes: pois sendo este um dos-modernos, caie em todos eles, nam dizendo o que deve; e dizendo o que nam deve. Os quais sam mui consideraveis defeitos, de Retorica.

O que até aqui tenho exposto a V. P. bastantemente mostra, o que eu tinha proposto: e dá uma verdadeira ideia, do-que é Retorica, em que se-deve uzar, e como se-deve uzar. É com efeito menos ainda bastava: poisque tendo V. P. grande comprehensam de materias, e mais que tudo, formando juizo exato das-coizas; nam lhe-podem ser ocultas, estas que aponto; e nam pode deixar de falar, com belissima Retorica. Mas á juizos tam sepultados na materia, que nam podem considerar outras coizas, senam aquelas que uma vez viram: nem receberam a verdade mais clara, e demonstrada, senam é proposta com aqueles termos, e por-aquelle metodo, que uma vez ouviram. Isto me-obriga a fazer alguma reflexam, sobre as partes da-Retorica, ou sobre estas Retoricas uzuais, e principalmente sobre o estilo do-pulpito: vistoque nestes paizes, para isto inclinam mais: e nisto é que necessitam, de melhor diretam; para os-livrar daqueles ridiculos prejuizos, de que estam cheios.

M E T O D O D E P E R S U A D I R.

Manifesta loucura é persuadir-se, que é necesario saber tudo, o que dizem as Retoricas, para ser Orador (1). Já adverti a V. P. que estas Retoricas comuas, eram pola maior parte uma lista de nomes, e divizocns, impertinentes de se aprenderem, e difficultozas para se-conservarem: mas tudo isto podia succeder, aindaque a materia fosse boa. Porem eu nam paro aqui, mas digo, que nam só polo modo com que o-dizem, mas isto mesmo que dizem, tem pouquissima ou nenhuma utilidade; e nada conduz para o fim, de falar bem, e persuadir. É digo da-maior parte delas, o que lá disse Cicero de outra Retorica, que escreveu Cleantes, *Que para nam saber falar, nam avia coiza melhor* (2). Sam finco as partes da-Retorica: procurar meios de persuadir: dispolos: falálos bem: estudálos de me-

(1) *Ego hanc vim intelligo esse in præceptis omnibus, non ut ea secuti oratores, eloquentiæ laudem sint adepti: sed quæ sua sponte homines eloquentes facerent, ea quosdam observasse, atque id egisse. Sic esse non eloquentiam*

ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum. Cicer. l. I. de Orat. num. 32.

(2) *Scriptit artem Rhetoricam Cleantes, sed sic, ut si quis obmutescere concupierit, nihil aliud legere debeat. Cicer. lib. I. de Orat. num 7.*

memoria: e pronuncia-los com as acoens que se-devem. A isto ajuntam, os trez meios de persuadir, que sãnt as provas, os costumes, e as paixoens dos-ouvintes. Dizem alem disto, que qualquer discurso oratorio deve ter exordio: depois, narrar o fato: depois provalo, e responder aos motivos contrarios: finalmente perorasam, na qual se-faz um epilogo dos-motivos, e se-excita novamente, o animo dos-ouvintes. Tudo isto é verdade: mas se pararmos aqui, pouco saberemos de Retorica. Eu direi alguma coiza da-*Invensam*: sobre as outras, reporto-me a eses livros comuns; e só tocarei, o que me-for necesario.

Para buscar argumentos ou provas, que persuadam, o que pretende o Orador; propoem os Retoricos uma lista de nomes, a que chamam, *lugares comuns*: os quais ensinam, considerar o argumento de tantas partes, e volta-lo de tantas maneiras, que seja facil, dizer muita coiza do-tal fugeito. Confeso, que estas consideraçoens genericas, dam materia para falar muito; e em tal ou qual cazo, podem nam ser inutis: mas seguinto o parecer dos-omens de exata critica, constantemente digo, que estes lugares nada menos ensinam, que a falar bem: fuministram ideias gerais, palavras sem sustancia, narizes de cera, que se aplicam a tudo, e nam persuadem nada em particular. Um destes que cre muito nos-*Topicos*, falará uma ora inteira, sem dizer coiza alguma com propozito: justamente como os Logicos da-Escola. Estes escrevem longuissimos tratados de *Syllogismo*, dam mil regras, para discorrer com propriedade, e sem falencia, e para provar tudo o que ocorrer. A ouvilos na cadeira, julgará um omem, que sam letrados universais; mas introduza-os V. P. em um discurso particular, e verá que tudo aquilo é palhada: concluirám um discurso pior, doque nam fará um oficial ignorante. Muitas vezes nam sabem nem comesá-lo, nem acabá-lo: e se lhe-metem a pena na man, é lastima ver, como escrevem as suas razoens. O mesmo Cicero, que tam apaixonado era pola Retorica, e seus preceitos, que escreveu um livro dos-*Topicos*; contudo reconhece, que é necesario muito juizo, para se-servir destes lugares, em modo que nam digamos parvoices (1).

Quem pois reflete nisto, entende o conceito que se-deve fazer, de semelhantes *lugares*. Se nam fosse permitido falar, senam naquilo que se-sabe, a maior parte destes, que fazem profisam de falar em publico, ficaria calada. Ninguem é capaz de discorrer em uma materia; se é que

(1) *Judicium igitur adhibebit: nec inveniet solum quid dicat, sede etiam expendet. Nihil enim est feracius ingenii: iis praesertim, quae disciplinis exculta sunt. Sed ut segetes foecunda & uberes, non solum fruges, verum herbas etiam effundunt inimicissimas fru-*

gibus: sic interdum ex his locis aut levia quadam, aut caussis aliena, aut non utilia gignuntur: quorum ab oratoris judicio delectus magnus adhibebitur alioqui. Cicer. Orator. num. 15.

a-nam-tem estudado fundamentalmente : e nunca poderá deduzir , boas con-
sequencias , se acazo nam posue bem , os principios. Pode um Fizico estar
cheio de filogismos , até os olhos ; ter lido quantas ridicularias se-tem dito ,
sobre os appetites da-Materia ; se acazo nam tem bem examinado , as expe-
riencias : nam poderá explicar , qualquer uzual fenomeno. Pode um Teo-
logo saber , a quinta essencia da-*fôrma filogistica* : mas senam sabe bem ,
em que textos se-fundam os Dogmas , nam sera Teologo senam de no-
me.

Isto suposto , a primeira e importantissima regra da-Invensam é ,
intender bem a materia , que se-trata (1) : porque só assim facilmente se-
incontram , os argumentos proporcionados ao fugeito : e tam facilmente
se-incontram , que naturalmente se-apresentam , caiem da-boca , e da-pena.
Este é o grande defeito , destes Pregadores Portuguezes. Propom-lhe uma
materia , que eles ignoram : e em lugar de estudarem o que devem , for-
mam logo ideia , do-que querem dizer ; e despois procuram os textos , que
façam ao intento : e se os-nam-acham , violentamente os-arrastam : porque
finalmente , seja como for , deve-se provar , o que se propoz. Ora a Es-
critura nem sempre dá textos literais , para confirmar todas as chimeras ,
que os Pregadores propoem : e assim é necessario recorrer , a algum des-
tes comentadores Peripateticos : muitos dos-quais adotam nos-comentarios ,
as sutilezas : e , se falta este , nunca falta um destes Asceticos , que pro-
vãam tudo o que querem : e temos o sermam feito. Se o Pregador tivesse
estudado a materia , conheceria , que verdades importantes , como sam as
da-religiam , nam se-podem provar com sutilezas , mas com razoens solidas :
razoens solidas nam se-podem achar , para provar conceitos ridiculos : de
que vem , que necessariamente um omem que sabe a materia , deve des-
prezar estas puerilidades ; e considerar todos os sermonarios , talhados por
esta medida , como livros que nam se-devem ler.

Que seria do mundo retorico , se todos os omens um dia , abri-
sem os olhos ! Eu seguro a V. P. que de cem mil livros , que se-acham nest-
ta materia , pouquissimos se-poderiam conservar ; e alguns deles só por-fa-
zer favor , aos seus autores. Pois aquilo que entam fariam todos , devem
oje fazer os omens , que se-querem aproveitar a si , e aos outros. Quando
eu era rapaz , e samente conhecia os autores polo sobre-crito , considera-
va mais felizes , e doutos aqueles omens , que possuãam mais livros , doque
os que tinham menos : porque , dizia eu , aqueles gozam a lisam , de mais
autores , e de mais omens insignes. Naquele tempo , *Escritor* , e *Doutor* ,
eram sinonimos no-meu Vocabulario. Eu era um daqueles , (que por-nosos

TOM. I.

V

pe-

(1) *Volo enim prius habeat orator quidque dicat , aut quomodo. Idem. rem , de qua dicat , dignam auribus eruditiss ; quam cogitet , quibus verbis* ibid. num. 34.

peccados, ainda vemos oje tantos) que medía a Ciência a palmos: quanto mais livros, mais ciência: e o livro maior sempre me parecia, tezoiro mais precioso. Mas depois que me-familiarizei, com aqueles mortos: que revolvi muitas, e grandes livrarias: que consultei omens douturissimos: que li atentamente os Criticos: e finalmente que tomei o trabalho de examinar, com os proprios olhos, o merecimento de muitas das-ditas obras: transformei-me neste particular: e formo tam diferente conceito do-mundo; que se explicasse tudo o que intendo, nam conservaria tam boa correspondencia, com tanta gente. Ora isto que se-pode dizer, de toda a sorte de livros, applico eu oje aos sermoneiros, e outros que tratam de Retorica: e concluo, que pouquissimos destes livros se-podem ler, e ainda eles com cuidado.

É coiza digna de observar, que nestes paizes, a maior parte dos-que estudam, confundem o *Ingenho*, com o *Juizo*: o *Juizo*, com a *Doutrina*: esta, com o *Criterio*: sendo coizas na verdade bem diferentes. Pode um omem ser ingenhozo, porque pode unir diferentes ideias que elevem, ao que chamamos *Ingenho*; e nam ter uma oitava de *Juizo*: porque finalmente o *Juizo* é aquella faculdade da-alma, que separa uma coiza da-outra, e conhece cadauma, como é em si. Pode este omem ter *Juizo*, e nam ter *Doutrina*, porque nam tem estudado. Pode ter alguma *Doutrina*, e nam ter aquella que é necessaria, para formar bom *Criterio*. Isto parece-me bem claro. Mas nam o-intendem assim aqueles, que por-verem um, que ideiou varias chimeras, e formou algumas ideias futis, mas ridiculas; logo o-batizam, por-omem de juizo, e grande doutor. E daqui entam nasce, que as ideias daquele tal omem, sam recebidas com mais respeito, do-que nam eram as respostas, em Delfos. Mas, tornando ao argumento.

Para persuadir, quer-se em primeiro lugar, boa Logica, que dé os verdadeiros ditames, para julgar bem (1): em segundo lugar, um juizo claro, que os execute. Sem estes primeiros principios, sam superfluos todos os ditames. Da-Logica em seu lugar falaremos. Decendo pois ao particular digo, que só a *verdade* ou *verosimilidade*, é a que pode persuadir um omem; e é aquella valente arma, com que nos-acomete a *razam*. Ninguem deixa de se-persuadir, de uma verdade clara. Verdade é que muitos se-persuadem, da apparencia: mas tambem é certo, que os-move a verdade, que nela imaginam. Assimque só a verdade é a que persuade, quando se-lhe-dá atensam. A forsa que os omens fazem, para divertir os olhos do-

(1) *Esse igitur perfectæ eloquentis puto, non eam solum facultatem habere, quæ sit ejus propria, fuse, lateque dicendi; sed etiam vicinam ejus atque finitimam: dialecticorum scientiam assumere.* Cicer. Orat. n. 32.

Et infra = *Nec vero dialecticis modo sit instructus, sed habeat omnes Philosophia notos, & tractatos locos... nihil, inquam, sine ea scientia, quam dixi, graviter, ample, copiose dici & explicari potest.*

do intendmento, para outra parte; é a que impede, que a verdade nam triunfe, produzindo o seu effeito, que é a persuazam. Nisto é que está o empenho do-Orador, em descobrir a verdade: mostrála em toda a sua clareza: e manifestar o erro oposto. Nisto se-distingue o verdadeiro Orador, do-Declamador. Este contentando-se das-aparencias, veste o *erro* com a mascara da-*verdade*: o Orador porem descobre e manifesta o *erro*, e poem a *verdade* em toda a sua luz.

Orar nam é enganar, é fim introduzir no-animo, alguma verdade importante. Mas muitas vezes os Oradores, tem mais necessidade, de convencer o erro, doque estabelecer alguma verdade notoria. Ninguem toma o trabalho de persuadir, que Deus castiga e premeia: isto sabem todos os ouvintes: o ponto está em mover os omens à penitencia, mostrando o grande erro, de a-defirir para a ora da-morte. Em descobrir o erro, é que deve cuidar muito o Orador. Os omens nam se-enganam nas consequencias, porque comumente deduzem-nas muito bem: o em que se-enganam é, nos-principios; porque, por-falta de exame, recebem uns falsos, como se fossem verdadeiros. Deve pois o Orador mostrar a falsidade destes principios. deve mostrar-lhe em que disseram bem, e em que faláram enganados. Desta forte mostrando-lhe a verdade, se a materia o-pede; ou, se é notoria, descobrindo-lhe bem o erro, se-consegue o fim da-persuazam.

Mas nam basta isto, para persuadir: e sam necessarias outras circunstancias, para introduzir no-animo, a verdade. A primeira é, a atensam. Que importa, que o Sol alumeie o Mundo, se eu depropozito me-retiro em uma caza oicura; ou polo menos, nam dou atensam aos objetos, que se-me-propoem? Damesma forte importa pouco, que a verdade seja notoria, e o erro muito bem convencido; se eu nam faso atensam para uma, nem para outra coiza. Deve pois com cuidado o Orador, excitar a atensam: e como as coizas ordinarias, nam conseguem isto, mas fim a singularidade e novidade; deve o Orador, vestir isto mesmo que diz, de uma certa novidade, que o-reprezente singular. As Figuras dam esta novidade às coizas: e por-isto elas sam, as que movem muito a atensam: dando a intender, que o objeto é novo, é grande, é singular. Certo amigo meu, descrevendo a cara de uma mulher, igualmente feia, e desvanecida; soube dar tal novidade a este assumto, que é bem umilde, e estéril; que com gosto se-lia a descrisam, do-principio até o fim. Porei aqui um soneto, que fez ao dito assumto, e que tem o mesmo artificio.

Es feia: mas desorte, que orroroza

A tua vista é bela a feialdade.

Mas tens fortuna tal, que a enormidade

Te-consegue os tributos de formoza.

*Cara tam feia, coiza tam pasmoza
 Todos observam, e move a raridade,
 Nam desperta o coraun, a curzidade:
 Ser rara, é que te-adúla vaidoza.
 Ama-se o Belo, e cega o mesmo afeto.
 O Feio, pois nam liga o pensamento,
 Deixa miudamente ver o objeto.
 Iso faz, que se-observe ese portento.
 Quanto estás obrigada, a ese aspeto;
 Se no-enorme te-dá merecimento!*

O outro importante ponto, de excitar a atensam é, nam mostrar o objeto, que se propoem, senam quando a atensam, ja nam é necelaria. Embebido o omem da-curiozidade, de saber o que se-propoem, vendo sempre coizas novas, e que prometem deispois de si, outras maiores; vai seguindo com a consideraçam o Orador, atéque lhe-explique, a inteira su-tancia do-negocio. Assim se-conserva o ouvinte atento; e, estando atento, se-lhe-introduzem, as verdades que se-querem. Nos-Poetas de algum nome verá V. P. este artificio, bem executado: e tambem em muitos Pro-zadores. O mesmo Gracian no-seu Criticon, ingenha desorte a narraçam, das-figuras que introduz; que acaba o capitulo, quando se-á-de explicar, algum grande fato: e rezervando a soluçam, para o seguinte, conduz o leitor, desde o principio até o fim, sempre com curiozidade de ler. Este tambem é o artificio mais comum, das-orasoens de Cicero, e de alguns Oradores modernos, que o-iouberam imitar: como eruditamente adverte, um grande Retorico da-minha Religiam (1). E nisto é que se-distingue o Orador, do-Filozofa. Ambos tem por-objeto, a Verdade: mas o Filozofa nam coistuma, mover a vontade: contenta-se, de expor as razoens: po-rem se acazo nam acha um leitor, sem prejuizos e preocupasoens, nam conclue nada. Mas o Orador move as paixoens: excita a curiozidade: mos-tra a verdade de tantos modos, com tanta clareza, com tanta eficacia: desfaz os prejuizos com tanto estudo; que finalmente convence o ou-vinte.

O 3. ponto importante é, saber ganhar a vontade, ou insinuar-se, no-animo dos-ouvintes. A Uerdade, diz o proverbio, é amargoza: e uma verdade nua e crua, proposta a uma peioa, que as-nam-coze bem, é dura de digerir. Deve pois o Retorico, insinuar-se galantemente, no-animo dos-ouvintes: propondo-lhe a verdade, vestida de um tal modo, que ele a-admita, quazi sem advertir. V. P. ja sabe, que as pirolas de quinaquina, e outras tais amargozas, se-cobrem com marmelada, ou obreia branca, para se-engulirem sem dificuldade. Eu sei muito bem, que este negocio, nam está na esfera, de todos os Pregadores. Requer grande pra-

tica

(1) Fra Gianangelo Serra, Capucinho de Faenza, na sua Retorica &c.

tica do-mundo : grande conhecimento dos-omens : do-modo com que obram, e com que se-excitam as paixoens : finalmente uma Filozofia particular, que descubra a origem de todos os movimentos do-animo : lilam de bons autores : e perfeita sagacidade : quaidades todas que pouquifimos chegamos a conhecer, quanto mais posuir.

Julga-se comumente, e nam sem razam, que o conceito que os ouvintes tem, da-virtude e merecimento do-Pregador; conduz muito, para se-persuadirem. Quem vai ouvir um homem, de quem é fama comua, ser muito santo, ou muito douto; vai meio convertido, ou persuadido. Em todas as Aldeias, á-de aver um barbeiro, que julgue de sermoens: o qual é estimado, como o homem mais inteligente. Os Aldeioens talvez nam ouvem, o que diz o Pregador; mas estam atentifimos aos movimentos, que faz o barbeiro: se este aprova o discurso, o Pregador é famoso. Assim se-vive nam só nas Aldeias, mas tambem nas Cidades. Sam poucos os homens capazes, de julgarem por-si: mas vem, ouvem, e julgam, pelos sentidos dos-outros. A prevençam pois com que se-ouve um homem, é aquella que, entre a maior parte dos-omens, decide do-seu merecimento: e esta tal opiniam de merecimento, é a que faz receber com agrado, os discursos: os quais, quando nam acham opozisam no-animo, produzem todo o seu efeito. E assim deve o Pregador, mostrar-se digno de o-ser: deve pregar primeiro com as obras, que só entamos seus discursos, serem bem recebidos, e os seus ouvintes ficarem persuadidos, do-que lhe-propoem. Mas devem estas virtudes ser verdadeiras, porque sem isto, nada concluem.

Em 4. lugar, deve cuidar muito o Orador, em nam ofender com palavras, os seus ouvintes. Os Omens nam gostam, de repreensõens publicas: e parece que com razam. Tudo se-pode persuadir, com bom modo: e facilmente concordamos no-que nos-dizem, se ouvimos as razcens, propostas com amizade, e com brandura: e propostas por-um homem, que nam faz vaidade da-Eloquencia: que nam ostenta triunfos: mas que utilmente se-serve dela, para nos-inclinar, para onde devemos.

Em quinto lugar, é necessario tambem, mostrar aos ouvintes a utilidade, daquilo que lhe-propoem: mostrar-se parcial dos-seus intereses, para os-poder trazer, para a parte contraria. Nós facilmente damos orelhas áqueles, que intendemos obram, polo noso mesmo motivo; e estam persuadidos, da-mesma paixam. Por-isto é muitas vezes necessario, nam condenar tudo quanto eles dizem: louvar alguma parte, para podermos condenar a outra, com mais eficacia, e efeito. É necessario, saber dizer mal nas ocaziõens, modificando a censura, com alguns elogios. Observei sempre, que um homem que nega tudo, ou concede tudo, nam conclue nada. Devemos dar lugar á prevençam; e algumas vezes dar tempo á colera: esfogada a qual, entam é que pode ter lugar, a persuazam. Para isto requer-se doutrina, prudencia, a fabilidade, e outras muitas virtudes.

Deve em 6. lugar, saber excitar propriamente, as paixões; e inspirar aquelas que são próprias, para mover o Homem. São as paixões as que nos movem: e não a coisa, que não possa fazer um homem, se acaso se lhe excitou, a paixão proporcionada. Nisto pois é que deve estudar o Orador: inspirando aquelas, que são necessárias, para abraçar a verdade que propoem. Para isto é necessário, estudar bem as paixões do-animo; porque, sem estas machinas, é certo, que nada obram os Homens. Isto que até aqui temos dito, abraça todo o genero de orações, e sermoens: mas especialmente se-devem notar algumas coisas, para a eloquencia do-pulpito: que compreende duas fortes de orações, Panegiricas, e Morais.

Em primeiro lugar é uma ridicularia e impropriedade, tomar um texto da Escritura, para fazer um panegirico Funebre. Não é o assunto, explicar a Escritura: mas sim engrandecer, as virtudes todas daquele homem; para que todos o-imitem: e consolar o auditorio da-sua perda, com a vista dos-monumentos, das-suas singulares prerogativas. Onde deve-se descrever a vida dele; tomando as ações mais famozas, e deixando menudencias ridiculas, que não dam maior ideia, da dita pessoa. Devem-se narrar, e engrandecer as ações: deve-se na exageração empregar todo o artificio da-Retorica; sem degenerar naquelas ridicularias, que todos os momentos vemos: a Istoria, o exemplo pode dar novo lustre, às mesmas virtudes. Mas sempre devemos ter diante dos-olhos, que uma coisa é oração, em que se-periuade, a execução da-virtude; e outra panegirico: naquela tem lugar, os textos da-Escritura; nesta de nenhuma sorte. Em uma palavra, todo o artificio que se-deve praticar, em todas as orações exorativas, que ou louvam, ou vituperam; consiste em narrar, e amplificar. Desorteque, para não fazer istoria, deve não só narrar; mas de tal sorte distribuir a narração, que depois de narrar um fato, ou uma serie de fatos, que pertencem ao mesmo ponto; os-amplifique: e assim mostre o seu juizo, na narração; e a sua eloquencia, na amplificação (1). Como todas as orações do-genero demonstrativo, tenham estado de comparação, porque não se-disputa, *an-res sit*, mas *quanta sit*: deve ser o principal artificio do-Orador, introduzir a controvérsia conjectural; com que manifeste, a grandeza da-asma, considerando miudamente todas as coisas, que a-podem revelar. Depois, conjecturar das-virtudes passadas, o que ele faria nestas, ou em outras circunstancias &c. Podem também nestes panegiricos ter lugar, diversos outros artificios, de controvérsia Definitiva, Transla-

(1) *Conficitur autem genus hoc dictionis narrandis exponendis que facilis, sine ullis argumentationibus; ad animi motus leniter tractandos magis, quam ad fidem faciendam, aut confir-* mandam accommodata. Non enim dubia firmantur: sed quæ certa, aut pro certis posita sunt, augentur. Cicero de Partit. Orat. n. 21.

tiva, e Judicial; praticados polos antigos Retoricos: os quais conduzem muito para este mesmo fim.

Quanto à disposição dos argumentos, aconselha Cicero, que primeiro se-toquem, os bens externos, quero dizer, da-gerasam: depois, os do-corpo, e os do-animo. Quanto às aloens, que ou se-figa a ordem dos-tempos, ou se-reduzam a diversos titulos de virtudes (1). Desta sorte narrando, e amplificando, se-poderá formar, um panegirico perfeito.

Pasando daqui aos panegiricos de Santos, em quanto se-puderem evitar temas, será mais arrezoadado: mas quando ou o costume, ou o genio obrigue, a tomar algumas palavras da-Escritura; nam é necessario, eiqnadrinhar profecias, nem procurar de acomodalas literalmente: basta, que as ditas tenham alguma analogia, com a materia de que se-trata. Pode-se seguir a sentença da-Escritura, para comecar o sermão; sem a-introduzir novamente, no-corpo dele. Isto tenho visto fazer, a omens muito grandes: e parece-me que um tal exemplo, se-deve preferir aos outros. No-corpo da-obra, deve-se seguir o mesmo estylo, das-outras orações laudatorias; narrar, e amplificar. Mas como a vida dos-Santos principalmente antigos, e ja nota a todos; para evitar o fastio a estes delicados, pode escolher uma ou duas aloens mais famozas, e delas formar o seu panegirico. E este metodo é o mais frequente, quando se-fala em Santos antigos: cujas aloens todas ou são bem notas, ou deles somente sabemos, uma ou outra virtude, mas publica a todo o mundo: ou algum grande privilegio, concedido por-Deus ao dito omem: e este o-engrandecem, com todo o artificio da-Retorica. Mas nos-modernos, cuja vida nam é mui notoria; é melhor, seguir a ordem dos-tempos, ou virtudes, e explicar toda a vida do-Beato. O grande Orador *Paulo Segneri*, pregando de S. Estevam, engrandece a virtude deste Martir; com varias considerações. 1. ser S. Estevam o primeiro, que dese a vida pela Fé. 2. tela dado por-uma fé, que entam comecava, e era ainda desconhecida. 3. tela dado nam só sem esperança, de receber aplauzos, mas com certeza moral, de experimentar oprobrios e derrizoens. 4. ter dado o proprio sangue por-um, de quem nam tinha recebido, tam privilegiados favores, como recebêram os Apostolos. 5. porque uma tal asani mereceo, comunicar a Paulo, e outros que o perseguiam, a sua meima fé. Com este exemplo, se-podem teer mil panegiricos: advertindo muito, que estes pontos, nam se-devem provar separadamente, como fazem neste Reino; porque este metodo destrue, a uniformidade do-sermão, e impede o exercicio oratorio: mas de um se-deve pasar a outro, de modo tal que, sem advertir o ouvinte, se veja introduzido na

(1) *Deinde est ad facta veniendum: aut multa & varia facta in propria quorum collocatio est triplex: aut enim virtutum genera sunt dirigenda. Cicero ibidem n. 23.*
temporum servandus est ordo: aut in primis recentissimum quodque dicendum:

considerasam, de uma nova prerogativa; com que o Pregador vai requintando, as virtudes que narra; e leguidamente o-conduz ao fim, de o-persuadir, que é grande o fugeito, de que se-trata. E nisto se-compreende tudo, o que pertence ao genero laudatorio, quero dizer, aos sermoens em que se-louva alguma pessoa, ou alguma asãm de piedade.

A outra especie de sermoens, a que chamam *Morais*, podem em certo modo pertencer, ao genero demonstrativo: o qual nam só compreende, os que louvam alguma asãm, mas os que vitupèram outras: conio sam os maiores, que pintam o *Vicio* mui feio, para mover os Omens, a que abrasem a *Virtude* oposta. Mas como nisto entra a persuazam, e admoestafam, que sam proprias do-genero deliberativo; podemos chamar-lhe, mixtos de ambos os generos. Mas chamem-lhe como quizerem, o mesmo artificio, que asima disemos, se pratica nos-outros; deve praticar-se nestes, com sua proporfã: quero dizer, que se-tome um assunto singular, e proprio do-que se-quer dizer; e que se-busquem argumentos, e se-dilatem demaneira, que sempre se-vã subindo; para chegar a persuadir-se, o que se-quer. Isto suposto deve o Pregador, fugir de dois extremos: um, de querer agradar muito, dizendo galantarias, e enchendo a orafãm de pensamentos futis, de applicaçoens chimericas, e outras coizas destas: outro, de nam querer agradar coiza alguma, como fazem certos misionarios, que propoem as verdades tam nuas e cruas, que infinitamente dezagram. Contra os primeiros, ja asima dise alguma coiza, repreendendo as afetaçoens, onde nam entram: sendo certo que nam entram tais coizas, em materias tam fezudas e graves. Mas porque á muita gente, que, querendo fugir do-primeiro defeito, caie no-ultimo; e para cubrir a propria ignorancia, despreza todos os ornamentos da-Retorica; é necessario mostrar a estes, o seu ingano, com o exemplo dos-omens doutos, e pios.

O Pregador Evangelico deve instruir, e mover: e nam se-irfinuando, no-animo dos-ouvintes, nam conseguirá o persuadilos. Onde, diz com muita razam S. Agostinho (1), que o Orador Cristam deve saber uzar, dos-livros dos-Etnicos; principalmente dos-Reticos, para agradar, e persuadir: o que prova com exemplos, de muitos Padres, que fizeram o mesmo. Semelhante pensamento expoem S. Jeronimo, escrevendo a Magno Orador Romano: e S. Gregorio Nazianzeno diz mui claramente (2), que todos os seus estudos profanos tinha deixado, menos a Retorica: na qual experimentava todos os dias, infinitas utilidades; e que della se-servira, e servia sempre. S. Bazilio, S. Ambrozio, e outros Ss. mui doutos nas letras profanas, praticaram o mesmo; e nas suas obras conhecemos nós, como podemos uzar, dos-tais autores. Onde deve o Pregador, ter sempre na memoria, aquelas palavras de S. Agostinho no lugar citado: *Volumus non solum intelligenter, sed libenter audiri.* e em outra parte: *No-*

lumus

(1) *De Doctr. Christ. lib. 2. n. 60.*

(2) *Orat. 3.*

tumus fastidiri etiam quod submisse dicamus Illa quoque eloquentia generis temperati, apud eloquentem Ecclesiasticum, nec inornata relinquitur, nec indecenter ornatur. Deve alem diso o Pregador, nam só instruir, e agradar; mas principalmente mover: o que conseguirá por-meio do-genero sublime, e patetico, quando se trata de persuadir, as obras boas: porque no-saber mover é que consiste, o verdadeiro triunfo da-eloquência. É para fazer isto, nam se-requerem, como já disse sutilezas, mas razoens fortes, e bem dispostas, e exageradas. &c.

Isto é obrigar-se. Quanto ao meio de o-conseguir, deve, depois de bom fundamento, nas letras humanas, ter grande lisam da-Escritura, e dos-Padres que apontamos: cujas homilias ensinam, como se-deve pregar, para tirar fruto. Nam creio, que aja Pregador ou Missionario, que queira ser mais santo, mais douto, e mais zelante, da-onra de Deus; que os que apontamos, e outros semelhantes, como S. Joam Crizostomo &c. e tendo eles praticado isto, com tanto louvor; eles tambem devem ser, os nosos mestres. Especialmente se-deve ler S. Agostinho, nos-livros de *Doctrina Christiana*, onde explica bem a materia.

Mas porque a maior parte destes, prezados de Criticos, e Retoricos, que nam sabem a historia Ecclesiastica, nem Literaria; intenderam, que estes Padres só cuidavam na virtude, e nam sam bons para se-imitarem, na eloquencia &c. será necesario explicar-lhe em breve, quem eles eram. *Bazilio Cesareense*, ou Magno, de quem aqui falamos, estudou muitos anos, na mais famosa escola, que era Atenas. foi um dos-mais famosos Filozofos, Gramatico, e Retorico insignifimo. as suas homilias sam um perfeitissimo modelo de eloquencia: e o grande Photio chega a dizer, que se-podem igualar, a Democstenes. Leva a palma principalmente, nos-Panegiricos. *Gregorio Nisseno* seguiu as passadas, de seu irman *Bazilio*. foi publico professor de Rêtorica, e insigne Filozofo: e tam amante das-letras, profanas, e especialmente da-Retorica, que S. Gregorio Nazianzeno, amigo comum de ambos, na carta 43. condena, este seu nimio estudo. O estilo dele é sublime, e juntamente agradavel. *S. Gregorio Nazianzeno* foi condicipulo, e amigo de S. Bazilio. Na eloquencia querem muitos, que exceda ao mesmo Bazilio. finalmente é tam sublime na pureza, e elegancia; que o grande Erasmo diz, que nam se-pode traduzir bem em Latim, por-causa da-magnificencia &c. *S. Ambrozio* era eruditissimo em Grego, e Latim, mais doque comumente se-nam-cre. o seu estilo é concizo, e agudo, e quazi semelhante ao de Seneca; aindaque melhor. Nam era grande Retorico: mas é fluido, e proprio para convencer os erros com doutrina, piedade, e gravidade. *S. Jeronimo* todos sabem que era um homem eloquentissimo, em Latim, e Grego &c. e mui versado nos-livros dos-Etnicos, e na Filozofia Grega, e Istoria; e sumamente veemente: Onde pode-se aprender nele, muita coiza boa. *S. Agostinho* aindaque nem na pu-

reza da-língua, nem no-estilo seja igual a Jeronimo, e outros assim; contudo na fútileza, e no-mesmo tempo na profundidade do-juizo, talvez o-excede. Certamente que ainda que fote, profetor de Retorica, nam fez grande aproveitamento; nem chegou à erudisam dos-outros. Mas dele se-pode aprender muito: principalmente nos-ditos livros de *Doctrina Christiana*, em que ensina que dotes se-requerem, para interpretar bem as Escripturas; e fazer as outras obrigaçoens de um Ecclesiastico. Assim que dele se-podem aprender, muitos ditames. *S. Joam Crizostomo* tambem era doutissimo. Alem da pureza da-língua, que parece um verdadeiro Atico, une trez coizas admiravelmente; que sam a facundia, a erudisam, e a facilidade: de sorte que ninguém tratou as materias, com mais clareza, e naturalidade. Alem disto é singular nisto, que acomodou a sua doutrina, à capacidade dos-ouvintes; e por-isto agrada a todos: em modo que para pregar ao povo, as suas obras ensinam muito. Estes sam os santos, que propomos ao estudante; e nam só porque sam Santos, e mui verfiados nas doutrinas sagradas; mas especialmente porque o-sam nas profanas: com as quais formaram o bom gosto, e intendèram melhor as sagradas. Porque muitos nam tem, estes principios de letras humanas, applicadas às divinas; por-isto vemos tantos Pregadores, que nam sabem abrir a boca. E porque nas mesmas letras humanas, muitos as-nam-estudaram como deviam, nem chegaram a conhecer, qual era o bom gosto, da-Eloquencia; por-isto tambem V. P. ve todos os dias omens, que nam só nam sabem, fazer um papel soffriavelmente; mas nem menos conhecer nos-outros, as delicadezas da-Oratoria. De sorte que se-acazo lhe-mostram, uma orasam bem feita; nam lhe agrada: ou só vam buscar nela, as coizas menos soffriveis; palavrinhas, e coizas semelhantes: sem olharem para o todo da-orasam, para a proporçam, e dispozisam das-partes, o modo de dilatar os argumentos, de aclarar uma verdade; a verosimilidade dos-mesmos argumentos, e outras particularidades, em que consiste a eloquencia. A este modo pois de examinar, como eles fazem, chamo eu, julgar com os cotoveios: e tudo isto nace, de terem estudado mal.

Tambem outra coiza importante, deve advertir o Pregador, que sam asçoens. parece isto nada, e é uma principal parte na Oratoria. Nisto pecam bastante em Portugal. Vemos Pregadores, que peneiram no-pulpito, movendo os braços e maons horizontalmente, com afetam vergonhoza. vemos outros, que amasam, e dam estocadas com os braços, arregafando as mangas, e fazendo mil coizas e posturas improprias. Nam pode V. P. crer, quanto isto desfigura o Orador, e esfria o animo dos-que o-ouvem. Um papel bom, quando é mal representado, nam vale nada: o que todos os dias experimentamos. Bem nota é a historia de Demostenes, o qual tendo ja desesperado, de poder orar em publico, pola infelicidade da-sua pronuncia; um Comediante o animou, com a esperan-
fa

sa de representar bem : e deo-lhe tais liçoens , que foi a cauza principal , do-grande nome , e aceitavam que ao deipois teve.

Os Romanos , que sabiam quanto importava , representar bem o seu papel , deſorte ſe-exercitavam niſto , que tomavam liçoens dos-Comediantes ; como o meſmo Cicero de ſi confeſa. E com eſeito , nam podiam tomar melhores meſtres : porque os Comicos eram tam inſignes niſto , que falavam ſomente , com as aſoens. Nos-ultimos tempos da-Republica , ſe-introduziram nos teatros , os Pantomimos : que era uma eſpecie de Comediantes , que com as aſoens ſomente explicavam , o que outro , que eſtava imovel no-fim do-teatro , dizia. Deſorteque um falava ; e o Pantomimo animava com a aſam , a exprefam do-outro. Tal era a diligencia , com que ſabiam com a aſam acompanhar os movimentos do-animo ! Iſto faziam aqueles que ſabiam , que coiza era retorica : e iſto deve fazer qualquer omem , que á-de orar em publico.

Os noſos Italianos ſam os unicos , entre todas as Naçoens , que melhor exprimam com a aſam , o que dizem : e nam ſó quando oram , mas tambem quando recitam verſos. Os Inglezes nam ſe-movem , quando recitam : os Francezes eſfogueteiam , e cantam : os Eſpanhoes choram : outros defeitos. Mas pola maior parte convem todos , que os Italianos , ſam os mais exprefivos : e um grande ingenho Francez , do-ſeculo paſado , chegou a dizer , que os noſos Italianos naturalmente eram , Comediantes. Porem em Portugal , á muita falta diſto. Dos-Pregadores é notorio , que nam ſó lhe-falta a aſam , mas até o tom da-voz , que nam acompanha com a aſam. Confeſo a V. P. que nunca pude ſofrer a aſetavam , com que muitos pregam a Paixam , ou as Lagrimas. Eſtudam uma voz flebile , mas com modo tal , que em lugar de fazer chorar , provoca o rizo : muito mais ſe consideramos o que dizem , com a dita voz flebile. Eles circumſcrevem o eſtilo patetico , na dita voz : e aſentam que ela baſta para mover. Loucuras ! O meſmo digo , quando fazem a exclamavam para o Sepulcro , nos-fermoens de Quareſima. todo o ponto eſtá , em gritar muito : pedir mil mizericordias : e com iſto ſe-contentam. Mas a falar a verdade , eſtes nam ſabem o ſeu officio. O eſtilo patetico , é a coiza mais difficultoza , da-Retorica , como confeſa Cicero (1) : e nele é que conſiſte o triumpho , e aplauzo da-eloquencia. Nam é pequena difficuldade , ou para melhor dizer , é coiza admiravel , que as palavras que profere um omem , ajam do mover em mil ouvintes , os meſmos ſentimentos , que quer o Orador : amor da-Virtude : odio do-Vicio : aborrecimento de ſi meſmo ! Que cuida V. P. que ſerá neceſario , para conſeguir iſto ? É neceſaria doutrina admiravel : particular conhecimento das-paixoens humanas ; como ſe-excitam , e adormecem : aſoens proprias : e em uma palavra , ſaber uſar das Figuras , na ultima perfeiſam : e iſto nam ſe-faz com voz flebile , nem com

(1) *Cicer. de Orat. n. 37.*

gritarias, mas com outras virtudes oratorias. Nam digo, que quem prega estes sermoens, esteja rindo: digo fim, que deixe aquelas afetações, e reconheça em que consiste o mover os animos: qual é a asám, qual a voz proporcionada.

Mas pior que tudo é, quando recitam versos: rarissimo vi, que pronunciáse verio bem. Comumente vam detraz do-consoante, e fazem pausa, nam no-fim do-sentido, mas no-fim do-verio: o que é erro manifesto. Parece isto pior, quando recitam versos Latinos, nos-quais nam á consoante: de que vem, que um *carmen* pronunciando por-um deles, e por-outro que o-saiba ani nar com a voz, e asám, parece diferente. Este defeito deve emendar o omem, que quer ser perfeito. deve exercitar-se em caza, diante de algum amigo bem informado; para ver, se expremio bem, a asám que quer. Só assim conseguirá, ser ouvido com gosto.

Mas eu quero parar, neste ponto: porque se-deixo correr a pena, em lugar de reflexoens, escreverei um tratado de Retorica. Reconheço que já caí, no-mesmo defeito que condeno: mas a materia é tam fecunda, e as reflexoens ocoreram-me, com tanta promptidam, que nam pude deixar, de as-admetir. Direi porem a V. P., que lendo o que tenho escrito, acho que é suficiente, para introduzir um moso no-estudo, da-verdadeira Eloquencia. e quem se capacitar bem destas reflexoens; e comesar a ler os bons autores, tanto Latinos, como Vulgares; e observar neles, o artificio das-orasoens: sem ler mais outra Retorica, pode sair gravissimo Orador. Esta prezunsam nam nace de mim, mas da-mesma qualidade dos-preceitos: os quais sam tam antigos, como os Oradores: que é o mesmo que dizer, sam os mesmos que executou Demostenes, e Eschines, e Isocrates: que nos-deixou escritos Aristoteles, Demetrio, e Longino: que praticou e ensinou com tanto louvor Cicero, M. Seneca, e Quintiliano, e outros autores antigos. As Retoricas comuas nam apontam, ienam alguns omens, que eu aqui nam quiz apontar: sem saber os quais, pode um omem ser, muito bom Retorico, se souber imitar estes treslados. Como tambem pode um omem, com exata lisam de bons livros, dilcorrer bem, sem saber as especies de filogismos, que apontam os Logicos.

Neste pouco que tenho proposto, cuido que cheguei, ao verdadeiro principio da-Eloquencia. Nam aponteí o artificio, dos-diversos estados de controversias oratorias; porque nam era ese o meu argumento; nem tambem se-acha, nas Retoricas ordinarias: e somente se-pode aprender, nos-mesmos autores originaes. O meu Religiozo que asima aponto, explica muito bem estes artificios, dando os exemplos originaes: mas tambem se-demora com minucias: e como escreve em lingua estrangeira, nam é para o cazo. Outros, de que eu me-aproveitei mui bem, tambem escrevem em linguas estrangeiras, ou sam dituzifimos. Neste cazo para dizer a V. P. o meu parecer, aconselho ao estudante Portuguez, que nam tem al-

guma boa Retorica Portugueza ; que , ueispois de intender bem , o que aqui lhe-aponto , tome alguma ideia , da-distribuiçam da-orasam ; a saber , exordio , narraçam , provas , epilogo : que leia brevemente , o nome das-figuras das-palavras , e do-animo : o que o mestre facilmente podia explicar. Posto isto , segue-se ler um autor Portuguez , no-qual possa fazer , as reflexoens necessarias. Mas aqui esta a dificuldade : e eu que nam costume enganar ninguem , devendo dizer-lhe sinceramente o que intendo ; digo , que nam acho algum , que possa ser modelo.

Dos-fermocens nam tenho que dizer , sendo que ja expliquei , o que eram. As orasoens Academicas , que se-lem nos-Anonimos &c. nam merecem que se-teiam. Algum elogio da-Academia Real , que é mais toleravel , peca por-outro principio : porque é mera istoria , sem artificio algum retorico. *** E aos que respondem , que tambem os Francezes praticam o mesmo , nos-elogios dos-seus Academicos ; respondo o mesmo : que os ditos elogios sam istorias , e nam panegericos : e assim o-julgam todos , os que tem voto na materia. Li nam á muitos dias o do-Cardial *de Polignac* , que teve ultimamente seus aplauzos : e achei que o autor , se ouvese de escrever a istoria do-dito , nam se-serviria : nem de outras palavras , nem penlamentos , nem frases. Com efeito eu julgo , que aqueles omens nam querem fazer outra coiza , que explicar em breve , a vida , e merecimentos dos-seus Academicos. Onde como eles nos-dispensam , de lhe-chamar orasam , ou panegirico ; concedemos-lhe tudo o mais : mas devemos porem reconhecer , que nam sam obras no-genero Oratorio : e que nam sam para se-imitarem. Onde neste caso deve o mestre , tomar sobre si o trabalho , de explicar tudo em Cicero : servindo-se para isto do-P. *Cigne* Jezuita : o qual , seguindo o metodo de um certo Inglez , faz a analize das-orasoens de Cicero. E assim nelas deve o mestre , mostrar o artificio da-Oratoria , fazendo as seguintes reflexoens. Notar primeiro a forsa das-razoens , dispostas com boa ordem , unidas naturalmente , e amplificadas com artificio. Notar a verosimilidade das-ideias : a pureza e elegancia das-palavras : a moderasam e propriedade dos-epitetos : o numero oratorio , que consiste em certa colocasam armonioza de palavras , mas que nam degenere em verso : a introdusam das-figuras , quando é necessario excitar as paixoens : as precausoens que observa , para nam dezagradar. Observando bem isto , na lisam dos-autores , bastava para conseguir , o bom gosto da-Eloquencia.

Deve porem unir-se com isto , o exercicio. Onde o mestre comporá , uma breve orasam Portugueza , segundo as regras da-arte : e mostrará nela aos dicipulos , o artificio e galantaria dela. Fazendo-se isto em Portuguez , facilmente se-aprende : e só assim podem eles , intender bem os preceitos , e executálos. Isto nam fazem em Portugal os mestres , e quazi se-envergonham , de escrever em Portuguez : sem advertirem , que a

Retorica nestes paizes, mais se-exercita em Vulgar, que em Latim. Mas por-esta razam succede, que saiem todos da-Retorica, sem saberem dela mais, que o nome. Porem, tornando ao estudante, tendo-lhe propoisto um modelo, de fazer uma breve oralam; sera necessario exercitalo. Isto facilmente se-faz, propondo-lhe na escola um assunto, e proguntando-lhe, o que eles diriam em tal cazo, para defender v. g. ou acuzar aquella pessoa. Certamente um rapaz com a logica natural, dirá algumas razoens, que lhe-ocorrem: pois vemos, que a nenhum rapaz faltam razoens, para se-defculpar dos-erros que faz, quando o querem castigar. A um rapaz pode dar, a incumbencia de acuzar, e a outro de defender. Depois que ambos tem dito o seu parecer, deverá o mestre, suministrar alguma razam mais; e ordenar aos rapazes, que as-escrevam, e façam as suas oraçoens, do-melhor modo que puderem. Isto feito, deve o mestre emendar os erros, tanto de lingua, como de Retorica; dando-lhe razam, de tudo o que faz: e variando sucessivamente aos assuntos. Desta sorte aprende-se mais Retorica, em uma semana; doque polo metodo vulgar, em dez anos.

Quando o estudante sabe bem, que coiza é Retorica, no-resto do-ano se-pode empregar, em compor oraçoens Latinas: ou traduzindo, as que compoz em Portuguez, o que é mais acertado ao principio: ou compondo outras novas. Para quem ja entende Latim, e sabe compor bem em Portuguez, isto é um divertimento, sem ter dificuldade alguma. Terá pois o mestre cuidado, de lhe-encomendar, que leia os trez livros de *Oratore* de Cicero, e *Orator ad M. Brutum*, como tambem o de *Oratoriis Partitionibus*: os quais dois ultimos sam a quinta essencia, de toda a Retorica. Encomende-lhe que se-familiarize, com as Oraçoens de Cicero, para aprender os seus modos de explicar. As outras reflexoens sam iguais, em ambas as linguas, com sua proporçam: e tambem o modo de emendar os defeitos, que os estudantes cometem. Desta sorte é sem duvida que em um ano, podiam saber muito facilmente Retorica, e mui solidamente.

Quanto aos mestres, sou de parecer, que leiam atentamente, nam só os ditos livros, que apontamos de Cicero, e alguns outros, pertencentes tambem à Retorica; mas os de Quintiliano, em que faz belissimas reflexoens, sobre ela. Valla diz (1), que ninguem pode, intender bem Quintiliano, sem primeiro saber bem Cicero: nem menos seguir perfeitamente Cicero, sem obedecer aos preceitos, de Quintiliano. O certo é, que Quintiliano é um Retorico insigne, e um grande Critico, que toda a sua vida empregou em reflectir, e ensinar: e tem maravilhoza eloquencia: e dele podem tirar os mestres, as necessarias reflexoens, para comunicar a seu tempo, aos rapazes. Se o mestre quizesse, mais alguma noticia particular, e ver as fontes, de toda a Retorica; devia ler os livros Retoricos de Aristoteles, que é o mestre nesta materia, e os ditos sam

(1) L. I. *Antidot. in Pog.*

a sua melhor obra: nela bebèram todos. Podia fervir-se da-versam Latina, se nam intendèse o Grego. A este ajunto um famozo Crititico, e Retorico, que é Dionizio Longino, no seu tratadinho de *Sublimi jilo*: em que faz admiraveis reflexoens, servindo-se tambem da-Versam (1). E quem quizele mais, podia ler o Demetrio Falero: aindaque nos-outros acha-se tudo. A estes quatro, Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino, se-reduz tudo o que á melhor na Antiguidade, sobre a Rectorica. Aconselharia tambem ao mestre, que lese os panegiricos Latinos, que temos dos-Antigos, comelando em Plinio, e pasando aos outros que se intitulam, *Panegyrici Veteres*; que cuido sãam uns quinze, compostos no-quarto, e quinto seculo: nam para os-seguir em tudo: mas para os-conferir com os antigos, ver em que diferem, e aproveitar-se deles, em alguma coiza menos má. Advertindo nestes ultimos, que o que aconselhamos nam é a lingua, que tem seus defeitos; mas algum pensamento &c. Retoricas modernas nam aconselho nenhuma, nem a dicipulos, nem a mestres: tirando o Vossio, nas suas instituiçoens Oratorias, que é famozo: o qual podia ler uns, e outros, quando quizesem particularizar, alguma noticia. Aindaque quem le, e entende bem, o livro *Orator* de Cicero, nam necessita mais: mas como é breve, pode-se permetir, ler alguma coiza mais.

Aconselharia tambem, que aprendesem bem a lingua Italiana, para lerem as famozas tradusoens que se-acham, dos-Antigos Oradores Gregos, e Romanos, feitas por-omens insignes: como tambem para lerem as belissimas obras, em materia de Eloquencia; que os nosos Italianos tem produzido, e produzem todos os dias. Ninguem nos-disputa a prerogativa, de que a Eloquencia sempre se-conservou, em Italia. Os Francezes, que nam cedem facilmente, no particular de literatura, fazem-nos este elogio. E aindaque eles abundem de omens doutos, nesta faculdade; vemos que na Italia se-conservou sempre, com mais extensam, e pureza. Quem le o P. Paulo Segneri Jezuita, o Cardial Cassini Capuchinho, e ainda a mesmo Monienhor Barberini, tambem Capuchinho, e mil outros de diversas Religioens, e Seculares sem numero; parece-lhe que conversa, com o mesmo Cicero: porque formados sobre estes antigos modelos, em nada se-distinguem, dos-originaes. Acrescenta-se a isto a lingua, que, depois da-Latina, é a mais bela, e armonica, para a Eloquencia. Tem mais os Modernos, outra circumstancia; vem a ser, que tendo-se applicado a diversas materias, nam só profanas, mas sagradas, de que nam á vestigio, nos-antigos Retoricos; fizeram aos nosos olhos mais familiar esta faculdade, e mais facil de se-imitar: porque dam belissimos exemplos, em tudo. Desta sorte familiarizando-se muito, com os Antigos, e Modernos;

(1) Imprimio-se este autor, *Græci Fabri, Salmurii anno 1663. in. 8. ce & Latine, cum notis Tanaquilli*

nos ; observando em que diferem , e em que são louvados ; se-pode conseguir , a verdadeira Eloquencia.

Conheço , que se eu falasse com outra pessoa , que não fosse V. P. se-escandalizaria muito , que eu não aconselhasse aqui , a leitura do-P. Vieira , do-Baram Conego Regular , do-Bispo de Martiria , do-Arcebispo de Cranganor , e de alguns outros , que não aponto ; persuadindo-se , que estes homens são originaes , de toda a estimam. E não sei se V. P. , ainda que superior no-criterio aos outros , intende , que algum deles podia ter lugar , entre outros que louvo. Mas eu , meu amigo e senhor , não tenho neste parcialidade alguma ; e julgo , segundo o que intendo , na minha consciencia. Verdadeiramente é coisa indigna , de todo o homem ingenuo , quanto mais de um Religiozo : desprezar autores , que o-não-mereciam , e sejam em si mesmos dignos , de todo o louvor : mas não é menos indigno , aprovar um escritor , contra aquilo que intendo. Eu já fiz a minha solene protesta , na primeira carta , e nesta da-Retorica também ; que não pretendia defraudar ninguém , da-sua justa estimam : e novamente aqui repito , que estimo infinitamente qualquer destes Religiozos : mas eu os-distingo muito das-suas obras , que nada estimo.

É começando pelo mais famoso , o P. Vieira teve muito bom talento ; grande facilidade para se-explicar ; falou muito bem a sua lingua ; e nas suas cartas é autor , que se-pode ler com gosto , e utilidade. Quanto aos sermoens , e orasoens , deixou-se arrebatado , do-estilo do-seu tempo ; e talvez foi aquele que com o seu exemplo , deu materia a tanta futilidade , que são as que destroem a Eloquencia. Nos-seus sermoens , não achará V. P. artificio algum retorico , nem uma Eloquencia que persuade. Muitos , que gostam daquelas galantarias , lendo-o farão divertidos : mas nenhum homem de juizo exato , fará persuadido delas. São daquelas teias de aranha , bonitas para se-observarem , mas que não prendem ninguém. Eu comparo esta sorte de sermoens , aos equivocos : que parecem bonitos , quando se-ouvem a primeira vez ; mas quando se-examinam de perto , não concluem nada. Porque finalmente se V. P. lê os tais sermoens , e examina as provas e artificios delas ; verá muitas coisas , que cheiram a Metafizica das-escolas : mas não achará alguma , das-que afinal aponto , como necessarias. Os exemplos que afinal aponte , são comumente tirados , dos-seus sermoens : e com eles à vista , poderá V. P. conhecer , quantas coisas eu deixei , que podia apontar. Se pois isto se-chama pregar , e pregar bem , eu o-deixo considerar , aos dezapaixonados.

O desejo que o P. Antonio Vieira , em quasi todos os sermoens mostra , de agradar ao Publico , ainda quando ás vezes o-critica ; deixa bem comprehender , que se-conformava muito , com o estilo corrupto do-seu seculo. Tinha ingenho , imaginam fecunda , e deixando-se conduzir , do-impeto do-seu fogo , ou talvez procurando de excitar em si , uma especie de en-

de entuziasmo; rompia nas primeiras ideias, que lhe-ocorriam; que sempre eram sutis, pelo costume que tinha, de ideiar assim. Eu falo com V. P. que tem grande noticia dos-ditos sermoens, em virtude da-qual conhece, com que razam eu-digo isto: que se-falá-se com outro, seria mui facil provar tudo quanto escrevo. Mas nam polo deixar de insinuar, que a maior prova do-que proponho, é a sua decantada obra, *Clavis Prophetarum*: de que nos-dá uma ideia, no-livro que intitula, *Istoria do-Futuro*. Nette livro acha V. P., uma chimera mui bem idejada, e que a ninguem mais ocorre. Promete provar primeiro, que a-de aver no-mundo, um novo Imperio: mostrar, que Imperio a-de ser: determinar, as suas grandezas e felicidades: explicar, por-que meios se-á-de introduzir: individuar, em que terra, em que tempo, e em que pessoa á-de comesar este Imperio (1): o qual á-de ser tam grande como todo o mundo, sem iperbole, nem sinechoche (2). Prova isto, segundo diz, com uma profecia de S. Frei Gil: com o juramento d'El-Rei D. Afonso: e com outras provas deste calibre. Diz tambem, que a maior parte, á-de sair da-Escritura; na qual estam reveladas, todas estas coizas. Quanto ao Imperador, aindaque claramente o-nam-explica, dá muito bem a intender, que sairá de Portugal; porque aos Portuguezes é que propoem, estas felicidades. Alem disto em outra parte (3) declara mui bem, que este Imperador será o filho primogenito, do-Serenissimo Rei D. Pedro II. e pertende proválo com os mesmos fundamentos, com que prova o Imperio, na Istoria do-Futuro. E nas cartas que escreve, a algumas pessoas, lhe-explica, que as felicidades de Portugal, estam muito vizinhas.

Eu nam entro aqui a disputar, se estes fundamentos, (nam falo das-Escrituras, pois é loucura persuadir-se, que falam em tal materia) sejam bastantes, para afirmar tal paradoxo: é bem claro, que isto tem apparencias de comedia; e bem parece obra feita, para divertir o tempo. Mas aindaque fosse verdade, que as conquistas feitas, estivessem tam destintamente profetizadas, na Sagrada escritura; e despois do-suceſo se-intendessem; fica em pé a dificuldade, de tirar da-Escritura, as conquistas futuras, deste novo Imperador. E quanto aos expoitores que ele aponta, e ás profecias destes modernos, em que se-funda; creio nam faremos injuria ao P. Vieira, se nos-rirmos de todas estas provas, esperando, que as-procure mais fundadas. Mas o que digo a V. P. é, que na dispozifam deste livro preambulo, se-ve o estilo do-P. Antonio Vieira: porque tudo prova com a Escritura. Ainda as coizas mais triviais, as profanas, e a mesma justissima

TOM. I.

Y

exal-

(1) *Istoria do-Futuro Cap. III. dexempenhada. §. VIII. = Sermam da-Palavra do-Pregador empenhada, e defendida. §. II.*

(2) *Ibidem num. 32.*

(3) *Sermam da-Palavra de Deus*

exaltam de D. Joam IV. ele as-quer provar aos Espanhoens, com as Escrituras. O prior é, que pola major parte, funda-se em palavrinhas da Vulgata. E este é mui mau modo de interpretar: porque nam tendo Deus falado em Latim, mas em Ebraico, Caldaico, e alguma coiza em Grego; é necesario saber estas linguas, para alcançar, a verdadeira intelligencia do-original. Sem estas preparafões, nenhum interprete se-mete a dizer, coizas novas: mostrando a experiencia, que comumente se-enganam, e só podem dizer, futilidades pouco lofriveis.

E eu creio que nam sam mui toleraveis, as que ele aqui escreve: obfervando-se fuma contrariedade, na interpretadã que dá, aos feus mesmos fundamentos. Umas vezes, a decimasexta geralam, é o Cardial Rei D. Enrique: (1) e ainda lhe-faz a merce, de nam contar a vida d'El-Rei D. Alfonso I. que cuida devia ser o primeiro, no catalago. Outras vezes, a decimasexta geralam é D. Joam IV.; e D. Pedro II. é a prole atenuada (2): e como ao dito Rei nam se-pode aplicar, a palavra *atenuada*; procura applicála a feo filho, o Principe entam nacido. Eique morre o tal Principe ainda menino: Neste cazo o noso interprete excogita a fãida, de lhe-ir dar no-Ceo, a investidura do-Imperio (3): e comeia com outra metafizica pior, que a primeira. Finalmente depois de muitas obfervafões, fica defmentida a verdade do-juramento d'El-Rei D. Alfonso: e o imperio do-mundo, que tam claramente estava profetizado, e prometido ao tal Principe, lá vai polos ares: e nem menos á apparencia, que se-torne outra vez a reftablecer: pois do-tempo em que ele escrevia até este, vam bons 80. anos; e ainda nam vemos apparencias difo. Eiaqui tem V. P. o que sam todas estas chimeras, da-Iftoria do-Futuro; e das-coizas que tem parentefo, com ela.

Ora estas futilidades do-P. Vieira, cuida que tem arruinado, muita gente: porque formando grande conceito, do-feu talento; o-imitãram tanto à letra, que nada agradou, que nam cheirãfe ao mefmo eftilo. Ja e coiza muito antiga, que em materia de literatura, um omem feja o treslado, para que oihem os outros do-feu tempo. Quando em uma Cidade um fugeito confegue, fama de eloquente, os outros o-imitam; e às vezes por-seculos inteiros, se-conierva o mefmo eftilo (4). Aquele Seneca a quem chamam o Filozofa, nam se-duvida, que tinha grande ingenho, e doutrina: mas querendo-se fingularizar, entre os antecedentes, comeiou a fazer um eftilo tam florido; que foi a primeira cauza, de fe-perder o bom

(1) *Iftoria do-Futuro. C. VIII. nhada, e defendida §. III. num. 122.*

(2) *Palavra de Deus empenhada. §. VIII. num. 4. = Sermam da-Palavra de Deus dezempenhada. §. II.*

(3) *Palavra do-Pregador empe-*

(4) *Hac vitia unus aliquis inducit, sub quo eloquentia est: ceteri imitantur, & alter alteri tradunt. Seneca Epist. 115.*

o bom gosto da-Eloquencia, que reinará no-tempo de Augusto. *Multa in-
eo claraque sententia: (diz um Orador grande) multa etiam morum gratia
legenda: sed in eloquendo corrupta pleraque: atque eo perniciosissima, quod
abundant dulcibus vitiis. Velles eum suo ingenio dixisse. alieno iudicio. nam
si aliqua contempsisset, si parum concupisset, si non omnia sua amasset, si-
rum pondera minutissimis sententiis non fregisset; consensu potius eruditorum,
quam puerorum amore comprobaretur (1).* Palavras que me-parecem corta-
das, para o P. Antonio Vieira: do-qual creio que se-pode dizer, que se,
fervendo-se do-seu ingenho, seguisse outro estilo; seria um grande omem:
quando porem nam se-ocupasse com o argumento, da-Istoria do-Futuro.

E daqui comprehendirá V. P. que conceito se-deve formar, daque-
les muitos epitetos, com que os apaixonados o-louvam. Chamam-lhe, *Mes-
tre do-pulpito: Principe dos-Oradores: Mestre universal de todos os declama-
dores Evangelicos: Aguia Evangelica:* e mil coizas destas. Outros lem as
suas obras de joelhos, em final de respeito: e á omens de tam pouca
confideravam, que imprimem estas noticias (2); e nam se envergonham de
dizer, *Que o mundo sem contradizam, lhe deo a coroa, de Principe dos-
Oradores.* Mas este censor, que nam fez maior jornada, que de Lisboa a
Madrid; nam era juiz competente, nesta materia: nam só, porque tinha
visto pouco mundo; mas porque tendo fomento conversado, com os que
liam o Vieira de joelhos; e nam sendo a Eloquencia, e belas Letras pro-
fissam sua, sendo mostra; tinha impedimento dirimente, para votar com
acerto. Isto pois que digo destes, applico a todos os outros. Criados com o
prejuizo, de que o Vieira foi, um grande Orador; e ouvindo sempre re-
petir isto aos velhos, que bebéram aquella doutrina; nem é maravilha, que
digam tantas coizas dele, e que o-imitem tam cegamente.

V. P. pode fazer uma experienciã, que eu fiz, e vem a ser: quan-
do ouvir a um destes, gabar muito o Vieira, e louválo com alguns dos-
ditos epitetos; faça-me a merce de lhe-proguntar primeiramente, emque
consiste ser grande Orador: depois, que lhe-explique, que qualidades ora-
torias sam, as que excedem no-P. Vieira. Se lhe-responder bem o primei-
ro ponto, estou certo, que nam responderá ao segundo: mas a experien-
cia mostrará, que o primeiro nam terá resposta. Eu aindaque nam costume
ofender ninguem, e muito menos na sua cara; achando-me porem com
certa pessoa, que me-dise maravilhas do-tal autor, rezolvi-me a fazer-lhe
esta progunta. Leu V. M. bem as obras de Lysias, Isocrates, Iseus, De-
mostenes, Eschines, Teofrasto, e Cicero, e tudo o que á de bom na An-
tiguidade? observou miudamente as delicadezas, e singularidades daqueles;
e a differença que se-acha entre eles, e Plinio, e alguns outros mais infe-

(1) Quintilliano.

das-Cartas do-Vieira, por-Alexandre

(2) Aproveitam do-primeiro tomo Ferreira.

riores, como Nazario, Auzonio, Pacato &c. ? leu os antigos Retoricos, Aristoteles, Cicero, Quintiliano &c. ou algum destes modernos, que deram belissimos preceitos, como Voffio, Cavalcanti, e Planita: e outros que nas suas orações os-executaram, como Policiano, Mureto, Vavafior, Cuneo, Gravina, Paolino, Politi &c. ? Diz, nam senhor. Pois sem tais preparaçoens, conclui eu, nam entro em discursio com V.M. sobre estas materias, porque nos-nam-intenderemos. Onde vem V. P. a conhecer, que as aprovaçoens destes omens nam devem fazer forsa a ninguem, para reconhecer por-grande Orador, o P. Vieira.

Eu que tenho visto mais algum mundo: e falado com bastante gente douta: e conhecido em Roma omens, que tinham tratado, com os que ouviram o P. Vieira: nam achei nada do-que oulo dizer dele. Bem sim, que foi um Religiozo estimavel, polas suas prendas, e virtudes: o que tudo pode estar, sem ser mestre dos-Oradores. Falei com muitos Religiozos da-Companhia, que tinham dele perfeita noticia; e me falaram como de um omem, que era estimado em Portugal, mas nam em Roma. Acrescente V. P. a isto, que muitos opusculos do-Vieira, foram compostos em Italiano: e até os mesmos sermoens se-acham traduzidos nele, por um seu apaixonado, ao menos um tomo que vi á anos: e assim pode-se julgar, com todo o conhecimento da-materia. Vejo sim, que os mesmos Jezuitas, e todos os omens doutos, reconhecem o merecimento, do-P. Paulo Segneri Jezuita, e de varios outros Oradores da-mesma, e de diferentes Religiam; que sam reconhecidos e venerados, como Oradores da-primeira esfera: e que tanto se-distinguem dos-sermoens do-Vieira, como o dia da-noite. De que venho a concluir, que quatro Portuguezes, ou Espanhoes, que dizem o contrario, nam podem fazer mudar de conceito, ao mundo intelligente.

Ainda nas suas mesmas cartas, que louvo, acho coizas que reprovar. Deste numero é a afetação, de repetir em cada regra, o tratamento da-pessoa, com quem fala. Pois aindaque nos-discursos familiares, poia ter às vezes lugar isto; nas cartas, é enfadonho: e as pessoas, e Nasoens cultas, fogem todas deste vicio. Nem vale o dizer, que em Latim se-cos-tuma: porque na tal lingua, nam ofende os ouvidos; vistoque o tratamento communmente nam se-distingue, das-diversas inflexoens do-Verbo. Os nosos Italianos, que praticam mais do-Latim, uzam da-palavra *Ella*, para evitarem aquela repetição: e ainda esta com moderação. E oje os que escrevem melhor, depois de darem o tratamento uma ou duas vezes, ou em carta particular, ou prologo de livro; servem-se da-palavra *Vosira*, que se-refere a *Alteza*, *Eminencia*, *Santidade*, *Excelencia* &c. nam só porque esta Eliphi, nam prejudica, ao respeito que se-deve, aos Senhores grandes; mas porque sendo mais simplez e natural, é tambem mais nobre; e se-evita a ridicula afetação de alguns modernos, chegando-se mais ao estylo, da-Antiguidade. E, valha a verdade, este periodo: *Excelentissimo senhor, a*

excelentissima pessoa de Vossa Excelencia guarda Deus, como Portugal; e os criados de Vossa Excelencia vosso mister: com que o Vieira feicha muitas cartas, ao Marquez de Goaveia, e outras peloas; nam se-pode ler sem nauzea: achando-se muitas vezes, em quatro regras das-luas cartas, cinco vezes Vossa Senhoria &c.

O segundo reparo caie, sobre a afetaçam de muitos periodos, e cartas inteiras. O que o mesmo coletor delas na n oculta, quando diz, que muitas nam publicára, por-nam terem tanto naturais. De que eu cuidando, nam se-pode produzir melhor prova, que a carta que o P. Argote publicou, nas suas Regras Portuguezas; e que é escrita ao Cardial Lancastro: a qual é composta naquele estylo, que chamamos *dos-Seicentos*. Basta ler o primeiro periodo: *Com melhor saude, que o anopasido; e com menos vida, porque ele pessoa*: a segunda parte do-qual, é noticia mui digna, de se mandar a um Cardial, porque é coiza mui recondita. O que se-segue no-segundo paragrafo, sãam, *Sepulturas do-segredo: resurreiçoes da-confiãsa: exequias no-templo do-lezinguano: estatuis da-ingratidãam*, e coizas semelhantes, que oje tem ranho. E na n sei se se-pode perdoar, a um omem douto como o P. Argote, o trazer a tal carta, para exemplo de construçãam facil, e boa locuçãam. Conheço, que muitas vezes as cartas da mesma pessoa, nam sãam iguais: ou porque algumas escreveo, quando era moço, e sabia pouco; ou porque as-fez muito em presa. Conheço isto, e o-perdo: o que reprovo é, que o coletor nam soubese separar umas das-outras, impremindo as melhores.

E aqui noto incidentemente, que o que fez o prologo da-coleçam, que eu ignoro quem fosse, disse uma fallidade, quando afirmou; *Que nas linguas vulgares, tem todas as Nasoens escriptores, mas nam em grande numero, deste estylo*. Eu lhe-polo nomiar, lamente na Italiana, nam digo duzias, mas centos: publicadas muitos e muitos anos antes, que saísem a luz, as do-Vieira: e entre estes escriptores, muitos de purissima locuçãam, e estylo inimitavel. E o que mais é de admirar, omens que tratãam as Ciencias, mas principalmente todas as partes da-melhor Filozofia; com tal clareza, propriedade, e metodo, que envergonham os Filozos da-Escola: os quais, empregados toda a sua vida nela, explicam-se muito mal. Na lingua Franzeza, a infinitos tomos de cartas, em todas as materias; e alguns famosos. Deixo a Ingleza, e Olandeza, nas quais sei que se-tem seguido, este estylo. Onde, nam avendo coiza mais uzual, que estes escriptores; mostra-se o tal coletor, mui pouco informado do-mundo.

O terceiro reparo que faço é, sobre a Ortografia, que nada me agrada. Netas acho mui praticado aquele estylo, que se-deve desterrar, da lingua Portugueza; e vem a ser, a duplicaçãam escuzada, de muitas consoantes; e mil outras, que na minha primeira carta mostrei a V. P. que nam deviam seguir, os omens doutos. Onde persuado-me, que neste particu-

ticular, tam longe está de ser omem magne, que eu o nam-porei por-exemplar, a um principiante.

Ora eiaqui tem V. P. que as mesmas cartas do-Vieira, que eu julgo serem a sua melhor obra; ainda que tenham muita coisa boa, sejam fáciis, e as palavras nam sejam más; contudo, nam merecem aqueles cegos, e encarecidos louvores, que lhe-dam estes apaixonados: os quais ou estão preocupados, pelas mesmas opinioens; ou julgam por-cabeça alheia; e nunca tiveram a paciencia, de examinar bem a materia. Defeito mui antigo nestes centores: que aprovam os livros comumente, sem os-lerem: e nam se-contentam de aproválos, mas os-elogiam, e tam encarecidamente que perdem toda a fé. Deixo aos omens de melhor juizo, fazer a analyse das-tais obras, com mais tempo, que eu nam tenho.

Mas eu ja vejo, que me-tenho aberto muito com V. P. o que fiz, confiado na sua amizade. Certamente nam disera tanto com outros: pois sei certamente, que quem nam tiver examinado isto, me-terá quasi por-louco. Eu sempre fugi, desta sorte de conversaoens, com peccas que sabem pouco: porque me-ensina a experiencia, que se perde o tempo, e o conceito. Mate-me Deus com gente que me-intenda: e que me-nam condene, sem perceber as minhas razoens, e responder a elas. Porque aquilo de reprovar um eleritor, somente porque impugna os defeitos, de que eu gosto; sem ter o sofrimento de examinar, as dificuldades que propoem; ainda que seja uzo mui comum, nam sei porem se é concludente. Emfim com V. P. nam á este perigo porque eu sei muito bem, que ao seu talento, nada se-encobre: e que mais para exercitar o seu juizo, do que para aprender alguma coisa nova, é que tem a bondade, de me-consultar.

Mas sempre devo declarar-lhê, que o juizo que formo das-obras, do-P. Antonio Vieira; deve ser entendido, com todo o respeito devido, á sua memoria. Eu estimo muito este Religiozo, pelas suas virtudes, e capacidade. Vejo nas suas cartas retratado, um animo grande: um desinteresse nobre: uma viva paixam polos aumentos do-seu Reino: e ardente dezejo de se-sacrificar por-ele: e para nam ocultar coisa alguma, vejo a summa ingratitude dos-seus nacionais, que conrespondêram a tantas finezas, com asoens indignas: e nam só nam souberam estimar, tam grande omem, mas positivamente o-opremiram, e a sua familia. Estas circumstancias todas mo-pintam, mais estimavel: se eu vivêse no seu tempo, seria o seu maior amigo. Deve tambem o que digo intender-se, sem a minima ofensa da-Religiam da-Companhia: a qual tem produzido, tantos omens grandes neste genero; que sem dor alguma pode ouvir declarar, que um dos-seus Religiozos, nam iguala, nem chega á gloria de muitos outros: o que provem menos do-talento, que do-infeliz estylo daquele tempo, que nam conhecia, outro gosto de Eloquencia. Damesima sorte que Plinio Cecilio, ainda que tivêse talento, e indole insigne; nam pode menos que partici-
par,

par, do-estilo do-seu seculo; que degenerava muito, da-magestade da-primeira Eloquencia. Unicamente devo advertir isto a V. P., para justificar o meu proceder, contra aquella acuzação, que me-podiam fazer aqueles, que, ouvindo-me falar d'eloquencia Portugueza, viem que nam citava, o P. Vieira.

O conceito que formo, dos-sermoens e orações do-Vieira, com mais razam se-deve aplicar, a todos os outros sermonarios; que V. P. conhece, estarem muitos furos abaixo do-Vieira. Digo pois, que o Orador, que quer avultar no-mundo literario, deve deixar todos os sermonarios Portuguezes, ou Espanhoes, seguir a estrada que a cima lhe-abrimos: que parece ser, a verdadeira estrada da-Eloquencia: e isto parece-me que basta, para regular o metodo da-Oratoria. Deve a isto ajuntar, o continuo exercicio de compor: e exercitar-se juntamente em particular, para poder falar em publico: sendo certo que o exercicio de compor, e falar conduz muito, para beber os principios, e sabê-los uzar a leu tempo, com desembaraço. Perdoe-me a extensam desta, que desde o principio eu prevî, que seria comprida: e conserve-me muito ualua memoria. Deus guarde. 87.





CARTA SETIMA.

SUMARIO.

Fala-se da-Poexia. Os Portuguezes sam meros versejadores. Prejuizos dos mestres, de nam poetarem em Vulgar. Que coiza seja ingenho bom, e mau. Especies de obras de mau ingenho, em que cairam alguns Antigos, mas principalmente os Modernos. Necessidade do-Criterio, e Retorica, em toda a sorte de Poexia. Primeiro defeito de Poexia, a inverosimilitude: exemplos. Segundo defeito, os argumentos ridiculos. Reflexoens particulares, sobre as composicoens pequenas Portuguezas; que nam podem dar nome, a um omem: defeitos da-Nasam, provaos com exemplos. Reflexoens sobre o Epigrama Latino, Elogios, inscricoens Lapidares, Eglogas, Odes, Satiras, poemas Epicos. Que os Portuguezes nam conhecèram as leis, do-poema Epico: prova-se com Camoens, Chagas, Botelho de Moraes. Aponta-se o metoao, com que se-devem regular os rapazes, no-estudo da-Poexia. Nova ideia de uma Arte Poetica, util para a Mocidade.

A CARTA que V. P. me-mandou nesta semana, deu-me particular consolacoem; porque vi nela a imagem, da-sua soberana prudencia, do-seu criterio exatissimo, e da-lua inimitavel ingenuidade. Mas isto é pouco: vi nela executado, tudo o que este genero pode permitir, em materia de Retorica. V. P. quiz dar-me dois contra: e mostrar-me, que as minhas reflexoens eram superfluas: pois avia um omem neste mundo, que sabia executar primorozamente, tudo aquilo. Mas diso mesmo me-rezulta, grande gloria. Ou V. P. o fez, porque eu lho-avizei; e neste caso, que gloria nam ferá a minha, de ter um dicipulo desta qualidade? ou o-fez porque assim o interdica, sem que lho-avizáie; e fico igualmente gloriozo, vendo que as minhas reflexoens se-conformam, com as de uma pessoa, que estimo tanto. Ponho de parte os outros complimentos, que me-faz: porque nam quero usurpar, o que nam mereço. O que eu escrevi, nam é meu, mas o que ensinaram os omes mais insignes, nesta faculdade: de cuja lifam eu o-tirei. a estes é, que V. P. o-deve agradecer: e a mim, só a boa vontade que tenho, de o-servir.

No-fim da-sua carta, repete V. P. uma circunstancia, que ja me-pedio em outra sua: vem a-ser, que diga alguma coiza, da-Poexia. Eu me-

me-lembro mui bem , da-sua repetilam : a qual nam deixei por-esqueci-mento , mas com suma advertencia : vistoque só despois da-Retorica , se-deve tratar da-Poezia : a qual nada mais é , que uma Eloquencia mais ornada. Só me-resta uma difficuldade , quero dizer , se poderei eu de-zenpenhar , o que V. P. me-encomenda. Eu tenho pouca noticia de Poetas Portuguezes : ou nam tenho toda , a que é necessaria , para formar juizo exato deles. Desde que li alguns , os desprezei quãzi todos , porque me-nam-agradãram. Contudo lembrando-me , que a medida do verso Portuguez , é a mesma do-Italiano ; que as regras em todo o mundo culto , sam as-melmas ; direi alguma coiza que me-ocorre : se errar , deverá desculpar-me ; lembrando-se que só o-faço , para lhe-obedecer.

Digo pois , que o estylo dos Poetas deste seu Reino , e desta sua lingua , pouquissimo me agrada : porque é totalmente contrario , ao que fizeram os melhores modelos da-Antiguidade , e ao que ensina a boa razam. A razam disto é , porque os que se-metem a compor , nam sabem que coiza é compor : onde , quando muito sam Versificadores , mas nam Poetas. É disto nam queira V. P. melhor prova que ver , que nenhum até aqui se-rezolveo a escrever , uma boa arte Poetica Portugueza : todos se-remedeiam com esta Espanhola , que é muito má fazenda. Certo meu conhecido me-mostrou á tempos , uma manuscrita : mas nadã mais era , que um compendio da-dita Espanhola ; em que fomenta se-trata , das-medidas dos-versos , e combina focus de consoantes : o que está mui longe de se-chamar , arte Poetica. Onde concluo , que ainda nam vi livro Portuguez , que ensinãse um omem , a inventar , e julgar bem ; e formar um poema como deve ser. De que nasce , que os que querem poetar , o-fazem segundo a forsa da-sua imaginasam : e nam produzem coiza , digna de se-ver. Com efeito verá V. P. muitos , que quando escrevem dez versos , lhe-chamam *Decima* : e quando unem quatorze , chamam-lhe *Soneto* : e assim das-mais composioens. Desorteque compoem antes de saberem , o que devem dizer , e como o-devem dizer : e quando tem formado uma caraminhola , em trajes de Poezia , ficam mui satisfeitos ; e comesam a dizer mal , de tudo o que nam intendem. Destes se-acham , nam duzias , mas centos.

De nam terem profundado a materia , nace todos os defeitos da-Poezia : de que se-acham infinitos na Espauha , e tambem em Portugal. Geralmente intendem , que o-compor bem consiste , em dizer bem sutilezas ; e inventar coizas , que a ninguem occorrem : e com esta ideia produzem partos , verdadeiramente monstruosos ; e que eles mesmos , quando os-examinam sem calor , desaprovam. Os mestres de Retorica , em cujas escolas é que se-faz algum poema , e que deviam ensinar estas coizas ; sam os primeiros que se-calam , e deixam fazer , o que cadaum quer. Envergonham-se , de poetar em Portuguez : e tem por-pecado mortal , ou coiza pouco decoroza , fazelo na dita lingua. Imaginasoens , e prejuizos ridi-

culos! A Poezia nam é peçadora : a applicaſam é a que a-pode fazer con-
denavel, ſe nam é reta : e como iſo pode ſuceder tanto na proza , como
no-verſo ; daí vem , que eſtes que julgam aſim nunca deviam eſcrever em
Portuguez. Em todos os tempos os omens de virtude, ſe-aplicáram a eſte
exercicio. Os Santos Padres mais doutos, compuzeram muita coiza em ver-
ſo. S. Bazilio, S. Gregorio Nazianzeno foram grandes Poetas. O primeiro,
compoz expreſamente um tratado, no-qual enſinava o modo, de ler os Po-
etas com utilidade. O ſegundo, vendo que Juliano Apoſtata Imperador
Romano, prohibira aos Criſtaons, ler os Poetas Etnicos ; compoz algumas
poezias, imitando Omero, Pindaro, Euripes, Menandro &c. para inſtru-
ſam da-mocidade Criſtan. E iſto nam o-fizeram em Perſiano, ou Arabio ;
mas na ſua lingua materna, que era a Grega. O meſmo fez Apolinario Biſ-
po de Laodicea, e alguns outros. S. Inacio de Loyola, e outros mo-
dernos tambem fizeram, verſos vulgares. Se damos um paſo a traz, acha-
remos, que muitos eſcritores Sagrados, eſcreveram em verſo. O que é
tam claro, que ninguem pode menos que rir-ſe de ver, que um Portu-
guez ſe-envergonhe, de poetar na-ſua lingua, fazendo-o em Latim. Como
ſe na lingua Latina, nam ſe-pudeſem dizer todas as loucuras, que ſe-di-
zem na Portugueza ! De que vem, que, ſegundo o eſtilo das-eſcolas, um
Portuguez é obrigado a nam ſaber, que coiza é Poezia. Alem diſto, aqui-
lo que lhe-enſinam de Latim, nada mais é, que a medida de quatro ver-
ſos ; e fazer alguma breve compoziſam. Deſorteque em nenhuma lingua
ſe fazem, as reflexoens neceſarias, para ſer bom Poeta. Antes praticando-
ſe na Latina, uma ſorte de verſos feitos à moderna, com muitas futili-
zas, e conceitozinhos ; eſte eſtilo ſe-difunde, nas compoziſoens Portugue-
zas, com geral dano da-Poezia.

Duas ſam as partes, que compoem o Poeta ; *Ingenho*, e *Juizo*.
Ingenho para ſaber inventar, e unir ideias ſemelhantes, e agradaveis : Ju-
izo para as-ſaber aplicar, onde deve. E neſtas duas partes pecam, nam só
modernos, e medriocres Poetas ; mas pecáram ainda os antigos, e gran-
des omens ; nos-quais nem tudo é igual : como moſtram aqueles, que cri-
ticáram com juizo, os Antigos. Achamos omens com muito ingenho, e
com pouco juizo : porque eſtas duas coizas, podem-ſe unir muito bem :
e para nam parecer falſa a minha propoziſam, permita-me V. P. que me-
explique melhor. O Ingenho conſiſte em ſaber unir ideias ſemelhantes, com
promptidam, e graſa para formar pinturas que agradem, e elevem a imagi-
naſam : deſorteque nam baſta que ſejam ſemelhantes ; é neceſario que di-
virtam, e arrebatem. v. g. Quando o Poeta diz, que a garganta da-ſua
amada, é branca como a neve ; niſto nam aparece ingenho : ſe porem acre-
centa, que é igualmente fria ; niſto eſtá o ingenho. Polo contrario o Ju-
izo, é aquella faculdade da-aima, que peza exatamente todas as ideias : ſe-
para umas das-outras : nam ſe-deixa enganar da-ſemelhanſa : e attribue a ca-
da

da uma, o que é seu. Isto, pede uma exata meditação, e prudência fundada: aquilo só pede uma memoria cheia de muitas, e diferentes ideias. E daqui vem, que vemos frequentemente, omens de imaginação fecunda, e ingenho vivo; sem um escrúpulo de juizo: antes comumente tem menos juizo, os que tem mais ingenho: motivo pelo qual produzem obras, que merecem riso. Os que nam distinguem isto, confundem *Ingenho*, e *Juizo*: e chamam omens de juizo, aos que dizem mil ridicularias, e produzem infinitas monstruosidades, e despropozitadas imaginações.

O verdadeiro ingenho pois, é uma semelhança de ideias, que diverte, e eleva. Polo contrario o falso ingenho consiste, na semelhança de algumas letras, como os *Anagramas*, *Cronogramas* &c. às vezes na semelhança de algumas sílabas, como os *Ecos*, e alguns consoantes insullos: outras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equívocos* &c. finalmente consiste tambem, em composições inteiras, que apparecem com diferentes figuras ou pintura, como abaixo diremos.

Destas duas especies de ingenho bom, e mau, se-compoem uma terceira, que participa de ambas; a que alguns doutos chamáram *Ingenho mixto*: que consiste, parte na semelhança das-ideias, e parte das-palavras. v.g. Imagina o Poeta, que o Amor tem, semelhanças de fogo: e une estas duas ideias, na sua imaginação. Serve-se das-palavras de *fogo*, e *chama*; para explicar esta paixão do-animo: e como elas tem significação incerta, resulta daqui um todo, que tem parte de ingenho, e parte de apparencia: o qual é mais ou menos estimado, segundo que domina mais ou menos, um que outro: quero dizer, segundo que a semelhança cahe mais, sobre as ideias, que sobre as palavras. Na idade de ouro da-Latinidade, apenas se-acha vestigio d'isto, tirando em Ovidio, que tem alguma coiza: na idade de prata, Marcial cuida que foi o inventor: e nestes ultimos seculos, nam se-ve outra coiza.

Mas a verdade é que um conceito que nam é justo, nem fundado sobre a natureza das-coizas, nam pode ser belo: porque o fundamento de todo o conceito ingenhozo, é a verdade: nem se-deve estimar algum, quando nam se-reconheça nele, vestigio de bom juizo. E como os Antigos observáram muito isto, porisso neles se-observa, certa maneira natural de escrever, e certa simplicidade nobre, que tanto os-faz admiraveis. Polo contrario, os que nam tem ingenho para fazerem, que um conceito brilhe, com a sua propria luz, sem a-pedir emprestada; vem-se obrigados, procurar toda a sorte de ornamentos, e apegar-se a quaesquer agudezas boas, ou más; para com elas fazerem figura, e parecerem ingenhozos. Nas obras dos-Antigos nam distinguem o bom, nem o mau: abraçam os mesmos erros, como se fossem maravilhas: sem advertirem, que aindaque fossem nossos mestres, nam os-devemos seguir, com os olhos fechados: mas abraçar neles, o que nam repugna à boa razão.

Deste principio nacèram , aquellas ridiculas composicoens , que tanto reináram , no-seculo da-ignorancia , digo nofini do-seculo XVI. de Cristo , e metade do-XVII. e desterradas dos-paizes mais cultos , ainda oje se-conservam em Portugal , e nas mais Espanhas. Os omens daqueles seculos ignorantes , nam oblierváram nos-Antigos o bom , mas o mau. Vi-ram que neles se-achavam vestigios , de um mau ingenho ; e esse foi o que abrasáram : desorteque ainda oje tem os doutos grande trabalho , em desterrar isto , da-mente dos-omens. Alguns Poetas Gregos ridiculos , autorizáram este uzo. Atribue-se a *Theocrito* , mas falsamente , uma especie destes poemas , a que nós podemos chamar *pintados* , ou *figurados*. Representa um , o Ovo ; outro , uma Machadinha ; outro , um Altar &c. Isto é uma puerilidade , indigna de um Poeta tam grande , como *Theocrito*. Certamente para fazer semelhantes versos , deve o Poeta andar detraz , nam do-bom conceito , mas da palavra longa , ou curta : vistoque os versos nam sam , de igual medida e grandeza. Este pessimo gosto se-restableceo , no-seculo pasado , nam só no-verso , mas tambem na Proza. Eu vi um *Ecce Homo* , feito de letrinhas miudas , que continham o testamento Novo. vi um retrato do-Imperador Jozé , cuja cabeleira , e vestido era feito de versos. finalmente acha-se muito disto , nos-Poetas tolos do-seculo XVI. e XVII.

O que me admira neste particular é , que o Padre Bluteau , que nacera em um Reino , no qual se-sabe , que coiza é Eloquencia , e bom gosto ; quize-se introduzir tambem isto , em Portugal. Li averá anos um papel avulso , que ele compuzera nas exequias , da-Rainha D. Maria de Sa-boia , molher d'El-Rei D. Pedro II. e o-intitulou *Protheus doloris* ; em que se-continha bastante disto. Avia um *epitafio piramidal* , cujo artificio consistia , em ter algumas regras mais compridas que outras. Avia tambem variedade de disticos , em que se-aludia às letras todas do-A.B.C. : e muita desta ridicula fazenda. Tinha tambem uma enfiada daqueles titulos , que ele costuma pôr nes-seus prologos , e que embrulham o estomago , aos leitores de perfeito juizo. Com effeito eu ja disse a V.P. que este era o estilo , do-tal Religiozo : metodo , criterio , bom gosto , nam sabia de que cor era. é o mais cansado escriptor , que eu tenho visto. Na verdade era infatigavel , em algumas coizas : mas nam era autor para se-imitar : porque bebera desorte , este estilo de Portugal ; que até em Pariz quiz defender a um Cardial , que o estilo de pregar dos-Portuguezes , era excelente : o que cuida ter lido , em uma das-suas obras predicaveis. Emfim tudo isto é effeito , de mau gosto , e nenhum criterio.

Daqui tambem nacèram , as outras composicoens mais ridiculas. Conta a Iistoria , de um certo *Tryphiodoro* ; que compoz uma Ode , sobre os trabalhos de Ulizes ; e dividio este poema em 24. livros , a que deo o nome das-24. letras do-Alfabeto , pola razam contraria : vistoque no-pri-me-

meiro livro, faltava o *A.* no-segundo, o *B.* &c. e em nenhum se-achava a palavra, que tivesse a dita letra do-titulo. Eu vi uma composiçãõ moderna, que seguia o mesmo metoço. Certamente nam á coiza mais ridicula, que estes *Lipogramas*. Seria um bejo divertimento, observar este Poeta, empenhado a revolver todos os Dicionarios; só para deitar fóra, a letra eicomungada. Seria necesario, desprezar a voz mais propria, e mais elegante; somente por-ter a desgratã, de sa-achar nela, a dita letra. Mas que coiza seria a tal composiçãõ! que palavras ridiculas! que fraze maudita! que conceitos improprios! Foi fortuna, que o tal autor teve poucos se-quazes, na Antiquidade.

Dos-Enigmas de palavras, entre os Povos do-Oriente achamos muito. Era entre eles, uma principal parte da-sabedoria; saber propor, e decifrar os Enigmas. Os meimos Reis se-divertiam, em propor uns a outros, estas advinhaloens: e às vezes nos-convites, este era o ultimo prato. Mas deites omens nam falamos, porque ignoraram, o que era boni gosto. Mas ainda entre os Gregos ouve algum, que fez algum enigma: mas foram raros, como mostra o noio Lilio Gregorio Gyraldi, nos-seus Opusculos. Os Romanos mais advertidos, fugiram disto. Sobre a outra sorte de Enigmas pintados &c. algum vestigio vemos, nos-antigos: mas eles tinham outro diferente motivo. Em Roma era proibido, que um particular puzese a sua effigie, que era o mesmo que a sua arma, no-dinheiro corrente. Caio Cezar, que era o Provedor da-Caza da-moeda, mandou esculpir nelas, a figura de um Elefante: porque a palavra *Cezar* em lingua Punica, significa Elefante. Tambem entre os Gregos, principalmente Ateniezes, era proibido severamente, que os estatuarios, e artifices puzesem o seu nome, nas estatuas &c. Mas dois Architectos, tendo feito um grande palacio, esculpíram em varias partes, uma *Lagartixa*, e uma *Ran*, que eram os seus nomes. Observei eu tambem muitas vezes, na famosa estatua equestre de bronze, do-Imperador Marco Aurelio, que se-acha em Roma na praça do-Capitolo; que as crins do-cavalo entre as orelhas, representavam uma coruja: que sem duvida era o nome do-autor: que verosimelmente era Ateniez, vistoque em Atenas avia grande abundancia delas. Mas isto que os Antigos fizeram, por-necessidade, alguns Modernos o-fazem, por-eleifam: e se-cantam em inventar um enigma, como em fazer alguma obra eloquente. Nam posso deixar de escrever aqui um epitafio, que cita um autor de bom juizo, que se-poz na lapide sepulcral. O morto chamava-se: *Nicolao Antonio Simeoni*: e querendo-lhe fazer um epitafio ingenhozo, escreveram isto: *Hic jacet Barium, Patavium, de Nunc dimittis*. *Barium* aludia a S. Nicolao Arcebispo de Bari: *Patavium* a S. Antonio de Padua: e *Nunc dimittis* ao canto do-velho Simeam. Veja V. P. que tal era o enigma, e que tal seria o autor! Disto ainda oje se-acha muito, entre os ignorantes: e eu tenho visto bastante, em Portugal. In-

trei uma vez na caza, de certo cavalheiro Portuguez, que estava lendo um livro de Epigramas Latinos, in 4. perguntei-lhe, que coiza lia: e respondeo-me, Que lia o melhor Epigramatista, e o melhor Enigmatico. Que o autor era um Portuguez moderno, o qual em cada Epigrama occultára um enigma, com tanto estudo; que toda aquela menhan procurára decifrar um, sem o-conseguir. Que ja tinha alcançado, o segredo de outros: e que reconhecia, que neles avia muito ingenho. Ofereceo-se para me-emprestar o livro, e decifrar algum. Eu agradei a atensam: e respondi-lhe, que tinha mais que fazer: e que nam queria priválo do-gosto, de se occupar em coizas tam ingenhozas. E a isto chama-se ingenho! e á quem publique tais livros, neste seculo!

Ponho na mesma classe os *Ecos*, *Equivocos*, *Anagramas*, *Acrosticos*, *Cronogramas*, *Consoantes forçados*, *Laberintos* &c. Tudo isto ainda que tivesse seus vestigios, em alguns meos advertidos da-Antiguidade; refucitou, ou se-inventou, nos-seculos da ignorancia. Eu sei que Ovidio, em uma parte das-suas *Metamorfozes*, quando fala da-Ninfa *Eco*, antes de ser mudada em puro eco, introduz algum. Mas alem de que o-pedia, a necessidade da-materia; visto ser ela o argumento, da-sua descriçam; os omens de juizo rim-se, da-sua pucrilidade: sendo certo que Ovidio, caio em muitos defeitos, e escreveo com mais facilidade, que reflexam. Mas nam se-pode sofrer, que omens modernos, e que mostráram doutrina em muitas coizas, caisem nesta rapaziada, condenavel ainda em um rapaz: e que fizessem composicoens, exprelamente para mostrar, que sabiam fazer eco. Eu vi ecos, que respondiam em Latim, e outras linguas: e tive compaixam do-Poeta, que se-causára com aquilo. Os *Equivocos* nam os acho na Antiguidade, separados dos-Enigmas, tirando rarissimo, que em outra parte direi: sam inventam moderna. V. P. sabe muito bem, que só reináram, no-tempo da-ignorancia; e que os Espanhoes, e Portuguezes mais advertidos, fogem oje deles. Com effeito nam á coiza mais ridicula, que chamar conceito, a um ingano: e procurar aquilo, que se-devia evitar. Quando eu li algumas das-Jornadas, de *Jeronimo Baia*, tive compaixam do-dito Religiozo: e asentei, que a jornada que devia fazer, era da sua caza para o Ospital. Esta sorte de Poetas sam doidos, ainda que nam furiozos. Mas nam cuide V. P. que isto está totalmente reprovado: eu ainda conheço, quem o-pratica, e quando se-lhe-oferece ocaziam, de dizer um equivocozinho, banham-se em agua de Cordova. Nam falo dos-idiotas, porque estes nam cuidam niso: mas destes chamados doutos, Frades, Seculares, Sacerdotes, Estudantes &c. entre estes acha-se muito disto: porque nam se-incontra uma alma cristã, que dezinganadamente lhe diga, que aquilo é uma parvoice.

Mas o pior é, que ja o Equivoco pasou do-Portuguez, para o Latim: e muitos que deviam saber, que coiza era Latim, nam fazem escrupu-

pulo, de introduzirem nele equívocos; compondo um Latim novo, cheio de todas estas arengas. Um autor de credito, a quem eu estimei muito, pola sua doutrina, e piedade, tambem tropeçou nesta materia; compondo uma descripção do-Ceo, por-equívocos. Esta obra, que fora prometida anos antes, com diferente titulo; teve muita gente em grande esperansa, e eu fui um deles: mas depois que a-li, confirmei-me no-conceito em que estava, de que nam é obra para este seculo; mas cento cincoenta anos antes, seria um prodigio. Todo o artificio consiste, em ter buicado nomes de Santos, que signifiquem varios officios da-Republica, de que se acham carros nos-martirologios &c. e de crever uma Cidade ideal, introduzindo em seus lugares, os ditos nomes. Contudo isto esta obra teve mil adoradores, e apologistas; que mostram abraçar, a mesma opiniam. Eu porem que dezejo cooperar, para o credito deste omem, quizera que se nam-tivesse publicado: porque me-parece, que nam é digna de estar ao pé, de outras obras do-mesmo autor: e que defender o contrario, é mostrar mais paixam, que discernimento: e deste meu parecer foram, os Estrangeiros de juizo, a quem a-mostrei. Mas o que este fez em uma só materia, fazem outros em toda a ocaziã: e desculpam-se com um ou dois Estrangeiros, que são os gavadinhos. Como se os Estrangeiros, nam fizeram tambem parvoices! ou como se naquelas Nasoens nam ouvesse, quem abominasse tal metodo! Com effeito o *Tesouro*, mas principalmente o *Juglar*, de quem se-lervem neste genero de equívocos, e agudezas; é insupportavel: e tem sido o que arruinou muita gente, que nam peza bem o que abraça. Ele compoz uma certa coiza, a que chama *Elogios*: feitos em um Latim, que nam se-sabe de que seculo é; porque é todo cheio de sutilezas, e equívocos; e cada palavra se-deve tomar, em sentido diferente do que soa. O primeiro Elogio feito a Verbo Eterno, com esta assim:

Amicus silentii Deus est.

Semel in tota aternitate locutus Deus,

Uno omnia dixit in Verbo.

Prima sui fecunditate facundus,

Ipsa sui conceptione fit parens.

Veja V. P. o que aqui vai! A palavra *silentium* é aqui tam impropria, que nam pode ser mais: porque *silentium* é um termo relativo, que significa estar calado, ou quieto; quem primeiro falou, ou fez rumor: e isto nam se-pode aplicar ao P. Eterno, o qual sempre fala a mesma palavra, que entã falou. Onde nam á coiza mais contraria ao silencio, que o falar do-Eterno Pai: e, seguindo a sutileza do *Juglar*, deve-se dizer, que nam á quem seja, mais amigo de falar, porque nunca se-cala. A palavra *semel* tambem é impropria. Ela nam significa uma coiza, que sempre

se-faz: mas que se-faz uma vez só: e no-nosso caso, que já é passada: e isto nem menos se-pode aplicar, ao Padre. Tambem o nome *locutus*, rigorosamente falando, nam significa, quem pronuncia uma palavra, como de supoem; mas quem faz um discurso. *Uno omnia dixit in Verbo*, nam é fraze Latina, no-sentido em que ele a-toma: porque *uno verbo*, ou *verbo dicere*, de que uzam os Latinos; nam significa, pronunciar uma voz, como supoem o elogio; mas dizer poucas palavras; e explicar muito em pouco: a palavra *Verbum*, aqui é rigorozo equivoco. *Prima sui fecunditate*, nam sei o que quer dizer: porque eu nam acho, que o Padre Eterno geráse mais, que um filho: e a palavra *prima* é relativa. Alem diso a palavra *fecunditas*, nam significa, gerar uma só vez; mas muitas, e ser fertil: e nem menos isto se-aplica, ao P. Eterno. O mesmo digo da-palavra *facundus*, que nam significa, quem pronuncia uma só palavra; mas quem é eloquente, e sabe fazer muitos e bons discursos: e tudo isto está longe do-sentido, em que o-toma *Juglar*. A palavra *conceptio*, é outro equivoco. Ela nam significa, conhecer e intender alguma coiza; mas compreender, como um vaso compreende o licor, que lhe-deitam: e neste sentido se-transfere, para explicar o-modo, com que o utero das-molheres, recebe a semente; de que rezulta a gerafam. Significa tambem, excogitar: e em nenhum destes sentidos se-pode aplicar, ao P. Eterno: pois nem o Pai excogita o filho; nem se-concebe a si, mas ao Filho. Assimque toda esta arenga se-reduz, a um trocadilho e jogo de palavras: como V. P. poderá reconhecer, se quizer ler o dito autor.

E que diriam os nossos antigos Romanos, se vissem abuzar da-magestade dos-Elogios: destruir a naturalidade, e simplicidade da-lingua Latina: perverter a propriedade das-suas expressoens: fomite para dizer quatro sutilezas, que nam concluem nada? Contudo isto este autor, bandido de outros Reinos, achou muitos imitadores, e idolatras neste: aos quais será mais facil persuadir, que os antigos Romanos nam souberam, escrever com elegancia; doque que o P. *Juglar* nam seja, um milagre de doutrina, e facundia. Mas permita-me V. P. repetir o versinho, *quisque suos patimur manes*: o certo é, que este estilo, com mais razam se-deve evitar no-Latin, que no-Portuguez.

Os *Anagramas* sam invençam nova, e tambem agradam muito, nestes paizes. Que divertimento nam é, ver um perfeito anagramatista, dezentranhar daquela palavra, mil coizas diferentes! Eles convertem o branco em negro; o dia em noite; o omem em besta. Se o tempo que applicam, a esta rapaziada: o-aplicasem a coiza seria; podiam fazer um poema Epico bem grande. Acham-se alem disto mestres, que fomentam isto; dando premios aos rapazes, que nas escolas, ouvindo alguma palavra, descobrem nela um anagrama puro. Seria isto nada, se se-contivesse dentro das-escolas; mas o mau é que saie para fóra, e se-introduz nos-discursos graves. Afif-

Afisti uma vez a um sermam da-Conceisam , pregado polo P. * * * o qual fora muitos anos mestre, e tinha fama de grande Teologo; que provou o que disse, com anagramas, tirados do-nome da-Senhora, e de algumas palavras do-Evangelho. Creio que é necessaria mui pouca reflexam, para conhecer o ridiculo, deste estilo. Os *Acrofticos* sam primos comirmaons dos-Anagramas, e naceram no-mesmo seculo. Achan-se ingenhos mario-las tam infatigaveis, que no-mesmo Soneto poem trez vezes, o mesmo nome: duas nas extremidades, e uma no-meio. Para fazer isto ja V. P. sabe, quantas palavras é necessario voltar, e revoltar. E como as palavras se-buscam, polo comprimento, &c. segue-se que se-ám-de desprezar as melho-res: só para achar aquela, em que esteja aquela letra inicial, e aquele numero de silabas. E daqui fica claro, que coiza pode ser, a dita composi-sam. Os Ebreos depois do-Talmud, sam os que se-aplicaram a estas ridicularias, de *Anagramas* &c. mas somente para achar misterios, nas Escripturas. Porem estes modernos, procuram somente o divertimento.

Dos-*Cronogramas* vi algum em Portugal, mas raro. Os Tudescos sam insoportaveis nesta materia, e tambem os Ebreos modernos. Confiste pois o *Cronograma*, em pôr no-principio, ou fim de um livro, ou em alguma inscriçam, certas palavras; parte das-quais letras sejam majusculas: as quais juntas declarem a era, em que foi feito o livro. Omens á, que perdem mezes, para buscar as ditas palavras. Onde, quando V. P. vir algumas destas inscriçoes, em medalhas, ou livros; nas quais entre letras miudas se-achem majusculas; nam se-canse em buscar o conceito, que nam á: busque o ano, do-milezimo corrente.

Mais vulgar é em Portugal, outra forte de ingenho falso, a que chamam *Consoantes forçadas*. Quando querem experimentar um omem, se tem ingenho; dam-lhe consoantes estramboticos, para que complete os versos: e como isto seja o mesmo, que obrigar um omem, a que diga despropozitos; ja se-sabe que saiem composiçoes, indignas de se-verem. Se um omem quando quer fazer um Soneto, polos consoantes de outro, ao mesmo assunto, e sem se encontrar no mesmo confeito; lhe-custa: se depois que um Poeta faz, uma boa quadra de um Soneto; nam acha às vezes os consoantes proprios, para a segunda; e para explicar o que tem ideiado: confidere V. P. que coiza poderá fazer, quando o obrigam, a dizer despropozitos? O mesmo digo, quando dam os motes com finais dezuzados, e que nam tem outras vozes consoantes. Sempre me-pareceo ridiculo este estilo: e nunca pude sofrer, que vindo quatro amigos, elogiar outro em um oiteiro; lhe-ajam de dar motes, para os-tormentar. isto é recompensar uma fineza com uma injuria; e querer uma satira, em lugar de louvor. Deviam dar ao Poeta, somente o assunto; e deixar-lhe a liberdade, de fazer a Decima como quizesse: porque o entusiasmo deve ter liberdade na expresam: sem a qual nam é posivel, deixar de dizer parvoies

fes. Ou, em caso de lhe-darem o mote, devia ser com algum final, que tivesse muitas vozes consoantes da-lingua: paraque pudesse contrafazer-se menos, e produzir coizas dignas. Porem sempre direi, que é effeito de um ingenho mui mau, dar consoantes estramboticos: e que todo o omem de juizo deve fugir, desta rapaziada.

Em outros Reinos, sempre se-deixa a liberdade, a quem gloza: e na minha Italia, onde sabem que coiza é Poetar; a estes glozadores, a que la chamam *Improvizadores*, nunca dam motes, mas só o assunto. E por-isto á alguns, e vi tambem molheres, que discorriam prodigiosamente: e cujas obras escritas, mereceriam grande louvor. Especialmente encontrei um omem, de mente tam fecunda, que polo espacio de trez oras depois de jantar, fez continuamente versos; variando eu sempre os assuntos. Versava em oitava rima, conforme o costume dos-versificadores de Italia: e com tanta promptidam; que cheguei a suspeitar, que as trazia estudadas: desorteque me-vi obrigado, a variar infinitamente os argumentos: mas o omem sempre era o mesmo: e o profluvio de palavras nam tinha limite. Notei especialmente duas coizas singulares: nunca errou verso, ou na quantidade, ou no consoante: e nam uzava de palavras sem significado, de que frequentemente uzam os Poetas; mas dizia coizas bem ditas, e de sustancia. Mas este grande omem, querendo-lhe eu dar um mote, nam se-quiz lugeitar a glozalo. Nele fiz algumas reflexoens, das-que a V. P. aponto.

Vemos ainda outra coiza pior, que é, introduzir os consoantes, ou rimas, no-verso Latino. Nos-seculos da-ignorancia, ouve um Poeta destes, que reduzio a metade da-Eneida, em verso Latino rimado. Aham-se ainda alguns Imnos ecclesiasticos, feitos no-undecimo, duodecimo, e seguinte seculo, com consoantes e toantes. vi alguns Portuguezes, que gostavam disto. Mas tudo é effeito de summa ignorancia; e é nam conhecer, qual é a beleza, e harmonia da-lingua Latina. Ingenhos ordinarios, que nam podem chegar á galantaria, dos-antigos e bons Poetas; querem-se singularizar, com tal estilo: e por-isto se-devem desprezar.

Tambem os *Laberintos de letras*, sam mui mimosos em Portugal: e Poeta conhece V. P., que estimou mais um laberinto que fez, doque se fizera alguma famosa composiçam. Outros tem por-coiza grande, fazer laberintos de quartetos, dispostos em certa figura, desorteque se-lem por-todas as partes; e sempre conservam, a mesma consonancia. Outros fazem versos, que se-lem para diante, e paratraz: de uma parte, fazem um sentido: da-outra, outro contrario: empregam nisto tempo consideravel, nam só em fazelo, mas em decifralo: e chamam a isto, emprego de sublime ingenho. Que omens! O simplez nome de laberinto basta, para desprezar esta sorte de composiçoens: olhar para eles, deve confirmar este proposito. Decifrado um laberinto de letras, comumente achase o nome de

de uma pessoa, e nada mais: e onde está aqui o ingenho - Custa às vezes ao Poeta, fazer um laberinto de um quarteto, um mez; e como nam pode chegar a encobrir a composiçam, de modo que outro em um abrir de olhos, a nam-decifrre; todo o ingenho do Poeta, que lhe-custou um mez, excede outro, com um abrir de olhos. Os outros laberintos de quartetos &c. nenhum tem conceito: porque nam podem unir-se duas coizas, poetar bem, e poetar em laberinto. E assim com muito trabalho consegue o Poeta, que os outros conhecem; que ele nam sabe fazer, versos bons.

Igualmente é estimada neste paiz, uma especie de Sonetos, em que se-repete a mesma palavra, em todos os versos: que é o mesmo que a galantaria, dos-consoantes forçados. Porque obrigado o Poeta, a introduzir a dita palavra em cada verso, nam pode ideiar livremente; nem unir um verso com outro; nem sair com alguma composiçam, que seja digna. Podia citar mil exemplos: mas nam queira V. P. nenhum melhor; que o Soneto que se-atribue ao *Chagas*, e começa:

O tempo ja de si me-pede conta.

Em todos os versos entra, a palavra *tempo*: que é uma embrulhada terrivel: e o conceito do-fim consiste nisto:

E que se-chega o tempo de dar conta.

que é em carne o mesmo primeiro verso. E onde acha V. P. a galantaria? o mesmo digo dos-outros. E tudo isto provem, de que tais Poetas intendem, que o-fazer um Soneto segundo as leis comuas, é coiza ridicula: e assim querem, esquipalãna particular.

Se os omens considerarem, que coiza era a Poezia: se tivessem bem entendido, os principios dela: se quizessem decifrar, em que consiste a beleza e harmonia, que nos-eleva, quando ouvimos um bom poema: nam podiam menos, que desprezar todas estas composiçoens; que sam indignas, até dos-proprios rapazes. Só os que nam sabem, que coiza é ingenho, se-aplicam a estas ridicularias. Dezesperando de chegar, à magestade dos-antigos compozitores; nam acháram outro meio de serem atendidos, que fazendo ridicularias. Succedeo-lhe o mesmo, que aos Godos, com a Architectura: nam tendo sido instruidos nas boas artes, como foram os Gregos, e Romanos; e nam podendo chegar, à nobre simplicidade da-antiga Architectura: ornáram as suas fabricas, de tudo o que lhe-ofereceo, a sua mal regulada imaginaçam. Desorteque os omens, que no-seculo presente observam, os monumentos que nos-ficáram, destes barbaros; nam cessam de admirar, a pouca proporçam que se descobre, em todas as suas fabricas: e o mau gosto, que aparece, em todos os seus ornamentos. Muitos deles viviam em Roma: tinham debaixo-dos-olhos, as famozas fabricas dos-Romanos: e desprezando tudo isto, produziam monstruosidades. Assim sam os autores destas Poezias: tem os bons livros: podiam neles

observar, o que devem: e desprezam tudo isto, para seguirem fantasticas imaginações. Onde disse com galantaria, um autor moderno, que se a gloria de belo ingenho, se-conseguira fomite, com o trabalho que empregam, naquelas ridicularias; ele nam queria ser belo ingenho: pois era melhor, ser forçado da-galè, que conseguilo com tanto custo. E eu acrescento, que se estivesse na minha mam, condenaria estes tais Poetas, a passarem a sua vida fazendo *Acrosticos*, *Anagramas*, *Laberintos*; retirados do-comercio dos-omens; e felicitar-se com os seus inventos.

Teuho ainda outra coiza que advertir, que tambem é feito, de mau ingenho; e são aqueles ditos, que chamam *agudos*, e jogos de palavras; que se-acham frequentemente nos-Prozadores, e frequentissimamente nos-Poetas. Verá V. P. pessoas, que cuidam dizer graças, e coizas ingenhozas: e dizem inspidas ridicularias. Outros, servem-se de uma palavra com um *c*, que posto com um *l*, significa coiza diferente: e daqui formam uma caraminhola, a que chamam ingenho; e ficam mui satisfeitos, da-sua agudeza. O pior está em que a omens que escreveram, sobre a agudeza; e quizeram ensinar isto, aos leitores. Li á anos um livrinho pequeno, de um Espanhol, que cuida era Gracian; e se intitulava *Tratado de la Agudeza*: lembro-me que o autor no-prologo, dezejava ao livro a boa fortuna, de cair em maons, de quem o-intendesse. Polos meus pecados eu fui um, dos-que nam se-cansáram em intendê-lo: porque logo intendi, que o livro nam merecia que se-lesse. Querêr ensinar a dizer graças, e agudezas; é o mesmo que querêr ensinar, a mudar a natureza: quem nam é proprio para estas coizas, nam as-pode aprender. As graças, pola maior parte, tem beleza respectiva: em boca de uns, tem graça; na dos-outros, nam: a agudeza quando nam é pura, é o mesmo. Pola maior parte, as que passam com este nome, nam merecem este titulo: são meros jogos de palavras, que agradam infinitamente aos ignorantes. Neste particular a verdadeira regra é esta: Se o conceito traduzido em outra lingua, conserva a mesma força; pode-se chamar pensamento ou agudo, ou ingenhozo, segundo as circunstancias: se a-perde, pronuncie V. P. livremente, que é uma ridicularia; e que só pode ter lugar, entre gente que gosta daquilo.

Acham-se, é verdade, nos-Antigos muitas, e mui insulfas. Aristoteles na sua Retorica aponta algumas, a que chama *Paragramas*. Cicero no livro 2. de *Oratore*, tratando das-facecias do-Orador, indica outras muitas: e ele mesmo em varias partes das-suas obras, serve-se delas: porque este era o seu defeito, ser mui faceto: e com as suas facecias aquistava, perigosos inimigos. Mas devo dizer, em obsequio da-verdade, que as que ele aponta, quasi todas são frioleiras, e ridicularias; que nam merecem nome, de pensamento ingenhozo: e se V. P. me-nam-cre, leia o dito livro, e achará que lhe-digo a verdade. Estas venialidades em que caíram estes grandes omens, são recompensadas com infinitas boas qualidades,

des, que neles vemos: e sam tambem desculpaveis, por-outro principio; que é a falta de Critica, que tiveram os Antigos. Aqueles ingenhos elevados dos-primeiros autores, nam faziam todas as reflexoens necelarias, para procederem com exaam: polo contrario, os que os-seguiram, ainda-que inferiores na grandeza de ingenho, excedem no-metodo, e na critica: e souberam evitar, os defeitos dos-primeiros.

Omero é grande, é natural, tem pensamentos elevadissimos, e excede nisto a Virgilio: contudo este, que ecreveo deipois, aindaque tenha menos natureza, mostra mais arte que Omero: pois soube evitar um defeito, que frequentemente se-acha em Omero, que é, amontoar superfluos epitetos, e ás vezes inuisos: como tambem as digresoens, e colloquios insipidos, sem necessidade alguma. Cicero no-seu livro de *Claris Oratoribus*, em que censura, tudo o que ouve de bom na Antiguidade; traz belissimas reflexoens, sobre os defeitos de alguns Oradores: e bem procurou nas suas obras, fugir dos-tais defeitos. Contudo Quintiliano, que floreceo um seculo e meio deipois, aindaque muitos furos abaixo, do-mercamento de Cicero; advertio coizas, que a Cicero tinham fugido. A verdade é, que os ecritores, que ecreveram, despois dos-primeiros; reflectindo sobre as primeiras obras, examinaram melhor, que coiza era bom ingenho; e deram regras, que os primeiros ignoravam. Quintiliano é um destes: mas sobre todos Dionizio Longino, que floreceo no-meio do-3. seculo cristam. Este omem, que alem de Filozoto, e Retorico, era um perfeitissimo Critico; ensinou no-tratado, que nos-deixou *de Sublimi stilo*, como se-devia julgar nestas materias: e que coiza se-devia chamar *Ingenho*: e todo o mundo douto, concordou com ele. A ignorancia, que pouco despois se-introduzio no-Imperio; fez com que se-eisquecessem, deste metodo de julgar: o qual se restableceo nos-fins do-seculo XVI. mas principalmente no-palado, e no-prezente; em que as coizas se-estimam, nam polo que parecem, mas polo que sam. Mas como nem todos tem juizo, para entenderem as coizas; daqui nace, que neste mesmo seculo XVII. e ainda prezente, se-acham peloas, que confundem as ditas coizas: e que, se acazo chegam a ler os Antigos, nam sabem advertir, o que neles se-devia imitar, ou desprezar: e por-iso chamam pensamentos ingenhozos a coizas, que estam mui longe diso: o que frequentissimamente se-incontra, neste Reino.

Um destes Poetas, observando as desprezantes maneiras de olhar, da-sua Dama; e convencido no-mesmo tempo, da-eficacia que os seus olhos tinham, para inspirar-lhe amor; os-considera como cipelhos ustorios, teitos de caramelo: mas podendo ele viver, nos-maiores ardores que o-abrazavam; conclue, que a zona torrida é abitavel. Quando a sua Dama tem lido a carta, que lhe-escreveo, com fumo de limam, posta ao calor do-fogo; lhe-pede, que a-torne a ler, à luz das-chamas de amor. Quando ela
cho-

chofa, defeja que um suave calor, excitado polo amor, fafa destilar aquellas lagrimas, pasadas polo alambique do-feu corasam. Quando ella está auzente, acha-se alem do-oitentezimo grao de latitude; quero dizer, quarenta graos mais vizinho do-Polo, do-que quando se-acha com ella. O seu amor ambiciozo é um fogo, que sobe naturalmente para cima: o seu amor afortunado, parece-se com os raios do-Sol: e o seu amor dezafortunado, asemelha-se às chamas do-inferno. Quando o amor lhe-tira o sono, é uma chama, de que nam saie fumo: e quando a prudencia o combate, é um fogo asoprado polo vento. O seu corasam é um Etna, que em vez da-officina de *Vulcano*, oculta aquella de *Cupido*. As vezes, o corasam do-Poeta acha-se nevado, no-peito de todas as belas: outras vezes afado, na vizinhança dos-seus olhos. Umas veze, atoga-se dentro das-lagrimas; e no-mesmo tempo arde, entre os braços de amor: semelhante a estes foguetes de nova invençam, que ardem, e estoiram debaixo da agua. Em todo este discurso vé V. P. que o poeta supoem, que o amor é verdadeiro fogo de cozinha; e que une estas duas ideias, *fogo*, e *amor*; para delas deduzir, todos os seus conceitos; a que elle chama sutis, e ingenhozos. Isto agrada ao comum dos-omens, nam obstante que seja uma fantazia impropria, e estravagante. Porém ja eu lhe-perdoára este ingenho mixto; se uzassem de-le com moderasam: o que nam polo sofrer é, que sem prudencia o-introduzam por-tudo: e nos-queiram persuadir, que é grande ingenho, chamar a uma coiza com diverso nome: e que a dita coiza é tal, como a-pintam.

Acho tambem mui radicado nestes paizes, (tambem em alguns estrangeiros) aquilo de servir-se sem reflexam, das-divindades dos-Pagaons, em toda a forte de poemas, Sagrados, e Profanos: cuidam muitos, que-fazendo ao principio a solita protesta, de que os-nomeiam no-estilo poetico; tem feito a sua obrigasam. Pode-ser que a tenham com a religiam: mas certamente nam a-tem, com os bons Poetas. Com grafa dise um omem douto, que toda a ciencia de muitos modernos Poetas, nam passava, das-Metamorfozes de Ovidio. A verdade é, que os Poetas modernos, sam Prodigios desta mitologia. Se louvam uma molher formoza, ocupam-se mais em descrever Elena, ou Venus; Leda, ou Europa; doque a dita beleza. Se elogiam um eroe, entra logo Mavorte, e Alcides; e pola maior parte nam saiem daqui. Mas isto é sem duvida ridicularia. Em um poema burlesco, tem grafa a dita mitologia, porque só se-trata de divertir, com a applicasam: mas em um poema serio, é fantazia condenavel. Que o-fizessem os Etnicos, tinham desculpa na sua cegueira: mas que o-fasa um Catolico, em cuja religiam nada significam, tais nomes: que o introduza *D. Joam de Castro*, como grande amigo de Marte; e estableça boa correspondencia, entre Belona, e *Diniz de Melo*; é um erro que nam se-pode perdoar a um Poeta, que passa de 15. anos. Os que nam sabem en-

gran-

grandecer, as verdadeiras virtudes; e que recorrem as fábulas, para ornamento do seu poema.

Nunca pude sofrer um Poeta, no-principio de um poema moderno, invocar as Muzas, e Apolo; para lhe-inspirarem os pensamentos: mandar Mercurio, com algum despacho de importancia: obrigar Minerva, a que tome a figura, de algum conselheiro: chamar do-Inferno Plutam, para excitar discordias, entre algumas peioas: nam permitir tempestades, semque Venus vá pedir a Eolo, que faça das-tuas: nam contentir perda de batalha, sem que o Destino atire alguma, das-tuas solitas pedradas. Isto é uma atetalam, digna de compaixam. Nos temos na nota religiosa coizas, que podem suprir, a todas as ideias dos-Antigos. Temos Deus, temos Anjos, temos Santos, que nos-podem inspirar o bem: e temos diabos, para inspirar o mal. O Poeta mostraria mais ingeutho, se ele fizesse os seus versos; doque pedindo a Apolo, que lhos-inspire. Um furiozo vento excitado polo Diabo, pode fazer o mesmo espalhamento, em uma armada; que Eolo, com todas as suas Furias. Para dar razam de uma batalha perdida, é mais natural e verdadeiro, recorrer à polvora, balas, e prudencia do-General; doque ao Destino, ou Fado, que sam palavras sem significado. O Diabo nam é menos prejudicial, à paz e quietalam dos-Omens, que pode ser Plutam, com Cloto, e as suas companheiras. Quem dece ao Inferno, para tirar de lá Lachesis, e outras destas Furias; nam lhe-era mais barato, tirar um diabrete, para concluir tudo aquilo: Os Gregos nam se-serviram das-divindades dos-Ebrios, ou Sirios, para explicarem as suas coizas; mas daquelas que estavam estabelecidas, no-seu paiz: E porque ave-mos nós servir-nos das-Gregas, tendo outras melhores? O que suposto, merecem rizo os Poetas, que se-ocupam com estas ridicularias: porque ou querem significar com aqueles nomes, alguma coiza; e isto é sacrificar o seu catechismo; à mitologia dos-Antigos: ou nam significam coiza alguma; e novamente merecem rizo, por falarem em coizas, que nam pode aver: e é perder a verosimilidade do-poema, servindo-se de coizas, e vozes, que ninguem pode entender. Que o Poeta em uma metafora, em uma semelhança, ou em alguma breve aluzam, tocáse algum destes pontos; poderseia alguma vez perdoar: mas introduzilos em todo o corpo do-poema, como faz o *Cantoens* na *Luziada*, que introduz Venus, e Baco por-toda a parte, sem desoritam alguma; ou tambem o *Chagas*, e o comum deste Reino; isto é mostrar; que nam tem juizo ou discernimento, na applicalam dos-ornamentos poeticos. É muito de admirar, que os que sabem tambem descrever Venus, e Baco; nam saibam descrever, um omem seu contemporaneo, sem recorrer à Antiquidade. Pode-se porem sofrer, que o Poeta fale com as coizas inanimadas, como com pessoas: v. g. com os Ceos, terra, Elementos, Morte &c. e faça outras destas figuras de Retorica: e isto nam ofende nem a religiam, nem a boa razam: aquilo ofende ambas as coizas.

Estes

Estes defeitos nos Poetas succedem, porque lhe faltam os dois principais requizitos, Criterio, e Retorica. Chamo Criterio, a uma boa Logica natural, exercitada na lizã de bons autores: Retorica ja se sabe, que é a arte de persuadir, sem a qual nam se pode ser bom Poeta: a qual supoem Juizo, e Criterio. A simplez propozizã destes dois requizitos basta, para atarantar estes Poetas ordinarios: os quais se rim de todo o corã, quando ouvem dizer, que sem ter singular Retorica, nem se pode ser bom Poeta; ou ao nuenos intender, o arteficio da-Poezia. Estes ingenhos das-duzias, param na superfície das-coizas. Julgam que Retorica, é falar em proza; Poezia, falar em verso. Mas os omens que intendem a arte, rim-se ainda mais da sua ignorancia. Cuido que facilmente persuadirei a V. P. o que digo, se lhe-puzer diante dos-olhos, que coiza é Poezia; e isto a que chamamos, arte Poetica.

A Poezia é uma viva descriçã das-coizas, que nela se-tratam: outros lhe chamam pintura que fala, e imita o mesmo que fazia a natureza, e com que agrada aos omens. O arteficio da-Poezia tem por-fim, agradar: e por-isto só se-emprega em dar regras, com que possa ocupar gostozamente um ingenho. A isto consãgram os Poetas, todo o seu ingenho, e juizo. Se buicam argumento elevado, é para agradar, com a ideia de grandeza: se procuram imitar a verdade, é para agradar, com a galantaria da-imitaçã: se nam dizem coizas contrarias às nosas inclinaçoens, isto mesmo é para agradar: se propoem movimentos apaixonados, com que pintam ao vivo, diferentes afetõs da-alma; tambem isto é para agradar: desfortaque este é o idolo, do-arteficio poetico. E como isto nam se-pode conseguir, sem saber procurar pensamentos, ou argumentos proprios, para mover as nosas paixoens: saber servir-se de palavras, para pintar aquella coiza que se-quer; o que encerra as Figuras da-voz, e do-animo: Fica bem claro, que para fazer tudo, que pede a arte, se-requer boa Retorica. Mas esta razã se-intenderã melhor, se observarmos as diferentes especies, de Poezia.

Todo o Poema se-divide em Dramatico, e Narrativo. Compreende o Dramatico, a Comedia, Tragedia, e tudo o mais em que os que entram no-poema; representam com a viva asã, tudo o que se-diz: o Narrativo compreende, todas as mais especies de poemas, em que se-faz discurso, sem asã viva. Estas sã infinitas; mas ainda se-reduzem, a duas principais especies: uma, compreende as poezias, que se-cantam: outra, aquellas que se-lem. Na primeira, entram as Odes, Imnos, e todas as especies de cantigas: na segunda, entram todas as outras composicoens: que ainda se-dividem em trez, Doutrinãis, Historicãs, e Oratorias. Nestes trez generos se-tem composto, famosissimos poemas. v.g. O poema de Lucrecio, é um tratado em que expoem, a Fizica de Epicuro: os Fenomenos de Arato, que Cicero traduzio em Latim, sã um tratado de Astro-

romia : o mesmo digo do Poeta Manilio : as Georgicas de Virgilio , são um tratado de *Re rustica* : os Fastos de Ovidio , são a historia das antiguidades Romanas : e o poema de Lucano , é uma historia das guerras civis. O que suposto , quem pode negar , que um tratado de Doutrina , ou de historia , pede uma exata noticia de Retorica ? E com effeito para escrever semelhantes tratados em verso , não dezejam os mestres outra erudição ; senão a que é necessaria , para escrever em proza ; tirando alguma expressão metrica.

Passando ao 3. genero , tudo o que os Oradores fazem , no genero demonstrativo ; que comprehende os louvores , e vituperios , de uma determinada pessoa , ou assim ; fazem também os Poetas. Os Epitalamios são louvores , que se dão a uma pessoa , no dia do matrimonio : os Epicedios são louvores , depois de morto : as Apoteoses são quando se louvam de forte , que se fingem collocarem-se , entre os Deuses : e tudo isto é em carne , um panegirico. As Satiras são reprehensão do vicio ; e também pertencem ao genero demonstrativo. as mesmas cartas se escreveram antigamente , em verso : de que nos deixou bons exemplos , Ovidio &c. Não ignora V. P. que a estes tres generos se reduzem , todas as composições , não só Latinas , mas Vulgares. Fazem-se Sonetos , Silvas , Quintilhas , Elegias &c. em louvor , e vituperio : escrevem-se Cartas em Silvas , Decimas , Tercetos , Quartetos , Romances &c. finalmente todos os discursos de proza , se podem reduzir em verso. E assim a mesma Retorica que é necessaria , para regular os nossos discursos , na proza ; o é também , no poema. Onde vem , que a Poesia , é uma Retorica mais florida : e a quem falta esta não pode ser bom Poeta. Como é possível , que o Poeta exprima na Elegia , a sua paixão , de forte que mova ; se ele não sabe , a arte de mover ? como pode nos dialogos exprimir , o que cada um quer , e deve dizer ; se ele não sabe o que deve dizer ? Torno às Comedias , e Tragedias , e delas pergunto o mesmo : Como pode o Poeta fazer , que cada um dos representantes exprima , a paixão de que está possuido ; se ele não sabe , que coisa é paixão , nem como se move ? não pode ser que um homem , que ignore isto , faça uma Comedia boa. Também a Tragedia não consiste somente , em inventar um argumento nobre : em saber emburhar uma quantidade de successos , que causem maravilha , quando se dezintrigam : mas sobre tudo é necessaria a propriedade , e caracter , em cada parte ; para mover o animo : o que pede , particular Retorica

Quanto ao poema Epico , é certo que comprehende , todas as outras espécies de poemas narrativos : e nele se pode empregar , tudo o que á de fino na Retorica. O principal assumto dele é , um panegirico. Nele se acham arengas famozas : algumas são deliberativas , outras judicias. acham-se acusações &c. acha-se a historia do eroe. acham-se muitos conceitos de doutrina , e outra erudição. entram nele cartas , epigramas , dia-

logos : e finalmente tudo o que á melhor , na Poezia. Motivo porque se-
 ãne , que era a coiza mais difficultosa , da-arte Poetica. Onde , compreen-
 dendo todas as outras especies de Poezia , se cada uma delas pede Reto-
 rica , que fara o poema Epico ?

Daqui fica claro , que conceito se-deve formar , destes vulgares
 Poetas , que V. P. incontrará todos os dias. Eles nam sabem que coiza
 é Rhetorica , e bom gosto em materia nenhuma ; como lhe-mostrei na mi-
 nha ultima carta : e assim que coiza boa podem fazer , na Poezia ? Se fa-
 zem alguma coiza menos má , é porque casualmente succedeo ; ou assim o-
 lèram em algum livro , d' onde o-roubáram : mas ignoram a razam , por-
 que assim se-faz. E isto nam é ser Poeta , nem para la vai. E nam cuide
 V. P. que falo por-conjetura : mas com experiencias mui certas : e ja me-
 succedeo pedir a um mestre , que explicava um passo de Virgilio a um dici-
 pulo ; que me-explicáse a mim , porque se servira o Poeta daquelas expre-
 soens : e nam só nam mo-explicou , mas nem menos me-intendeo. Desfor-
 teque incontrando-se todos os dias , tantos Poetas ; nam á coiza mais rara ,
 que um Poeta.

E com effeito o segredo particular da-Poezia , principalmente Eroica ,
 nam o-pode conhecer , senam quem é bom Retorico. Consiste ele ,
 segundo dizem os mestres da-arte , em saber propor desorte , o argumen-
 to que se-escolheo ; que só appareça ; o que tem de extraordinario , e ne-
 nhum defeito : e em saber inspirar ao leitor , curiozidade de ler todo o po-
 ema : nam declarando tudo logo , mas confuzamente : fazendo nacer uma
 difficultade da-outra , paraque se-esporeie o dezejo : dilatando a leitura , e
 enchendo a istoria , por-meio dos-Epizodios ; para que o leitor nam perca
 de mira , o seu principal argumento : e finalmente nam dezatando o nó
 da-difficultade , senam quando tem conduzido o leitor , ao fim do-poema.
 Tudo isto pode V. P. observar , na *Eneida* de Virgilio , ou na *Jeruzalem*
 do-Taffo. Eles propoem ao principio em breve , o argumento da-sua obra ;
 e prometem coizas grandes. Nam comecam polo principio da-vida do-eroe ;
 mas por-uma assim famosa , que empreendeo no-meio da-sua vida : da-qual
 com artificio particular , fazem recuar o leitor , até os primeiros trabalhos
 do-seu eroe. Uma difficultade excita outra : demaneiraque o leitor nunca
 se-cansa , na leitura. E que outra coiza fazem os-Reticos , quando querem
 excitar , a atensam dos-seus ouvintes ? Ja eu disse a V. P. que esse era o
 principal artificio , das-Orasoens de Cicero , e ainda de muitos Oradores
 da-Antiguidade. donde concludo , que só um bom Retorico o-pode fazer.
 Alem disso os Retoricos encomendam muito , que o Orador nam diga ,
 senam coizas verosimeis : porque com falsidades manifestas , ninguem se-
 eleva. E isto mesmo dizem , todos os bons Poetas : antes nada mais cui-
 dam , que representar verosimel,tudo o que propoem. Desorteque quanto mais
 se examina a Poezia , tanto mais claramente se-reconhece , a Rhetorica.

E esta é a razam, porque vemos todos os dias, que muitos, querendo ser Poetas, são uns ridiculos: porque lhe-falta o principal fundamento; que é, saber pezar as coizas, e dar a cada unia o seu preço: observando aquilo, a que os Latinos chamam, *decorum*: que consiste no-introduzir cada um, a falar segundo o seu carater. Todos os defeitos apontados, são essenciaes, e frequentes: mas este ultimo da-inverosimilidade, é mais geral, doque se-nam-intende. Acham-se poucos Poetas, que nam pequem contra isto: pecam no-Drama, e pecam no-Epico: aindaque neste menos: porque são rarissimos os que compoem, poemas Epicos. Mas em toda a outra sorte de poesia Narrativo, são mui frequentes em Portugal. Nas comedias pouco caiem os Portuguezes, porque nam se-aplicam a elas: raras vi, fora das-de Camoens: mas os espanhoes caiem muito nisto. Verá V. P. um pastor, que fala com mais filozofia e prudencia, que um Cipiam Nafica, ou Catam Uticense. Acham-se relasoens, com encarecimentos tam despropozitados, que nam merecem outro nome, que uma enfiada de manifestas mentiras. Algumas vezes, um omem vulgar faz uma Decima, ou Oitava derepente: outras vezes, dá melhores conselhos, que um consumado Jurisconsulto. Finalmente em tudo se-ve pintada, a inverosimilidade. Nani digo eu só *Calderon*, mas o mesmo *D. Antonio de Solis*; que em outras coizas mostrou mais juizo, que *Calderon*; nesta o-perde. E finalmente todos os Espanhoes são o mesmo: porque tropefiam a cada passo na futiliza, que é impropria na boca, de semelhantes pessoas: e tambem impropria da-Comedia: que nada mais é, que uma imagem da-vida, proposta aos olhos dos-omens, para repreender as asoens ridiculas dos-mesmos.

Dos-Espanhoes o-aprendèram os Portuguezes: e comumente se-perfuadem, que quem futiliza melhor, e diz coizas menos verosimeis, é melhor Poeta. Metaphoras mui fóra de propozito, encarecimentos inauditos, são os seus mimosos. Ouvei gavar muito um Soneto do-*Chagas*, feito a um cavallo do-Conde de Sabugal, pola metaphora da-Muzica, e come-fa assim:

*Galhardo bruto, teu acorde alento
Muzica é nova, cem que aos olhos cantas:
Pois na harmonia de cadencias tantas,
E' clave o freio; é solfa o movimento.*

Mas eu considerando o tal Epigrama acho, que é uma completa parvoise, desde a primeira palavra, até a ultima. Nam acho nele, conceito algum: as palavras são improprias; e muitas nam tem significafam certa: e nam conclue com pensamentos que eleve, que é a obrigafam do-Epigrama. Nam sei como o dito Poeta nam fez outro, a um burro de Valada, ou macho de Almagro; pola metaphora da-Logica, ou Geometria. Podia descobrir na seriedade destes animais, semelhansas de um omem

que filozófa : no-seu pafo grave, o fundado do-juizo : tambem nas fuas ore-lhas, ſemelhanças de uma ſeſam conica : no-corpo, veſtigios de um pa-ralelogramo : no-movimento, a ideia de varias linhas : e nas unhas, uma porſam de circulo : com outras ridicularias deſtas. As metáforas podem ter lugar ; mas nam devem ſer eſtas, que ſam arrastadiſimas. Isto nam inten-dem os que o-louvam : mas iſto deviam intender, os que prezumem ſer Poetas.

O outro ponto dos-encarecimentos, é frequentiſimo neſtes paí-zes. Nam á coiza mais comua, entre eſtes chamados Poetas, doque enca-recimentos incriveis ; e ſervir-se de palavras, que nam ſignificam nada. E ſem ſair do-*Chagas*, que parece a muitos, que é bom Poeta ; confide-re V. P., o que ele diz neſte Soneto, feito a um pé pequeno de uma Dama.

*Instante de jazmin, concepto breve,
 Atomo de azuzena presumido :
 Pues os juzgam las ancias del sentido,
 Sospecha de cristal, susto de nieve.
 Nó pie, mentira ſois : pues como aieve,
 Ni verdad en un punto aveis cumplido.
 Antes creo que eſcrupulo aveis ſido :
 Pues de ſer, o nó ſer, la duda os mueve.
 Como, ſi idea ſois de ojos tan claros,
 Hazeis los ojos ſe para creeros,
 Y hazeis la viſta ſe para miraros?
 Yo me refuelvo en ſin que he de perderos.
 Pues ſi el veros es ſolo imaginaros ;
 Siendo imaginacion, como he de veros?*

Este Soneto tem tido mil aplauzos : e ja achei quem me-diſe, que era onde podia chegar, o ingenho umano. Contudo iſo eu defendo, que os que o-louvam, proguntados polas palavras do-Soneto ; ám-de confeſar, que o-nam-intendem. Primeiramente eſtas palavras, *instante de jazmin, concepto breve, atomo presumido, sospecha de cristal, susto de nieve, ancias del sentido* ; ſam frazes que nada ſignificam : e nam só em Portuguez, mas em nenhuma lingua. Dezaſio todos eſtes poetas Portuguezes, paraque me-digan, ſe ouviſem um omem falar em proza daquela ſorte, ſe o-intenderiam : pois é bem claro, que o que nada ſignifica em proza, muito menos ſignifica no-vertio. E temos, que o primeiro quarteto nada ſignifica : porque querendo ele ſignificar, um pé pequeno ; ſerve-te de termos, que nam ſignificam iſo. Na ſegunda quadra ſobe de ponto o encarecimento : e nam ſe-contentando de dizer, que é pequeno, e é um ponto ; acrecenta, que nam á tal pé no-mundo ; pois ſomente fica a duvida, ſe o-ouve, ou nam ouve. Nos-ter-cetos deſfaz, quanto tinha dito. Primeiro aſenta, que o pé ſe-ve : deſ-
 pois

pois diz, que nam é afim, e que fomento se-pode saber por-tradifam, que á tal pé: e conclue, que nam existe tenam na imaginalam, e nam é possível que se-veja. Esta é a analize do-dito Soneto. Ora diga-me V. P. polo amor de Deus, se intende o que quer dizer, este Poeta. Primeiramente, ele nam conseguiu o seu fim, que era mostrar, que o pé da-sua Dama era pequeno: provou mais doque quera; e mostrou, que nam avia tal pé. Alem disto nam adverte, a inverosimilitude do-conceito. Nam consiste a beleza de uma figura, em ter um ponto por-pé; antes isto é deformidade: consiste, em ter um pé proporcionado: e nas-mulheres, a sua proporção é, que o pé seja mais pequeno. E eu intendo que a Dama licaria mais contente, de ter um pé grande; doque de nam ter pés e necessitar de moletas.

Dirmeá V. P. que o Poeta deve fingir, e inventar alguma coisa, para louvar: concedo: mas nam devem ser semelhantes parvoices, que em vez de agradar, fazem nauzea. Podem-se dizer muitas coizas da-quele pé: mostrar, que para o complemento da-beleza, nam á proporção melhor, que um pé pequeno: que nisto excede ela muito, todas as mais senhoras: que a tua brancura, e delicadeza é inimitavel: que tem toda a graça que se-pode imaginar, em semelhante parte do-corpo. Isto, quanto ao serio. Parlando ao burlesco, podem-se dizer mil outras coizas: e pode o Poeta inventar, alguma coisa galante; com que adorne estes conceitos. Afim torno a dizer, que os que louvam o Soneto, sem considerarem isto, nam o-intendem.

Se V. P. examina o motivo, de todos estes encarecimentos; achará que provem, do-que no-principio apontamos. Todo o ponto destes Poetas está, em singularizar-se, seja como for: e afim buscam argumentos esquipaticos, os quais obrigam a procurar, conceitos despropozitados. E unido a isto, que eles sabem pouco, o que quer dizer *elogiar*; daqui vem, que amontoam conceitos inverosimeis; e servem-se de expressões, que nada significam: as quais ou por-força do-consoante, ou da-novidade, agradam os ignorantes. Que o Poeta disese maos conceitos; aindaque fosse um grande defeito, era mais toleravel: mas que, por-querer dizer coizas peregrinas, diga parvoices, e contrariedades, e fale em uma lingua, que ninguem entende; isto fim que se-chama, grande defeito de Poezia. Conheço, que os sinonimos sam às vezes necessarios: que os epitetos dam muita galantaria, nos-poemas: mas com algumas condicoens. 1. am-de ser coizas, que signifiquem. 2. distribuidos com moderasam. Mas estas duas coizas sam, as que pola maior parte ignoram, estes Poetas: e com tanto-que configam o consoante, nam reparam, em tudo o mais. Mas sobre todos, este tal *Frei Antonio das-Chagas*, caio nisto: quazi todas as suas obras, consistem em palavras, sem conceito, e sem significado. Os Romances sam menos maos: tambem o Saco da-Jeruzalem Celeste, ainda-que

que cheio de aluzoens mui destemperadas, pode pafar : os Sonetos quazi todos fã pestes : e o mesmo digo da-Filis, que muitos louvam, porque a-nam-intendem. Sei que se V. P. ler isto ao P. *** me-terã por-um Cafre, que nam intende, que coiza é Poezia : mas eu nam falo sem prova : e quando ele me-fouber responder, entã lhe-darei razã.

Bafta que V. P. leia os titulos, de muitos Sonetos ; para conhecer o que digo. Quando eu leio estas infãsoens : = *Achãdo na beleza de Filis, razã para deixãla* = *aos olhos de Filis com nevoas* = *finẽza de nam amar a Filis* = *fazendo merito da-ouxiãda* = *duvidas de declarar-se* = *fazendo razã do-atrevimento* = *confuzã do-seu amor* = *fãindo Filis de noite oa campo* = : e outros afumtos semelhãntes ; ja sei, que as compozisoens fã parvoisẽs : e com efeito compare V. P. os do-*Chagas*, com estes titulos ; e veja se concordã, e se os-intende. O mesmo lhe-digo do-*Pina*, e outros semelhãntes. Persuada-se V. P. que um afumto mao, á-de produzir mãs obras : porque se um argumento fecundo, tratado por-um omem que sabe, às vezes nam fãie bem ; que farã um infecundo, principalmente tratado, por-quem nam sabe elogiar ? E' necesario ter muito ingenho, e juizo, para saber tratar bem, semelhãntes argumentos. E porque muitos nam tem, estas duas circumstãncias ; por-iso nacem estas compozisoens, de que nõs nos-rimos.

Mas pasemos dos-Sonetos, ao poema Epico, à famoza Filis do-dito *Chagas* : e verã V. P. que nada mais é, que uma enfiãda de anti-tezes, que nada significã : e que só agradã a estes, que se divertem com consoãntes Gregos, sem intenderem o que lhe-agrada. Tudo isto se-ve, no-principio do-poema : oufa V. P. a primeira Oitava.

*Yó que en la flor de mis primeiros años
Cantè de Amor, las dulces tiranias ;
Y en los echizos de agradables daños
Menti las horas, y engañè los dias :
Aora en numerosos desengaños,
Si llanto sòn las consonancias mias ;
De la beldad que fue de Grecia espanto,
Lloro el amor, y la tragedia canto.*

Nesta oitava achã-se mil coizas galãntes : *dulces tiranias* = *agradables daños* = *menti las horas* = e outras coizas destas, que jogã os murros. Especialmente confidero, a estructure da-Oitava. Na primeira quadra diz isto : *Que ele, que no-principio da sua idade, fixera versos amãtorios, e asim passãra os dias* : Esta parte pedia outra segunda, em que disese : *Que agora, dezingãnado daquelas puerilidades, se-ocupava em fazer, um poema Epico, e serio*. Assim comesa *Virgilio* a sua *Eneide*, e outros Poetas : mas isto é o que nam diz o noso *Chagas*. Parece-me, que na palavra *numerosos*, queria significar *metricos* : e isto cuido que nam significa, mas que só significa

nifica muitos: porém isto nam e nada. A parentezis = *Si thanto son las consonancias mias* = nam tem conexam, com o que acima dise: as consonancias, ou os versos podem ser *choro*, e *canto*; quero dizer, *alegria*. Mas nem menos concorda com o que abaixo diz, o que acima dise: porque nam é boa opposiçam esta: *Tendo até aqui feito versos amatorios; agora com muitos dexinganos, (se é que os meus versos sam choros) choro o amor, e canto a tragedia*. A palavra *canto* na primeira quadra deve significar, nam quem canta cantigas, mas quem faz poemas: e neste sentido a-tomam todos os Poetas, e o *Chagas* tambem: pois o que quer dizer é isto: Que tendo feito muitos versos, na sua mocidade; agora se empregava em outros asuntos. O que suposto, opondo-lhe na segunda quadra, o *choro*; diz uma parvoice: pois o contrario a poezias amatorias, é cantar coizas graves. Onde contrapondo-lhe o *choro*; vem a tomar a palavra *canto*, como equivocca; que é coiza indigna de um poema Epico. Tambem aquela antiteze ultima = *lloro el amor, y la tragedia canto* = é uma puerilidade. Bem se-mostra que o Poeta, novamente quer introduzir por-equivocca, a palavra *canto*. Alem diso, se o argumento da-sua obra, é uma tragedia, amatoria; separando o amor da-tragedia, diz outra parvoice. Palermos à segunda Oitava.

Musa que cultamente amaneciste

Candida en las auroras de mi oriente;

Y al alma tantas vezes me infundiste

Tu divino furor, tu afecto ardiente:

Si dignos son de tu concepto triste,

Numeros tiernos de una voz doliente;

Mi afecto inflama, harè que en dulce rima

Cante el dolor; la consonancia gima.

Tem V. P. nesta Oitava, quazi as mesmas incoerencias. *Musa candida*, eu nam sei o que quer dizer. *Amaneciste en las auroras de mi oriente*, sam três sinonimos viciozos: *amanhecer na aurora*, é uma parvoice: *aurora do-oriente*, é ainda maior parvoice. Aquela repetiçam = *Tu afecto ardiente* = nam tinha lugar despois de *furor*: porque a Muza comunica o seu furor, ou veia; quero dizer, dirige o Poeta no-canto: mas nam comunica o seu affecto. *Concepto triste*, impropriamente se-aplica à Muza: a qual nam é triste: e muito menos, quando inspira Epopeia. Finge-se que a Muza seja uma Deusa, toda occupada em alegrias; a quem o Poeta invoca, paraque lhe-conceda um espirito, digno do-Parnazo. *Una voz doliente*, supoem, que o Poeta está aflito: e isto é improprio em um Poeta, que nam escreve os seus tormentos, mas os alheios. Que outra coiza avia dizer Demofonte, se compuzese a sua istoria? O ultimo verso é uma antiteze ridicula, e verdadeiramente coiza de rapaz: novamente opoem aqui o Poeta o *choro*, ao *canto*; sendo coizas, que no-nosso caso nam sam oppositas: por-que *canto* aqui nam significa cantar. O que diz o Poeta, se-re-

é a isto: *Que a dor á-de cantar, e a consonancia, ou o verso á-de gemer:*
 e quem pode ler isto sem rizo?

Finalmente eu paro aqui: porque se quizesse examinar todas as Oitavas, comporia um volume. Basta que V. P. o-leia, e examine, e achará que todo o livro se-compoem d'isto; e de palavras que nam se-intendem; e epitetos que nam significam nada. Confesso, que ainda nam vi Poeta, que e creyendo tanto, disese tam pouco, como o *Chagas*. Estas reflexoes que faso a V. P. sobre o *Chagas*, posso fazer em outras obras; nam só de autores das-duzias, mais ainda daqueles que se-acham joeirados, na *Fenix Renacida*; e em outras colecoes de poemas. Mas escolhi este autor, porque é mui conhecido, e louvado, e procurado de muitos: e assim quiz apontar um, para exemplo. O que porem digo dele, deve-se aplicar a todos os outros, que seguem o mesmo estilo. O ponto está ter bem na tabela, as regras da-Poezia; e examinar sem paixam, as obras; que facilmente se-descobrirám, os defeitos.

Se V. P. com estes principios, toma o trabalho de examinar, muitos dos-seus Poetas, ou a maior parte deles; achará, que tropeçam no-mesmo defeito do-*Chagas*; com a unica diferenca de mais, ou menos: e ainda muitos dos-que tem bom ingenho; porque lhe-falta o juizo, para saberm examinar as materias. A regra que eu observo neste particular, é esta: quando vejo um Poeta destes, que se-serve de expressoes, que nada significam; ou que compoem desorte, que o-nam-intendem; asento que nam quiz ser entendido; e em tal cazo, procuro fazer-lhe a vontade, e nam o-leio. Com esta sorte de omens faso o mesmo, que com os laberintos, e enigmas &c. os quais nunca me-cansei em decifrar. eles que o-fazem, que se-divirtam com isto. Se todos asentasem neste principio, veria V. P. como se-mudava a Poezia nestes paizes: porque seriam obrigados os Poetas, a lerem somente as suas obras: e assim, ou se-dezinganariam eles mesmos com o tempo; ou, nam enganariam os outros: e poderse-iam achar Poetas, de algum merecimento: principalmente se chegassem a conhecer, quais sam os requisitos necesarios, para a Poezia. A razam destes inconvenientes é, porque se-persuadem comumente, que para ser Poeta, basta saber a medida de quatro versos: e saber ingenhar conceitos exquisitos. Quem se-funda nisto, nam pode saber nada: sam necessarias muitas outras noticias. É necessario doutrina, e intender bem as materias que se-tratam. é necessaria a Filosofia, e saber conhecer bem, as asoes dos-Omens, as suas paixoes, o seu carater: para as-saber imitar, excitar, e adornecer. Aqui entra novamente a Retorica, que supoem todas aquelas coizas: entra uma pouca de istoria, para nam dizer parvoices: entra a istoria da-Fabula &c. Tudo isto se-mostra manifestamente, nos melhores poemas que temos da-Antiguidade. *Virgilio*, e *Oracio* &c. eram omens que intendiam perfeitamente, que o tratavam: e sabiam muita coiza, que introduziam pro-

propriissimamente, nos-seus poemas; de que se-compoem, o ornamento deles. O mesmo digo, de outros Poetas modernos, e insignes. Onde quem nam tem estes fundamentos, é verisajador, mas nam Poeta: e necessariamente á-de dizer, muita parvoice.

Seguia-se despois destas reflexoens gerais, falar especialmente, nos defeitos das-particulares: mas nem eu tenho tempo para isto; nem o-permite, a brevidade de uma carta. Onde, somente direi alguma coisa mais geral, que compreenda as composicoens pequenas; e tambem alguma coisa do-poema Epico; visto que o Dramatico nam tem uzo, em Portugal. Digo pois, que nestes paizes vejo, mui radicada certa opiniam, de chamar Poeta, a quem o-nam-é: e dar estimasam a poezias, que a-nam-merecem. Uma vez que um omem faz um Soneto, com algum conceito; ou Decimas, com alguma naturalidade; acham-se logo mil admiradores, que dizem, ser famoso Poeta. V. P. terá ouvido frequentissimamente, que quando em um Oiteiro se-gloza um mote, com facilidade; estam prontos mil aplauzos, para o Poeta: ou o-prezencieei muitas vezes: e esta é a comua opiniam. Mas na verdade é um ingano comum, porque aquilo nam é ser Poeta, nem para lá vai. Semelhantes sortes de composicoens, nam dam credito a ninguem: isto persuade a boa razam, e a experiencia. Quanto à experiencia, prugunte V. P. (o que eu ja fiz) a um destes Glozadores, qual é o artificio da-Poezia; e verá que nam sabe de que cor é: e nam digo só destes das-duzias, mas ainda dos-que glozam felizmente: e consequentemente nam é Poeta. A razam confirma o mesmo: porque o artificio destas obras nam é nenhum: a sua contextura é tam facil, que por-mao que seja o Poeta, sempre acerta com elas. A Decima, a Quintilha, o Madrigal, as Liras, a Silva, o Romance lirico, Quartetos puros, e de pé quebrado, Tercetos &c. nada mais pedem, que a naturalidade do-conceito, e expresam: quando muito, algum bocadinho daquele *ingenho mixto*; que consiste, em ter no-fim algum pensamento meigo; explicado com alguma fraze agradavel, e delicada, ou coisa semelhante. Isto nam pede talento, mas somente alguma imaginasam: a qual nam se-acha omem tam desgrafado, que a-nam-tenha. Onde, posto isto em trages de Poezia, saie uma Decima, ou coisa semelhante.

Nam digo, que um bom Poeta, nam possa fazer estas coizas tambem; que agradem aos omens, de melhor penetrasam: sendo certo, que quem tem juizo o-mostra, ainda nas coizas pequenas; como fizeram os Antigos: o que digo é, que explicando um pensamento, polo modo que apon-to, pode qualquer fazer Decimas &c. que agradem. Antes é muito de advertir, que quando estes poemas pequenos se-estudam muito, e neles querem mostrar muito estudo; cheiram a Filozofia, e perdem toda a grasa. Estes defeito tenho observado, em muitos Espanhoes, e Portuguezes; que se-preparam para fazer uma Decima, a uns olhos azuis; ou a uma Dama

que deixou cair, uma luva em terra; ou a um final que se-despegou do-rosto; e outros semelhantes assumtos; como se ouvessem de cantar a guerra dos-Romanos, com Mitridates, ou com cartago. Isto é um defeito essencial: e é nam saber aplicar o poema, ao assumto: sendo certo, que semelhantes composiçoes só se-inventaram, para assumtos ou burlescos, ou amatorios; ou de coizas domesticas, que nam permitem estudo particular: e assim todo o merecimento de semelhantes obras consiste, n'um conceito delicado, e natural. O Poeta perde a naturalidade, todas as vezes que procura, com grande estudo, mostrar ingenho: e nunca dezagrada mais, que quando procura agradar muito: porque o conceito á-de apresentar-lhe, e nam procurar-se.

Por-este motivo sam dignos de rizo certos Poetas, e Poetazes, que fazem Romances, e coizas semelhantes; com tal estudo, que namie-intendem sem comentario. A *Madre Joana de Mexico*; é uma delas: tambem *Gongora* nos-seus Romances: e dos-modernos *Eugenio Gerardo Lobo*: que tem alguns, que, ainda despois de muito estudo, nam se-percebem. Finalmente isto é defeito geral dos-Espanhoes: e dos-que eu li, nam achei algum, que nam pecaie nisto. Dos-Espanhoes o-receberam os Portuguezes, e poucos sam os que se-excetûam. O *Chagas* nos-seus Romances, tirando em certas partes, é dos-mais naturais: tambem o *Camoens* no-lyrico. Vi tambem neste genero alguma coiza do-*Conde de Tarouca*, morto no-Imperio; que me agradou pola naturalidade, e imaginavam: e algum outro, mas raro. Dos-oscuros nam cito exemplos, porque nam á coiza mais comua que isto: e neles poderá V. P. reconhecer, este defeito. O pior é, que se um omem faz uma Decima, ou coiza semelhante, como deve ser; nam agrada a esta sorte de Poetas, e chamam-lhe coiza trivial: querem ideia mais superlativa: e sempre o obscuro, inverosimel, arastado, lhe-parece que encerra, melhor doutrina. Mas o fal do-negocio consiste, em mandar isto à sua Dama, ou a um amigo, que o-nam-intende: e ficarem lambendo os beiços, dos-apluzos. Isto vale o mesmo, que se lhe-mandasem uma Ode de Pindaro, ou Anacreonte; porque umas e outras seram Gregas. Nam é crível, quanta gente padece esta infermidade: que para mostrarem ou doutrina, ou ingenho; procuram nam serem entendidos, nam só nas composiçoes, mas ainda nos-discursos familiares. Achei-me em uma Profissam de Freiras, onde vi certo *** que sendo dezafiado por-uma Freira, despois de falar muito, lhe-falou nas *precizoes objectivas* dos-Logicos, e repetio muito verso Latino. Mas a Freira nam cedeo: porque se ele falava latim, ela falava uma lingua, que ninguem entendia. Despois de falar muito tempo, com um profluvio de palavras incrível; juro a V. P. que nam pude perceber, o que ela queria dizer: pois aindaque as palavras eram Portuguezas, a fraze poreu era tal, que nam se-podia decifrar. Esta Freira tem muitos parentes neste mundo. Concluo pois, que esta sorte de poemas, que

que pedem fomite naturalidade , e alguma imaginação ; a ninguém podem dar nome , de Poeta.

O Soneto também pertence a esta regra : mas é certo , que pela qualidade do-verso , admite mais elevação de expressões , que os outros poemas nomados. Contudo isto defendo , que o conceito deve ser natural : deve ter verdadeiro ingenho : e só na maneira de explicar-se , é que está a galantaria do-Soneto. Consiste pois a obrigação do-Soneto , em propor na 1. quadra o assunto : na 2. explicá-lo com algum conceito : de que se tire o argumento , para os tercetos. Os Poetas , que tem mais cabedal , expõem o assunto nos-primeiros dois versos : nos-dois segundos começam a discorrer. Tal é o Soneto feito á morte de uma Senhora , cuído que pelo Bachelar , e diz assim :

*Venceo a Morte , o Fabio , a Formoxura.
Amarilis a bela é cinza fria.
Procura Amor fazer , que o-nam-sabia ,
E esconde o caso , nesta pedra dura &c.*

Outras vezes o Poeta expõem na primeira palavra , o assunto : e desta sorte é o Soneto , que citei a V. P. em outra carta , feito a uma cara mui feia. Mas nem todos os assuntos , se podem propor assim ; e podendo , nem todos os Poetas são capazes , de o-fazerem. Porém é grande beleza do-Soneto , que na primeira quadra diga algum conceito ; que dê materia a todo o discurso da-segunda ; e encadeie naturalmente com os tercetos. E sem sair de-tal Soneto , o-repetirei novamente ; porque me-parece que prova , o que digo.

*Es feia : mas desorte , que orroroxa
A tua vista é bela a feialdade :
Mas tens fortuna tal , que a enormidade
Te-consegue , os tributos de formoxa.
Cara tam feia , coiza tam pasmoza
Todos observam , e move a raridade.
Nam desperta o comum a curxidade :
Ser rara , é que te-adûla vaidoxa.
Ama-se o Belo , e cega o mesmo afeto.
O Feio , pois nam liga o pensamento ,
Deixa miudamente ver o objeto.
Isto faz que se o bserve esse portento.
Quanto estás obrigada , a esse aspeto ;
Se no-enorme te-dá merecimento!*

Neste Soneto . que em tudo é natural , o conceito dos-dois ultimos versos da-primeira quadra , prova-se na segunda , e se-confirma nos-tercetos : dando materia ao conceito do-fecho , que é nobre e natural , e diz mais do que soa. Mas nem todos seguem este parecer : e verá V. P. infinitos

Sonetos , ainda de omens que prezumeem ser Poetas , que pecam contra tudo isto. Eles tem dois extremos : ou dizem conceitos inverosímeis , e encarecimentos tam fóra do escolio , que ninguem os-pode soffrer : ou dizem frioleiras ; ou finalmente servem-se de conceitos , que nam é facil intender : e o melhor da-galhofa está , em que ornarn tudo isto com frases , que nam se-percebem. De tudo achará V. P. exemplos , sem sair do-*Chagas* : o qual tem Sonetos em que se-acham , estas trez coizas : inverosimilidades , oitcuridades , e frialdades.

→ Quanto às inverosimilidades , nam queira V. P. melhor prova , que o Soneto Espanhol , feito ao pé pequeno d'aquela Senhora &c. mas ainda á outros. Faz ele alguns Sonetos , a que chama *Eroicos* , e entre eles algum ao *Conde da-Torre* , que matou de um golpe um toiro. Assunto mui mimozo dos-Portuguezes , ao qual tenho lido infinitos Sonetos , de diferentes autores. Intende V. P. que este titulo *Eroico* , promete um pensamento nobre e admiravel? assim devia ser , mas nada menos é : e nestes eroicos-entram igualmente as futilzas , e impropriedades. Se-me-nam-dá credito , oufa o primeiro , que diz assim :

*Tam grande golpe , o Conde illustre , destes
Neste amante de Europa que matastes ;
Que só o estrago , que ao ferir causastes ,
Todos os Signos atouou celestes.*

*Tam veloz , tam bizarro acometestes ;
Que , no-impulso menor com que voastes ;
Ao golpe orrendo a morte anticipastes :
E por-demais a excusam fizestes.*

*Faltou emprego à espada , ao braço forte
Lugar : onde aparece a desmedida
Força , que enveja Alcides , e Mavorte.
E intendo que ambicioso da-ferida ,
Por-ser o bruto o credito da-morte ,
Causa vos-deu , para tirar-lhe a vida.*

Este Soneto que V. P. aqui vê , é mui gavado : mas examinado ele bem , é parente chegado dos outros amatorios. Na primeira quaderna se-observa a puerilidade , de chamar ao toiro , *Amante de Europa* ; semente para dizer , que se-espantáram os mais signos celestes. Tomára que me-disse , se se-espantou tambem o signo de *Libra* &c. Na 2. quadra desfaz , o que disse na primeira : e afirma , que o Conde nam matou o toiro ; mas fez semente a eroica assim de dar em um corpo morto : e o mesmo confirma , no-primeiro terceto. O que contem o ultimo terceto , nam se-pode intender : porque que queira dizer *Credito da-Morte* , eu nam fei : o que fei é , que para fazer uma antiteze ridicula , de *morte* , e *vida* : compoem dois versos , que nada significam. Parece que queria dizer o Poeta , que o bruto , que era inimigo da-more , fo-

fora com gosto oferecer-se a ela. Mas isto, alemdeque desmente o que primeiro dissera, que ele nam matára o boi; nam se-pode explicar, com o ultimo verso: porque *dar cauza* pode a alguem, sem se-oferecer à morte. Em uma palavra, isto é um conceito Grego. É ditto achará V. P. frequentemente, no-mesmo autor. Os seus conceitos eroicos, sam tam superlativos, que eu os-nam-intendo. Em outro Soneto a *D. Joam de Castro*, sobre o mesmo assunto, conclue assim:

*Do-valor forte foi: mas de tal sorte,
Que a sorte foi valor, Castro bizarro:
Sem ser azar do-bruto o dar-lhe a morte.
Antes se-ve, que com feliz desgarrro
Lá no carro da-Fama está mais forte,
Que este que foi de Europa amante escravo.*

O consoante ultimo parece devia ser *escarro*, e nam *escravo*: mas o conceito obriga a dizer, o contrario. Porem isto é nada: o que eu digo a V. P. é, que o que querem dizer estes dois tercetos, confesso a minha ignorancia, eu nam sei: nem até aqui achei, quem me-explicasse. V. P. terá o trabalho de o-consultar, com aquele seu amigo, que louva tanto este autor: e notar de caminho, se, escrevendo em Tartaro, podia ser menos intelligivel. Quando estes Poetas, querem fugir da-obscuridade, declinam para outro extremo; que é, dizer coizas, que nam tem graça alguma, a que se-chama frioleiras. É tal é o fecho de outro Soneto, ao mesmo assunto, e polo mesmo autor: que eu repetirei todo, porque se no-fim é mais claro, nam é menos galante no-principio.

*Foi, o Conde bizarro, de tal sorte
A vida dese bruto prezumida;
Que o Roxo mar da-mais cruel ferida
Julgava escrito seu alento forte.
Mas só vós, raio illustre de Mavorte;
Fizereis, com puxansa nunca ouvida,
Que por-orde sair nam pode a vida,
Soberba intrase arrebatada a morte.
Emfim caio o bruto: e parecia,
Que o tom do-golpe, que nos-vaes dura,
Em todo o ar exequias lhe-fazja.
Pois foi dessa espada a forsa dura,
Que ainda a terra parece que lhe-abria,
Com os sobejos do-golpe, a sepultura.*

Este Soneto é parente do-antecedente. Esta fraze *vida prezumida*, nam sei o que significa: muito menos intendo, os dois ultimos versos da-primeira quadra: é tam sublime o conceito, que creio, que nem menos o seu amigo ** se-atreverá a explicálo, em boa proza. Tambem aquilo de cha-

mar *Mar roxo*, ao *Mar vermelho*; nam se-pode perdoar a um omem, que fez, ou intentou fazer um poema Epico. A antiteze que se-acha na 2. quadra, de *Sair vida, e intrar morte*, é outra inglezia. O que eu acho é, que se o toiro morreo de uma cutiladada, pola mesma parte por-onde iutrou a morte, saio a vida no-sangue: e isto nam é *puransa nova*; mas é coiza bem uzual. O ultimo terceto, tem um conceito bem ordinario, e em tudo semelhante, ao de outro famoso Soneto ao meimo assunto, que comesa:

Foi para o raio de aso curta esfera,
e conclue assim:

Que emprego sofrerá forsa tam dura?

Abra o boi: rasgue a terra: e desta sorte

Saia em sobras da-morte, a sepultura.

Mas eu devo dizer o que intendo: acho que em ambas as partes os Poetas disseram, o que diria qualquer omem de ganhar. despois de terem engrandecido tanto o golpe, sam mui frios na concruzam. Para acompanhar com o Soneto, parece-me que tinham dois conceitos, mais exquisitos. Uma era dizer, que com a forsa da-caida furára o bruto, o globo terra-queo; e fora parar, no-emisterio dos-Antipodas. O outro era concluir, que ao toque da-espada, se-anihilára o bruto: tomando esta palavra, no-sentido filozofico, que supoem uma forsa mais que umana. Cuido que isto era mais conveniente, ao estilo de Portugal. V. P. diga ao seu amigo; que fasa nota destes dois conceitos; para se-servir, nas ocazioens de toiros.

Em outra parte faz o mesmo *Chagas* dois Sonetos, que acabam com duas frioleiras insupportaveis. Um é feito, à morte da Infanta D. Joana, e conclue assim:

Transposta quando menos admirada,

Aconteceo na aurora de uma vida,

E se-eclisou de um Sol na madrugada.

Mas sendo as luzes tantas, quem duvida,

Se era o viver de muito desejada,

Que o morrer foi de pouco merecida.

O outro é feito, a outro cavalo do-*Conde de Sabugal*, que campiava bem. Este autor era tentado com tais assuntos: e creio que na cavalariça do-dito Conde, nam deixou animal sem Soneto: finalmente fez um, que concluía assim:

Nó pues de Febo el tiro luminoso,

Nó de Alexandro el Zefiro animado

Rapido se compita, o generoso.

Pues preferiendo a todo lo animado,

Los puso desayrados en lo ayroso,

Corridos los dexò con lo parado.

Estes dois fechos sam as maiores trialdades, que eu ainda vi : nam se-podem ler sem compaixam : e isto alem de terem antitezes, e versos, que nam se-intendem.

E nam cuide V. P. que isto succede fomento no-*Chagas*, e outros Poetas ; acha-se nos-melhores : e *Camoens* é um deles. Este omem, que no-Lirico tinha muita naturalidade ; querendo introduzila nos Sonetos, fez a maior parte deles sem grafa alguma. Ponho neste numero os dois gavadinhos, que se-tem glozado cem mil vezes : começa um :

Sete años de pastor Jacob servia :

e conclue assim :

*Comesa de servir outros sete años
Dizendo, Mais servira, se nam fora
Para tam longo amor, tam curta a vida,*

outro começa :

Alma minha gentil que te-partiste :

e acaba :

*Roga a Deus, que teus años encurtou,
Que tam cedo de cá me-leve a verte,
Quam cedo de meus olhos te-levou.*

Confidere V. P. sem paixam, estes dois Sonetos ; e observe se acha neles, o carater do-Epigrama. Eu digo que nam : porque o Epigrama deve concluir, com algum conceito que agrade, e arrebate com a novidade ; e deixe intender mais, doque nam diz : e isto é o que eu nam acho, em nenhum deles. O primeiro contém uma istoria, sem arteficio algum poetico : e conclue com um comprimento bem uzual. Um amante logrado, que menos podia dizer que isto : *Mais servira, se nam fora pouco todo o tempo, para empregar no-seu serviso?* Contudo isto, nam obstante ser uma coiza fria, eu observe outro defeito maior, que é a impropriedade. Para fazer uma antiteze, de *amor longo, vida-curta*, serve-se de uma fraze impropria : pois *amor longo*, é parvoice ; porque refere-se *a tempo* : e aqui deve-se referir a grandeza ; e dizer, *amor grande* : no-qual cazo vai por-terra, o conceito. Do-outro Soneto digo o mesmo: todo se se-reduz a isto = *Tu que estás la no-Ceo, pede a Deus, que me-leve a verte depressa* : e que menos se-pode dizer, a um morto amado ? Este é outro fecho semelhante ao do-*Borges*, que fazendo um Soneto, a morte da-*Infanta D. Francisca*, falando com a Morte, conclue assim :

*Se nam poles ja ter igual projeto,
Pendura a fouce, e deixa de ser Morte.*

Se o disêse ao principio, e dele deduzise alguma coiza boa ; seria menos mau ; mas rezerválo para o fim, é nam intender este officio. Esta especie de conceitos, nam é necessario dizelos : estam ditos por-si, e todos os-diriam. Neste mesmo fecho do-*Camoens*, noto outra impropriedade. A pa-
la-

lavra *cedo* no-primeiro verso, refere-se a tempo; e quer dizer, *depressa e logo*, sem reparar em idade, ou coisa semelhante. O que posso, compara muito mal o *Camões* um *cedo*, com outro *cedo*, sendo coisas diferentes: e vale o mesmo que dizer: *Assim como tu partistes na flor da idade deste mundo, assim eu parta logo &c.* a qual propoziam manifestamente se-ve, ser uma parvoise. Toda a grafa pois do-dito conceito, se-reduz à palavra *cedo*: que aqui é um rigoroso equivoco: coisas indignas de um Soneto. Onde concluo, que no-*Camões* nam vejo o espirito do-Epigramma; porque a sua naturalidade talvez afetada, o-faz languido: e o Epigramma, aindaque natural, deve ter outra elevação. E assim os que querem fazer bem Sonetos, devem evitar nam só a inverosimilidade, e obscuridade; mas também a frialdade.

Muitas coisas reduzidas a Decima, ou outra tal compoziam, parece bem; que em Soneto parecem muito mal. No estado em que está oje a Poezia; pode intrar no-Soneto, alguma coisa de *ingenho mixto*: porque estes costumam agradar mais. Creio porem que é melhor, fazer poucos e bem que muitos dos-comuns. Esta sorte de poemas imperfeitos valem pouco, e nam são capazes de darem nome, a um Poeta. Onde quando nam são superlativos, nam se-podem sofrer. Este porem é o defeito, de muitos Portuguezes: que fazendo Sonetos mal, ainda assim nam cessam de fazê-los: faram dez e doze a uma roza, e assuntos semelhantes: outros em um Oitavo fazem bastantes glozas, a um só mote: e se os primeiros são maos, os ultimos são peste. Mas, tornando ao ingenho, concluo, que em toda a sorte de poemas pequenos, deve o Poeta ter sempre diante dos-olhos; que o essencial deles é, a naturalidade, unida a um pensamento galante, exposto com delicadeza. Esta pode consistir, em um sentido oculto, que diz muito, quando parece que nam diz nada: em alguma pancada picante, coberta com um veio modesto: em uma grafa, exposta ironicamente com maneira seria: em um pensamento fino, coberto com uma palavra grosseira. No-Soneto porem deve praticar-se isto, com menos meiguise, e mais elevação. No-que reprovoo o estylo de muitos, que se-servem dos-Sonetos, ou Romanes Heroicos, para coisas amatorias; nas quais nam entram bem: porque o verso endecasilabo, pede emprego mais sezudo: o Lirico é proprio para estas coisas.

O que digo do-Epigramma Portuguez, digo também do-Latino, porque as regras são as mesmas: e com mais razão se-devem nele evitar, os equivocos &c. porque a lingua Latina nam sofre, semelhante estylo. Os Epigramas dos-Gregos eram naturais, aindaque com grafa: este estylo seguiu *Catulo*. Porem *Marcial* no-tempo dos-Vespazianos, principalmente de Domiciano; que era a declinação da-cloquencia Latina; e quazi o principio da-idade de bronze, segundo os que intendem melhor; foi o que começou a introduzir, ou refinar as agudezas, e equivocos, nos-Epigramas:
o que

o que agradou entam, porque se-comeiava na-Corte a perder, o bom gosto da-Eloquencia. Com effeito alguns dos-seus Epigramas podem pafar, em obzequio daquele tempo; e tambem do-nofó, que ainda está alguma coisa ocupado, com futillezas: mas fãõ rarifimos, e apoftarei que nam chegam a quinze, os bons. A maior parte porem fãõ frieldades, e parvoifes, que os omens de juizo tem desprezado; e reconhecem estar muito abaixo, da-nobreza de *Catúlo*. Mureto, que imitou tambem *Catúlo*, que parece o mefmo autor, chama a *Marcial*, *Bobo de Comedia*: e o nofo Lilio Gregorio Giraldo, a quem todos os doutos reconhecem; por-omem de juizo exatiffimo nestas materias; diz deles com galantaria, que só podem agradar, aos afnos. Temos mais alguns antigos Epigr. que podem pafar. Dos-modernos acham-fe alguns bonitos: mas incontrei tambem, colefõens de Epigramas modernos, indigniffimos; e a maior parte fãõ afim: e afim é necesario lefõs, com muita advertenciã. O ingenho mixto reina, nestas composifõens; principalmente desde o fim do feculo. XVI. a esta parte. Chamo felicidade fazer um Epigrama, que feja bom. Onde diz com grafa o douto P. Rapin, que o Epigrama fe nam é excelentiffimo, nada vale: e que tam difficultozo é, fazer um bom, que fe-pode contentar, quem chega a fazer um, em toda a fua vida.

Esta materia dos-Epigramas, que fãõ rigorozas infcrifõens funebres a fua origem; aindaque ao depois se-aplicarem, a outras materias; me-conduz a falar, nos-Elogios lapidares: que fãõ um *quid medium*, entre a proza e o verso; e o *Juglar* lhe-chama *libera Poëfis*. Nesta materia tenho pouco que advertir a V. P. por que o-reduzirei a duas palavras. Nenhum omem de juizo, deve feeguir o eftilo, do-*Tezouro*, *Juglar*, *Mafenio*, *Labbé* &c fe é uma rapaziada condenavel, introduzir na lingua vulgar equivo-cos, e futillezas; e que nenhum omem douto faz; que ferã introduzilõs na Latina, em que nós nam temos jurifdifãõ? Alem difõ, a lingua Latina nam permite ifto. Os que eftimam a bela Latinidade, devem efcrever, como os da-idade de oiro; ou quando muito de prata; e nadamais fe-deve imitar. Nos-fins da-idade de prata, é que se-comesãram a introduzir tais agudezas, por-culpa de *Seneca* Filozofõ, e feo fobrinho *Lucano*: mas principalmente de *Marcial*, que florecco pouco depois. Motivo porque muitos bons criticos querem, que a idade de prata acabe com Nero, no-ano 67. de Christo: vendo quanto dali para diante, defcaio a Eloquencia. Mas ainda nos-fins da-idade de prata, nam estava o cazo tam arruinado: o que alcanfo por-infcrifõens de fe tempo. Do-tempo dos-Antoninos para diante, quero dizer, desde os principios do-fegundo feculo de Christo, é que totalmente se-comefõu a arruinar, e intrãram as futillezas: mas pior que tudo, desde a metade do-dito feculo para baixo. Finalmente arruinou-fe a lingua Latina, como imperio Romano, no-quinto feculo, daí para diante reinou a ignorancia, até o meio do-decimoquinto feculo. Contudo atrevo-me a di-

zer, que nam sò nos-fins do-Imperio, mas nem ainda nos-seculos da-ignocancia, se-acha muita futilidade, e equivococ; se os comparamos com os nosos. Somente nos-fins do-decimosexto seculo, comesáram a apparecer: mas totalmente se-rafináram, nos-principios do-decimosetimo: e duráram quazi até os fins do-dito: até que apparecêraõ omens, que reprováram este estylo, e seguiraõ a Antiguidade. Isto basta para mostrar, que se-deve desprezar esta novidade; que é incompativel, com a beleza das-expressoens, e magestade da-antiga Eloquencia. Os ingenhos pobres, é que vam detraz destas ridicularias, para serem estimados; visto nam o-poderem conseguir, por-outro estylo. No-tempo de Augusto, em que cozinheiros, pasteleiros, e moios dos-moinhos, sabiam mais de Eloquencia, e bom gosto, doque a maior parte destes modernos doutores; nam se-escrevia assim: as inscricoes eram naturais, claras; e em poucas palavras. Abra V. P. o *Grutero*, *Reinocio* &c. e verá provado o que digo. Ainda na idade de prata, e bronze, a maior parte das inscricoes sam naturalissimas: o que eu observei muitas vezes, examinando os antigos monumentos, que existem em Roma; esculpidos no-quarto; e quinto seculo: como tambem uma infinidade de sepulturas particulares, dos-seculos inferiores, escritas com toda a naturalidade, e grafa. E isto deve fazer, quem quer merecer louvor: e nam seguir os passos destes ignorantes, que fazem Latinos novos.

Quanto às divizoens de regras em grandes, e pequenas, é certo, que algumas se-acham da Antiguidade; mas raras: e regularmente por-necessidade, de comesar outro capitulo &c. Comumente escreviam sem divizoens, e muito menos divizoens afetadas; como quem escreve carta. O que eu observei muitas vezes: e nam só nas antiquissimas; mas ainda nos-monumentos escritos, até a ruina do-Imperio, e inferiormente. No-fim do-XVI. seculo, é que comesáram a introduzir, esta ridicularia. Começou polos titulos dos-livros: passou aos arcos triunfais &c. De entam para cá *estilo lapidar* significa, um Latim escrito em diferentes regras maiores, e menores, segundo a eleisam de quem escreve. Eu certamente nos-principios de livros, &c. deixaria as coizas como estam: mas nas inscricoes lapidares, nam me serveria destas divizoens de regras à moderna: porque se aquillo nam é verso, que necessidade á, de dispo-lo daquela sorte? Alem disto, as inscricoes lapidares devem ser brevissimas, e clarissimas: e assim nam é necessario divizam, porque nam á motivo, para se-confundir a gente. Isto é o que eu nam posso sofrer, nestes modernos pouco advertidos; que fazem inscricoes eternas. Mas isto é contra o bom gosto: a Antiguidade explicava-se em duas palavras: a simplicidade, e abrevidade, era toda a galantaria das-inscricoes. Li muitas vezes, e sempre com particular gosto, as inscricoes que ainda oje vemos, nos-antigos monumentos, que existem em Roma. No-portico do-Pantheon ainda oje lemos: *M. Agrippa L. F. Cos. Tertium Fecit*: que quer dizer, *Marco Agrippa, filho de Lucio,*
ter-

terceira vez consul, fundou este portico. Esta é do-seculo de Augusto. Mas ainda as inferiores são assim. Vencera Tito Vespaziano os Judeos: demolira Jeruzalem: concluíra uma das-mais obstinadas guerras, que tiveram os Romanos: o Senado, levantando-lhe um arco Triumfal perpetuo, nam disse uma arenga sempiterna; contentou-se de escrever estas palavras: *Senatus Populusque Romanus Divo Tito, Divi Vespasiani F. Vespasiano Augusto.* No frontispicio do-templo consagrado pelo Senado, ao Imperador Antonio, e sua mulher; lem-se estas palavras: *Divo Antonio, & D. Faustinae. S. C.* No pedestal da-coluna Antonina, le-se: *M. Aurelius Imp. Armenis, Parthis, Germanisque bello maximo devictis, triumphalem hanc columnam rebus gestis insignem Imp. Antonio Pio patri suo dedicavit.* E na coluna Trajana triumphal lemos ainda: *Senatus P. R. Imp. Casari Divi Nerva F. Nerva Trajano Aug. Germ. Daeco Pontif. Max. Trib. Potest. XVII. Imp. VI. Cos. VI. P. P. ad declarandum quantæ altitudinis mons, & locus tantis operibus sit egestus.* Deixo de citar outras, porque é coiza bem vulgar. Nestas inscrições ve V. P. a naturalidade, simplicidade, brevidade: sem divisoens, mas com fraze continuada. Se porem algumas vezes, eram as inscrições mais compridas, provinham dos-titulos dos-Imperadores, que se costumavam escrever: ou porque nela se-nomiavam varias pessoas, cadauma com o seu titulo; que é o mesmo que diferentes inscrições: mas isto é raras vezes: o comum era pelo contrario. Nam assim nos-modernos, que fazem inscrições eternas, sem nobreza, ou graça alguma; e com divisoens importunas e afetadas. Mas quando quizessem seguir estas divisoens, pouco importaria; contanto que fugissem, dos vicios apontados. Uma coiza porem nam posso soffrer, e vem a ser, escreverem livros em estilo lapidar, com as divisoens ditas. Se eles intendem, que este estilo é tam proprio das-lapides, que nam pode aver lapide, por-outro estilo; quizerá que me-disessem, porque compoem livro assim: ou é lapide, ou é livro. Nam á coiza mais ridicula que esta. Mas o que merece mais rizo é ver, que quando algum compoem um destes livros, saiem logo os censores, canonizando o dito estilo; e dizendo mal, dos-que desprezam estas rapaziadas. * * * Um bocadinho de melhor gosto na lingua Latina, e um bocadinho mais de reflexam, pouparia estas criticas injustas.

Passando agora às composições modernas, pouco me-fica que dizer. As mais consideráveis entre as pequenas são, a Egloga, Elegia, Ode. A Egloga nam tem uzo em Portugal: em que nam se-aplicam a descrever, a imagem da-vida pastoril, cujo carater é a simplicidade, e moderação, nem tambem esta compoem, pede muito ingenho: basta ser acertado. *Camoens* nas suas Eglogas, introduz tanta variedade de versos, que nam se-podem ler com gosto; porque faz peder, a ideia da-Egloga. Alguma delas consta de Oitavas, Canções, Tercetos &c. mais isto nam se-deve imitar. Pode alguma vez variar-se, a uniam das-rimas: mas na mudança de versos,

Deve-se proceder com cuidado; porque é muito impropria. As outras duas composições, sim se-uzam em Portugal: mas comumente debaixo de outros nomes. A Elegia, tem por-emprego, descrever sentimentos ou amores; ou exprimir qualquer paixão amorosa. Donde vem, que o seu caracter deve ser, o enternecido, explicado por-um modo animado; mas quanto mais pode ser natural: que é o que faz quem chora, ou ama: e aqui tem lugar, as Figuras proprias desta paixão. Cuido que para isto é mais proprio, o Romance Lirico, e a Silva; porque são composições naturais, e que se-podem animar, como cadaum quer: o Endecasilabo nam parece tam proprio para isto; porque as de *Camoens* em Tercetos, nam são bem. Neste particular acho um notavel defeito, em alguns Poetas, que querem fazer do-Soneto Elegia: e afetando um só conceito final, mostram tanto estudo; que destroem a ideia da-Elegia. Uma paixão nam se-dezafoga, em 14. versos: pede composições mais comprida, e livre de afetações: acrescentando a-isto, que nem menos o verso os-ajuda. Mas ainda o Lirico, se se-compoem de discursos separados, como são as Decimas; nam permite liberdade da-expressão, para dezafogar a paixão. Tambem nam aprovo os quartetos Liricos, porque mostram afetação. Com effeito muitas que eu vi, nestos dois generos, cuido que mais moviam as Damas a riso, que a compaixão.

A Ode é aquella composição, com que se-louvam as ações dos Deuses, ou omens illustres. Esta explicação basta para mostrar, que pede um grande ingenho, imaginação elevada, expressão nobre e correta; e toda a galantaria e vivacidade, que se-acha na arte de persuadir. Quer-se juizo, para tecer uma Ode com magestade, e sem defeitos. A Antiguidade nos-propoem *Oracio*, como o melhor exemplo nesta materia: porque soube unir duas coisas bem difficultozas, a elevação, com a delicadeza e doçura. Para isto na lingua Portugueza parece proprio, o Romance Heroico, a Canção, Tercetos Heroicos, quero dizer, endecasilabos: mas o Lirico nam creio que possa satisfazer, toda a grandeza do-argumento. Sobre tudo reprovo muito, elogiar as ações de um homem, em um Soneto: este só pode servir, para uma ação. O verso endecasilabo é fezudo, grave, e parece proprio, para estes argumentos: mas deve a composição ter, o comprimento necessario, de outra sorte soffoca-se: motivo porque nunca pude perdoar a *Camoens*; principalmente fazer composições amatorias, com o titulo de Ode. Estas tres composições, que a qui nomiamos, reduzem-se ao poema Narrativo Epico, de que são partes, ou dependencias.

A Satira é parte da-Comedia, para a qual se-reduz: contudo muitos que não fazem Comedias, divertem-se em fazer Satiras. Mas é necessario muita advertencia, nesta materia. A satira nam deve reprender, senão o que verdadeiramente é viciozo; para instruir os Omens, do-que devem fugir: e para conseguir isto, quer-se muita delicadeza. Quem reprende o

Vicio

Vicio abertamente com invetivas, concitue pouco: por este motivo nam agrada *Juvenal*, que é um declamador. O melhor é, pintar com galantaria, o ridiculo do-Vicio, quazi como quem o-nam-quer mostrar. Este foi o metodo do *Oracio*; que por-isto agradou muito: mas nam foi ele o inventor; foi o Filozofa *Socrates*, que tinha uma arte particular, de descobrir as ignorancias dos-Omens, mostrando de o-nam-querer fazer. Os modernos que seguiram este metodo, conseguiram melhor que outros, o seu intento. A historia de D. Quixote, é neste genero famoza, e galante: gostei muito de a-ler. Polo contrario, os que fazem Satiras oscurissimas, como *Persio*, e dos-modernos *Gracian* no-seu *Criticon*, e *Barclai* no-seu *Euforiam* &c. nam se-podem sofrer: e eu creio, que eles mesmos em varias partes, nam intendem o que dizem. Os nosos Italianos tem um gosto particular, para as Satiras; porque em duas palavras dizem muito, e com galantaria; deixando intender mais, doque nam explicam. Tenho visto algumas Latinas bellissimas, e bem modernas: como tambem Comedias, no-seu genero famozas.

Itto digo da-Satira em comum: nam aconselho a ninguem, que fasa Satiras a peoas particulares, aindaque sejam viciozas; porque é contra a caridade. Em Portugal ainda nam li uma Satira bem feita, ainda das-particulares: as que vi eram afrontas e injurias, nam Satiras. Concluo dizendo, que o verdadeiro modo, que os omens inteligentes tem achado, para compor estes pequenos poemas; é, depois destas gerais reflexoens, apresentar-lhe os melhores exemplos na materia: e mostrar-lhe com o dedo, o artificio, e toda a galantaria. Só assim se-observa, que coiza é ingenho, e agudeza; como, e quando se-pode uzar dela.

Finalmente tendo palado brevemente, pelas composicoens pequenas; direi alguma palavra da-Epopeia, ou poema Epico. Se ouvese de falar nisto como devo, faria um tratado: e assim nam saindo do-meu estillo, farei somente algumas reflexoens. Este poema, como ja disse a V. P., é a coiza mais difficultoza, da-poetia: quer tal ingenho, tal erudicam, tal juizo, que quem o-considera bem, nam se-atreve a fazelo: muito mais se-observa os defeitos, em que caíram muitos, dos-que o-tem emprendido. Ainda disse a V. P. qual é o artificio deste poema, que comprehende em si, todas as especies do-Narrativo: e que por-isto pede, grandissimo fundamento de Rhetorica, para o-poder tratar bem. Nam é esta a fruta dos-Sonetos, e Decimas, que nacen a cada canto; é coiza mais difficultoza: as regras sam tantas, e tam difficultozas, que sam poucos os que se-atrevam, e rarissimos os que nam pequem, contra algumas. Este é o motivo, porque nam produzirei muitos testemunhos, principalmente sendo o meu argumento, conter-me nos-limites de Portugal. Certamente neste Reino, é rarissimo o poema Epico. O Condesavel de *Francisco Rodrigues Lobo*, o *Macabeo* de *Miguel da-Silveira*, a *Ulisea* de *Gabriel Pereira de Castro* por-

confisam dos-mesmos Portuguezes de melhor doutrina , nam merecem este nome : algum outro que possa aver manuscrito , e que agora nam me-ocorre , pertence á mesma classe. Assim parece , que com razam se-dize , que a unica Epopeia que appareceo em Portugal , foi a de *Camoens*. Isto mesmo confirma o que digo , da-dificuldade do-poema Epico.

Se V. P. consulta os seus nacionais , os-achará tam preocupados polo *Camoens* ; que mais facilmente ouviram dizer mal , da religiam , do-que do-poema Epico de *Camoens*. Os que deviam fazer a critica do-dito autor , fazem o elogio. Um destes é *Manoel de Faria e Souza* , que de comentador , se-converteo em panegirista : e em vez de explicar : o que o Poeta quiz dizer , nos-diz o que lhe-parese : vendendo-nos as suas imaginaçoens , polas ideias do-Poeta : e querendo desculpálo ainda nas coizas , em que é mais condenavel. Com effeito este comentador , mostra intender pouco , a materia que trata : ao mesmo tempo em que diz mal , nam leo , ou nam chegou a intender ; nam obitante que muitos o-louvem , como um oraculo. *Inacio Garcez Ferreira* , que fez as notas ao *Camoens* , intendeo melhor a materia. Dos-livros que ele cita , se-conhece logo , que á-de ajuizar melhor ; porque se-servio dos-melhores na Poetica , tanto Francezes , como Italianos. Alem diso , escreveu em Italia , onde teve tempo de consultar , os omens mais inteligentes ; sobre as dificuldades , que lhe-ocorressem. E com effeito ajuiza melhor ; mas nam tam bem , que em algumas partes nam se ingane : como seria facil mostrar , se tivese tempo. Contudo este Portuguez sinceramente reconhece , algumas faltas sustanciais no-*Camoens*. O que basta para me-livrar da-calunia , dos-que me-quizessem condenar , por-meter colherada , nesta materia. Mas como eu intendo bem , a lingua Portugueza ; parece-me que nam sou improprio , para julgar.

Aremos de confesar , que *Camoens* teve muito ingenho , imaginaçam fecunda , e grande : e que se-tivese estudado ou tratado , com quem ensinasse bem , as coizas que devia ; poderia dezempenhar , o argumento da-Epopeia. Com effeito o que fez de bom , tomou dos-nossos : pois nas suas obras reconheço eu , que intendia o Italiano , e que se-proveitou bem do-*Petrarca* , *Boccaccio* , e outros. Teve finalmente muitas qualidades de Poeta : e para aquele tempo , em que nam avia , osconhecimentos , que oje á , é maravilha , que escreveu tam bem. Mas querèlo comparar com *Omero* , como fazem muitos : ou querèlo colocar , sobre os das-outras Nacoens todas ; com a razam , de que o seu poema o-traduzio um Francez na sua lingua ; e o *Paggi* na nosa Italiana ; isto nam deixa de ser temeridade , fundada em uma prova fóra do-cazo. Tambem um curiozo se-divertio , em traduzir o *Vieira* em Italiano ; e contudo ninguem faz caso de tal traduçam , e autor : e o mesmo succede ao *Camoens* ; que a maior parte dos-nossos bons Poetas , nam sabem que o-ouve no-mundo. Alem diso , seria necessario provar primeiro , que estes tradutores eram Poetas , e nam Versejadores : que inten-

intendiam bem a materia; e nam se alucinaram na tradusam. As versoes Espanholas nem menos concluem: porque foram feitas, debaixo do-mesmo clima. Os outros Estrangeiros que o-louvam, fundam-se no-que dizem os Espanhoes, ou Portuguezes, como V. P. pode obliervar: e alguns que chegaram a lelo, nam dizem bem dele.

Na verdade o *Camoens*, entre muito boas qualidades, tem muitos defeitos, nacidos de dois pontos: o primeiro, falta de erudisam: o segundo, de juizo, e discernimento. Primeiramente, errou o titulo da-obra. Os mestres da-arte tomam o titulo, ou da-pessoa, como *Odyfsea*, *Eneide*: ou do-lugar da-asam, como *Iliade*, que e tomado da-Cidade de *Ilio* primaria da-Troade. O *Camoens* em vez de tomar o dito titulo, de *Vasco da-Gama* &c. toma-o de todos os Portuguezes: buscando para isto um termo Latino, que tanto calia aos Portuguezes navegantes, como aos que ficaram no-Reino: e o pior e, que o-toma no-plural, que nam tem exemplo, na boa Antiguidade. Errou a propozisam do-Poema: pois devendo esta conter, uma so asam principal; ele porem em vez de propor, a navegasam do-*Gama*, que era a sua asam; propoem todos os varoens illustres, de que se-compoem a inteira istoria de Portugal; com expresa divizam das-coizas da-Europa, Africa, e Azia: e deles expreiamente promete a El-Rei D. Sebastiam, cantar as asoens eroicas: o que diz desde a Estancia ou Oitava 12. do-primeiro Canto, para diante. Comefeito executa literalmente, o que promete: porque no-principio do-Canto III. descreve a Europa: e desde a Estancia 21. dese Canto, ate o fim do-Canto IV. expoem as coizas da-Europa, e Africa ate El-Rei D. Manoel. No-fim do-Canto IV. entra com o descobrimento da-India; e continua no-V. ate o X. em que fala nos-Governadores da-India: e de palagem toca na America. Desorteque este Poeta na propozisam, inclue todas as partes da-fabula do-poema: que e um erro maficho. Isto vera V. P. nas-duas primeiras Estancias.

I.

*As armas, e os varoens asnalados,
Que da-Occidental praia Lusitana;
Por-mares nunca de antes navegados
Pasaram ainda alem da-Taprobana:
Que em perigos e guerras esforçados,
Mais doque pode a natureza umana;
Entre gente remota ed ficaram
Novo Reino, que tanto sublimaram:*

II.

*E tambem as memorias gloriozas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fe, e o Imperio: e as terras viciozas
D' Africa, e d' Azia andaram devaslando:*

E aque-